

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE
HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Alan Nunes Bica

**SOCIEDADE CARBONÍFERA, ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL: MEMÓRIA, E ESQUECIMENTO NA COMPREENSÃO DAS
RELAÇÕES DE CLASSE, GÊNERO E RAÇA NA CIDADE DE BUTIÁ (RS) NO
PERÍODO ENTRE 1936 E 1964, ATRAVÉS DA CONSTRUÇÃO DE
MAQUETES POR ALUNOS DOS 6º E 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Porto Alegre

2022

Alan Nunes Bica

SOCIEDADE CARBONÍFERA, ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL: memória e esquecimento na compreensão das relações de classe,
gênero e raça na cidade de Butiá (RS) no período entre 1936 e 1964 através da
construção de maquetes por alunos dos 6º e 7º anos do ensino fundamental

Texto apresentado para o curso de Mestrado
Profissional em Ensino de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
para a obtenção do título de Mestre em
Ensino de História.

Orientador: Benito Bisso Schmidt

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Bica, Alan Nunes
SOCIEDADE CARBONÍFERA, ENSINO DE HISTÓRIA E
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: memória e esquecimento na
compreensão das relações de classe, gênero e raça na
cidade de Butiá (RS) no período entre 1936 e 1964,
através da construção de maquetes por alunos dos 6º e
7º anos do ensino fundamental / Alan Nunes Bica. --
2022.
299 f.
Orientador: Benito Bisso Schmidt.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de
História, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Região Carbonífera do RS. 2. Indústria
Carbonífera . 3. Educação Patrimonial . 4.
Interseccionalidade. 5. Ensino de História . I.
Schmidt, Benito Bisso, orient. II. Título.

ALAN NUNES BICA

SOCIEDADE CARBONÍFERA, ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL: memória e esquecimento na compreensão das relações de classe,
gênero e raça na cidade de Butiá (RS) no período entre 1936 e 1964 através da
construção de maquetes por alunos dos 6º e 7º anos do ensino fundamental

Texto apresentado para o curso de Mestrado
Profissional em Ensino de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
para a obtenção do título de Mestre em
Ensino de História.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt
UFGRS

Profa. Dra. Clarice Gontarski Speranza
UFRGS

Profa. Dra. Melina Kleinert Perussatto
UFRGS

Profa. Dra. Tassiane Mélo de Freitas
IFSUL

Em memória da professora, historiadora e minha mãe, Fátima Regina Nunes Bica. Sem ela, não existiria o professor, historiador e agora mestre (assim espero), Alan Nunes Bica.

Quem construiu Tebas, a das sete portas?
Nos livros vem o nome dos reis,
Mas foram os reis que transportaram as pedras?
Babilônia, tantas vezes destruída,
Quem outras tantas a reconstruiu? Em que casas
Da Lima Dourada moravam seus obreiros?
No dia em que ficou pronta a Muralha da China,
para onde foram os seus pedreiros?
A grande Roma está cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu?
Sobre quem triunfaram os Césares?
A tão cantada Bizâncio
Só tinha palácios
Para os seus habitantes?
Até a legendária Atlântida,
Na noite em que o mar a engoliu
Viu afogados gritar por seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou as Índias
Sozinho?
César venceu os gauleses.
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?
Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha
Chorou. E ninguém mais?
Frederico II ganhou a guerra dos sete anos.
Quem mais a ganhou?

Em cada página uma vitória.
Quem cozinhou os festins?
Em cada década um grande homem.
Quem pagava as despesas?

Tantas histórias
Quantas perguntas

(Perguntas de um operário que lê – Bertolt Brecht)

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, preciso agradecer ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela disponibilização de um projeto tão valioso quanto este, que vêm proporcionando a uma série de profissionais da escola pública, a oportunidade de aprofundar suas reflexões, e, por consequência, desenvolver novos conhecimentos.

Ao corpo docente do ProfHistória - UFRGS, dedico o meu profundo carinho e agradecimento. Nas várias aulas, debates, conversas e reflexões, o auxílio e orientação de cada um foi essencial para o resultado alcançado neste trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt, gratidão pela valiosa orientação nesta trajetória rumo à conclusão da dissertação. Sem suas colocações e suas indicações, esse caminho, provavelmente, não poderia ter sido percorrido.

Aos meus colegas do ProfHistória, dedico o meu apreço pela parceria desenvolvida nesta trajetória. Todas as conversas, realizadas quase sempre através do aplicativo WhatsApp, foram importantíssimas para o desenrolar desse caminho.

Agradeço também aos colegas junto à Prefeitura de Butiá, principalmente aqueles relacionados ao Projeto Memória. A cooperação de todos foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho, que se mostrou significativo para o desenvolvimento desta dissertação.

Ao meu amigo, Vagner Pfutze, obrigado pelo convite para trabalhar junto ao Projeto Memória. As experiências adquiridas ao longo destes três anos de projeto contribuíram muito para a minha qualificação profissional e acadêmica.

Agradeço também ao meu pai, Manoel Osório Bica Filho, pelo apoio dado nestes dois anos de formação. Ao mesmo tempo, em especial, agradeço a minha mãe, Fatima Regina Nunes Bica, (In memoriam), pelo apoio dado na minha caminhada enquanto historiador e professor. Sem o apoio deles, provavelmente, algumas barreiras teriam sido bem mais difíceis de serem transpassadas.

Agradeço também ao meu irmão, Rafael Nunes Bica, pela disponibilidade ao diálogo, realizado em inúmeras ocasiões ao longo destes anos. Nossas trocas envolvendo filosofia e historiografias foram bastante produtivas.

Não posso deixar de citar a minha tia, Sueli Boeira Bica, pelo apoio cotidiano, me auxiliando em questões práticas do dia a dia. Suas contribuições foram extremamente valiosas.

Também, ao meu avô, Venuto Bica Nunes, deixo a minha profunda gratidão pelas inúmeras conversas realizadas ao longo destes quase 36 anos de vida. Suas histórias sobre o “tempo da mina”, sobre o trabalho junto às profundezas da terra, foram fonte de inspiração para tudo que desenvolvi ao longo deste mestrado.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a minha namorada, Rosiane Pereira Morais, pela paciência e disposição nestes anos de árduo esforço em busca da finalização deste processo reflexivo. Sem ela ao meu lado, nada disso seria possível.

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma análise de um projeto de educação patrimonial desenvolvido em aulas de história, com alunos dos 6º e 7º anos do ensino fundamental da escola Venceslau Brás, localizada no bairro Vila Julieta, cidade de Butiá, Região Carbonífera do RS. O trabalho compreendeu a produção de maquetes de patrimônios edificados da cidade, previamente escolhidos a partir do Projeto Memória, este, produzido pela Prefeitura Municipal de Butiá desde 2019. O período delimitado vai de 1936 a 1964, quando ocorreu, sob tutela do Consórcio Administrador de Empresas de Mineração (CADEM), o auge e o início da decadência da mineração de carvão na Região Carbonífera do RS, o que, por sua vez, gerou consequências que reverberaram na formação sócio-histórica de Butiá. Ao mesmo tempo, buscou-se desenvolver um projeto educativo que não tivesse em vista a perspectiva do “Conhecer para Preservar” o patrimônio, consagrada no Guia Básico de Educação Patrimonial (1999), mas, a estruturação de uma prática dialógica, horizontalizada e problematizadora, que possibilitasse aos alunos a apreensão dos bens patrimoniais em seus múltiplos condicionamentos, dando-se destaque, dentre tantos outros, para as relações de classe, gênero e raça. Em relação a estes, utilizou-se a perspectiva teórica da Interseccionalidade, que pressupõe o entrecruzamento de relações de dominação e opressão, na compreensão das relações sociais. Correlacionado a isto, intentou-se perceber os processos de memória e esquecimento que envolviam os espaços edificados. No processo de constituição de maquetes, foram disponibilizadas fontes documentais, fotográficas e audiovisuais aos alunos, angariadas ao longo da pesquisa, sendo estas observadas por meio de roteiro de pesquisa previamente organizado. As maquetes confeccionadas pelos alunos apresentaram enquadramentos específicos de classe, raça e gênero, estando em consonância com os condicionamentos existentes nas estruturas da sociedade butiaense, o que permitiu a reflexão sobre tais aspectos. Da mesma forma, conseguiu-se perceber alguns processos de enquadramento da memória que permeiam os patrimônios edificados analisados, bem como a sociedade em que eles se constituíram, possibilitando a identificação e análise de memórias subterrâneas pouco presentes nas aulas de história.

Palavras-chave: Educação Patrimonial. Memória. Esquecimento. Ensino de História. Maquetes. Patrimônios edificados. Butiá. Interseccionalidade. Raça. Classe. Gênero.

ABSTRACT

COAL SOCIETY, TEACHING OF HISTORY AND HERITAGE EDUCATION: memory and oblivion in understanding of class, race and gender sorts in the city of Butiá (RS) between 1936 e 1964 through the construction of built heritage models by elementary school students

Abstract: This dissertation presents an analysis of a heritage education project developed in history classes, with the 6th and 7th grade students of elementary school at the Venceslau Brás school, located in the Vila Julieta neighborhood, city of Butiá, Carboniferous Region of the state of Rio Grande do Sul. The work included the production of the city's built heritage models, previously chosen from the Memory Project, which has been produced by the Butiá City Hall since 2019. In the period between 1936 and 1964, delimited by the research, under the tutelage of CADEM (abbreviation of the consortium which managed the Mining Companies), when the height and beginning of the decline of coal mining in the Coal Region of Rio Grande do Sul occurred, which, in turn, generated consequences that reverberated in the Butiá social and historical formation. At the same time, we sought to develop an educational project that did not have in view the perspective of "Knowing to Preserve" the heritage, enshrined in the Basic Guide to Heritage Education (1999). Instead, we proposed the structuring of a dialogical, horizontal and problematizing practice, which would allow students to apprehend heritage assets in their multiple conditionings, highlighting, among many others, class, gender and race relations. In relation to these, the theoretical perspective of Intersectionality was used, which presupposes the intersection of relations of domination and oppression, in the understanding of social relations. Correlating to this, we aimed to sense the processes of memory and oblivion that involved the built spaces models. In the process of creating the city's built heritage models, documental, photographic and audiovisual sources were made available to the students, collected during the research, which were observed through a previously organized research script. The models made by the students presented specific class, race and gender sorts, in accord with the existing conditions in the Butiá society structures, which allowed the reflection about these aspects. Likewise, it was possible to perceive some memory framing processes that permeate the built heritage models analyzed, as well as the society in which they were constituted, allowing the identification and analysis of subterranean memories that are not very present in history classes.

Keywords: Heritage Education; Teaching of History; Models; Heritage Built; Butiá; Intersectionality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O Rio Grande do Sul e a Região Carbonífera.....	25
Figura 2 – Escola Estadual de Ensino Fundamental Venceslau Brás.....	26
Figura 3 – Anúncio do CADEM.....	30
Figura 4 – Capa do livro “Butiá em busca de sua história”.....	33
Figura 5 – Construção da Escola Mauá.....	35
Figura 6 – Construção do Clube Butiá.....	35
Figura 7 – Grupo de imigrantes ucranianos.....	36
Figura 8 – A cidade de Butiá e a mineração de carvão.....	58
Figura 9 - Os primórdios da exploração do carvão no RS.....	59
Figura 10 - Nicácio Machado.....	60
Figura 11 - A emancipação política.....	61
Figura 12 - As minas de carvão e os trabalhadores na região de Butiá.....	63
Figura 13 - Condições de trabalho.....	64
Figura 14 – Formulário sobre as minas de carvão no RS e luta por direitos.....	65
Figura 15 - Formulário de avaliação.....	66
Figura 16 - O que é Patrimônio?.....	69
Figura 17 – Materiais necessários para constituição de maquetes 1 – patrimônios de Butiá.....	77
Figura 18 - Materiais necessários para constituição de maquetes 2 – patrimônios de Butiá.....	78
Figura 19 - Roteiro de pesquisa 1.....	79
Figura 20 - Roteiro de pesquisa 2.....	80
Figura 21 - Roteiro de pesquisa 3.....	80
Figura 22 - Poço Farroupilha, popularmente conhecido por poço 2 ou “Esqueleto”.....	81
Figura 23 - Foto 1 adquirida por aluna em pesquisa complementar sobre o Colégio das Irmãs.....	93
Figura 24 - Foto 2 adquirida por aluna, mostrando a fachada externa do Colégio das Irmãs.....	94
Figura 25 - Maquete 1 do Poço 2 (Poço Farroupilha) representando este espaço na atualidade, quando ele é conhecido por “Esqueleto”.....	95
Figura 26 - Maquete 2 do Poço 2 (Poço Farroupilha), buscando representá-lo enquanto poço de mineração em funcionamento.....	96
Figura 27 – Maquete 1 da Sociedade Recreativa Ouro Preto, onde é dado destaque à parte externa do espaço.....	98
Figura 28 - Parte interna da Maquete 1 da Sociedade Recreativa Ouro Preto, com detalhamento da parte interna da associação.....	98
Figura 29 - Maquete 2 da Sociedade Recreativa Ouro Preto, representando a parte externa do espaço.....	99
Figura 30 - Parte interna da Maquete 2 da Sociedade Recreativa Ouro Preto, onde se verifica a reprodução de uma sociabilidade da comunidade negra na entidade.....	99
Figura 31 - Maquete 1, representando o “Colégio das Irmãs”, com sua nomenclatura original.....	101
Figura 32 - Maquete 2, mostrando a estrutura externa do “Colégio das Irmãs”.....	102
Figura 33 - Maquete 3, mostrando o “Colégio das Irmãs”, com um jardim externo.....	102
Figura 34 - Maquete 4, mostrando o Colégio das Irmãs, com as freiras cuidando do jardim.....	103

Figura 35 - Maquete 1, mostrando a estrutura externa do Cine-Teatro.....	104
Figura 36 - Maquete 1, mostrando a estrutura interna do Cine-Teatro, representando uma sala de cinema.....	104
Figura 37 - Maquete 2, mostrando o Cine-Teatro em amarelo, e o prédio que atualmente abriga uma filial da Loja Lebes, em verde. Percebe-se neste último, na parte superior, uma representação da Rádio Sobral.....	105
Figura 38 - Maquete 1, mostrando o Brasil Futebol Clube, com sua fachada externa.	106
Figura 39 - Maquete 2, mostrando o Butiá Futebol Clube, com sua fachada externa...	106
Figura 40 - Maquete 3, representando o Brasil Futebol Clube, bem como um evento esportivo sendo realizado.....	107
Figura 41 – Postagem da Escola Venceslau Brás no Facebook, sobre a primeira exposição de maquetes.....	110
Figura 42 – Postagem da Escola Venceslau Brás no Facebook, sobre a segunda exposição de maquetes, realizada ao lado da EDTC.....	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 A REGIÃO CARBONÍFERA DO RS E A CIDADE DE BUTIÁ	26
1.1 – OS PRIMÓRDIOS DA EXPLORAÇÃO CARBONÍFERA NO RS E EM BUTIÁ.....	28
1.2 - A “ERA CADEM” E A “MEMÓRIA OFICIAL” DE BUTIÁ.....	31
1.3 – A “ERA CADEM/DACM”.....	36
2 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA PROPOSTA BASEADA NO DIÁLOGO CRÍTICO COM ESTUDANTES E COMUNIDADE ESCOLAR	42
3 AS TURMAS E AS SUAS PERCEPÇÕES INICIAIS DO PATRIMÔNIO DE BUTIÁ	53
3.1 - CONSTITUINDO UMA REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DE BUTIÁ, OS TRABALHADORES DAS MINAS DE CARVÃO E O PATRIMÔNIO HISTÓRICO.....	55
3.2 - INICIANDO OS TRABALHOS: UMA EXPOSIÇÃO SOBRE A TRAJETÓRIA DA MINERAÇÃO DE CARVÃO NO RS E A HISTÓRIA DE BUTIÁ.....	58
3.3 - BUTIÁ: A MINERAÇÃO DE CARVÃO, OS TRABALHADORES DAS MINAS E A JUSTIÇA DO TRABALHO.....	62
3.4 - O QUE É PATRIMÔNIO? UMA REFLEXÃO SOBRE O PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE BUTIÁ.....	68
4 A CONSTITUIÇÃO DAS MAQUETES: ENSINANDO HISTÓRIA E EDUCANDO COM O PATRIMÔNIO EM TEMPOS DE PANDEMIA	72
4.1 - UMA CONJUNTURA PROBLEMÁTICA: PRODUZINDO MAQUETES EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	73
4.2 - ORGANIZADO UMA PROPOSTA DE TRABALHO: AS ETAPAS NECESSÁRIAS AO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DE MAQUETES.....	75
4.3 - MÃOS À OBRA: AS MAQUETES SURGEM NO HORIZONTE DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE BUTIÁ.....	82
4.4 – EXPOSIÇÃO DE MAQUETES DA ESCOLA VENCESLAU BRÁS: UMA REFLEXÃO SOBRE O PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE UMA COMUNIDADE CARBONÍFERA.....	94
4.5 - CONSIDERAÇÕES SOBRE UM PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS DE UM PROJETO DE MAQUETES EM UMA CIDADE CARBONÍFERA	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122
ANEXOS	125
ANEXO A.....	126
ANEXO B.....	145
ANEXO C.....	149
ANEXO D.....	164
ANEXO E.....	166
ANEXO F.....	169
ANEXO G.....	182
ANEXO H.....	199

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como proposição, possibilitar as condições para uma melhor compreensão, junto a estudantes do ensino fundamental, do desenvolvimento da sociedade carbonífera butiaense, principalmente no que se refere às relações de classe, gênero e raça, entre os anos de 1936 e 1964, período compreendido como de auge e decadência da mineração de carvão em Butiá, bem como na Região Carbonífera do Rio Grande do Sul como um todo.

Haja vista o estabelecimento das condições necessárias para tal empreitada, foi desenvolvido um projeto de Educação Patrimonial na cidade de Butiá, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Venceslau Brás, com turmas de sexto e sétimo ano. Este trabalho teve como dimensão propositiva uma ação didática envolvendo a constituição de maquetes de patrimônios históricos materiais da cidade, selecionados a partir do Projeto Memória¹ desenvolvido pela Coordenadoria de Cultura da Prefeitura, entre os anos de 2019 e 2020.

Como anteriormente mencionado, estarão em foco os patrimônios materiais estudados pelo Projeto Memória, no qual foram recolhidos depoimentos de pessoas que estiveram, de forma direta ou indireta, ligados a tais bens. No âmbito deste projeto, foram estruturadas entrevistas, gravadas em vídeo e, posteriormente, publicadas nas redes sociais da prefeitura de Butiá.

Ainda em relação à dimensão propositiva, os alunos produziram maquetes de determinados patrimônios da cidade, de forma metodologicamente estruturada, em uma perspectiva problematizadora e dialógica. Eles foram orientados ao longo do caminho, em um processo de constituição de maquetes, que teve em vista, ao fim e ao cabo, a elaboração de uma compreensão mais ampla sobre a formação histórica da sociedade butiaense, em meio ao auge e decadência da indústria carbonífera.

Assim, com esta ação pedagógica, buscou-se colocar em questão tanto o período quanto o patrimônio em destaque e, assim, conhecer as inúmeras particularidades que

¹Lançamento do Projeto Memória pela Prefeitura Municipal de Butiá. **Porto Alegre**, 2021. <https://www.butia.rs.gov.br/index.php/blog/noticias/986-emocao-marca-o-lancamento-de-projeto-que-visa-resgatar-a-historia-de-butia>. Acesso em: 14 jan. 2021.

perpassam a constituição sócio-histórica da cidade, bem como, por consequência, conhecer os diversos processos daquilo que veio a se constituir posteriormente enquanto patrimônio histórico material.

Coloca-se então a seguinte pergunta: como podemos vislumbrar as relações de classe, gênero e raça, no estudo e problematização do patrimônio histórico material selecionado pelo Projeto Memória - que remete ao período que compreende as décadas de 1930 a 1960 -, junto aos alunos do sexto e sétimo ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Venceslau Brás, a partir da construção e reconstrução de maquetes?

Buscando responder a esta pergunta, esta dissertação foi dividida, além dessa Introdução, em cinco partes, quatro capítulos e as considerações finais, cada uma delas fornecendo indicativos para se chegar a uma possível resolução. No primeiro capítulo, intitulado “A Região Carbonífera do RS e a cidade de Butiá”, será apresentado um quadro geral da formação sócio-histórica da Região Carbonífera do RS, dando-se especial destaque à referida cidade, demonstrando a importância da economia do carvão mineral neste processo, e como, a partir daí, veio a se constituir uma sociedade marcada por uma complexidade social própria.

Em meio a este quadro, dar-se-á maior enfoque ao período delimitado previamente pela pesquisa (1936-1964), dividindo-se o mesmo em dois momentos: a “Era CADEM” (1936-1947), quando o Consórcio Administrador de Empresas de Mineração (CADEM) deteve o monopólio da extração de carvão mineral na Região Carbonífera, ao mesmo tempo em que temos o auge da produção deste mineral no RS, com reflexos significativos em Butiá; e o que chamei de “Era CADEM/DACM” (1947-1964), quando o CADEM perde o monopólio da extração de carvão, compartilhando-o com o Departamento Autônomo do Carvão Mineral (DACM), estatal criada pelo governo do estado. Neste segundo período temos o início da decadência da economia carbonífera do RS, coincidindo com o processo de emancipação política de Butiá, que se concluirá em 1963 (SPERANZA, 2014).

No segundo capítulo, intitulado “Educação patrimonial: uma proposta baseada no diálogo crítico com estudantes e comunidade escolar”, são expostos os principais conceitos que norteiam a proposta de educação patrimonial, desenvolvida com os estudantes do ensino fundamental. Concomitantemente, são melhor apresentadas as

reflexões relacionadas à classe, raça e gênero, bem como suas intersecções, expressando a importância destas para a constituição de novos olhares sobre o patrimônio histórico. Também, é feita a crítica de determinados conceitos relativos à educação patrimonial, como aqueles presentes no Guia Básico de Educação Patrimonial, ao mesmo tempo em que se busca uma aproximação com uma perspectiva dialógica e problematizadora, indo-se além da premissa do “conhecer para preservar”, presente no Guia Básico e que será melhor detalhada posteriormente (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 2006).

Por fim, são expostas as nuances que permitem uma aproximação dialética entre a educação patrimonial e o ensino de História, considerando este último como terreno propício para uma relação “com o” e não “para o” patrimônio histórico, possibilitando, da mesma forma, através deste, uma reflexão sobre o passado e a constituição de conhecimentos em História.

No terceiro capítulo, que tem como título “As turmas e as suas percepções iniciais do patrimônio de Butiá”, é dado destaque para a apresentação das turmas nas quais foram desenvolvidos os trabalhos, como também é feita a explanação dos resultados obtidos ao longo da aplicação da primeira etapa da dimensão propositiva do projeto de educação patrimonial. Da mesma forma, são expostas informações de caráter mais geral, tais como, as concepções dos alunos sobre a cidade, sobre o patrimônio, bem como a relevância que o patrimônio histórico tem para eles.

No quarto capítulo, intitulado “A constituição das maquetes: ensinando história e educando com o patrimônio em tempos de pandemia”, é apresentado o detalhamento das etapas subsequentes do trabalho de educação patrimonial realizado com os alunos. Cada etapa é devidamente demarcada com um subtítulo, e nelas são apresentadas informações sobre como se desenvolveram as atividades, dentro e fora da sala de aula.

Por fim, nas considerações finais, que tem como título “Considerações finais: reflexões e perspectivas de um projeto de maquetes em uma cidade carbonífera”, é feita uma reflexão em primeira pessoa sobre o trabalho realizado, desde seus antecedentes ainda no processo de pesquisa, passando pelo desenvolvimento da dimensão propositiva, chegando-se, por fim, à conclusão. São apresentadas as variadas problemáticas que envolveram o encaminhamento das diversas tarefas envolvidas no processo, bem como é

feita uma análise crítica da receptividade dos alunos, dando-se ênfase aos conhecimentos constituídos em relação ao patrimônio histórico de Butiá.

Nesta dissertação, portanto, realiza-se uma reflexão sobre o processo educativo mediatizado pelo patrimônio histórico material, pautado pela horizontalidade pedagógica e criticidade historiográfica, haja vista perceber as relações interseccionais que estruturam a sociedade butiaense.

Faz-se necessário, agora, demonstrar a importância deste projeto e do trabalho desenvolvido. Primeiramente, é relevante que tenhamos uma educação patrimonial que problematize e coloque em reflexão a memória coletiva “oficial”, concernente principalmente ao período estudado, e o entendimento que se têm sobre o patrimônio histórico desta cidade carbonífera, para que possamos perceber a teia de relações que existem para além do que se mostra visível.

Em outras palavras, há personagens e grupos sociais marcados por marcações étnico-raciais ou de gênero subalternizadas, grandes contingentes da classe trabalhadora mineira, que não são apresentados como protagonistas da memória coletiva ou da constituição dos respectivos patrimônios históricos. Dar a conhecer estes segmentos subalternizados aos estudantes do ensino básico foi um dos principais objetivos deste trabalho.

Também é importante frisar o quanto é relevante que este projeto seja desenvolvido em uma escola pública. Para além de todos os problemas que marcam este ambiente educacional específico (perpassado por disputas de poder e por relações político-partidárias que muitas vezes extrapolam as capacidades e possibilidades da instituição), ela ainda hoje se constitui como um locus propício para a produção de conhecimentos e práticas transformadoras, que vão além, muitas vezes, das limitações da institucionalidade.

Ao mesmo tempo, o trabalho se mostrou viável visto que a produção de maquetes é algo que faz parte do cotidiano dos sextos e sétimos anos do ensino fundamental, evidenciando-se como uma prática corriqueira de professores, os quais se utilizam deste recurso no desenvolvimento de projetos pedagógicos com os alunos. Este tipo de atividade, geralmente levada a cabo em grupos de estudantes, auxiliados pelos professores, mobiliza a comunidade escolar e é marcado por uma série de dificuldades,

conflitos e problemáticas (surgidas a partir de questões tais como: a organização dos grupos e das tarefas a serem realizadas por cada estudante ou mesmo pela seleção dos materiais necessários para a execução do trabalho, entre outros), mas quase sempre traz resultados muito satisfatórios².

Ainda no tocante ao âmbito escolar, é importante ressaltar o quanto esta produção se mostra necessária, tendo em vista o estabelecimento de um olhar mais crítico e reflexivo sobre a cidade e o seu patrimônio histórico, por parte de alunos e professores. Percebe-se, no decorrer das vivências cotidianas, um distanciamento e passividade no tocante à história do município, principalmente da parte dos alunos, como se estas questões não merecessem a devida atenção. A causa desse fenômeno seria mero “desinteresse”?

Para além de dar uma resposta a esta questão, o presente trabalho propiciou as condições para uma acomodação e, ao menos, um olhar diferente sobre o processo de constituição histórica de Butiá, possibilitando, por sua vez, a que os alunos repensassem suas concepções, levando-se assim à formação de uma maior consciência crítica e um sentimento de pertencimento à cidade.

A dimensão propositiva deste trabalho, como foi dito, incluiu a produção de maquetes, associada a uma série de reflexões, que fornecem as condições para um processo de contínua e permanente construção e reconstrução de conhecimentos, tanto por parte dos alunos como por parte do professor. Tratou-se de uma sequência didática que permitiu aos alunos, comunidade escolar e professor repensar as suas concepções sobre a memória coletiva e o patrimônio de Butiá.

Aí também reside sua originalidade. A proposta desenvolvida não aceitou de pronto o pressuposto do “conhecer para preservar”, o qual busca somente que os alunos conheçam um determinado patrimônio e assim sejam levados a preservá-lo. Não se trata,

² No contexto atual onde enfrentamos uma pandemia global, para além das dificuldades mencionadas no parágrafo acima, temos as problemáticas trazidas pelo ensino remoto, que leva a uma alteração significativa dos trabalhos pedagógicos e das obrigações próprias de cada um dos segmentos da comunidade escolar. Mais do que nunca, vemos a ampliação do uso das tecnologias no processo educativo, como forma de possibilitar a continuação dos processos de ensino-aprendizagem. A utilização de aplicativos, programas, jogos, sistemas, etc. tem contribuído para que milhões de crianças, jovens e adolescentes possam acessar e produzir conhecimentos de toda ordem (o que não acontece sem inúmeras distorções e dificuldades de ampla complexidade).

por exemplo, apenas da constituição de maquetes de um respectivo espaço edificado de Butiá da década de 1940, por exemplo, e apresentação de trabalho sobre ele.

Ao contrário, os espaços edificados foram conhecidos a partir de um arcabouço documental previamente selecionado, modelado em uma maquete, em um processo permeado pela dialogicidade e problematização contínua que envolveu também as fontes e o próprio patrimônio, permitindo assim a constituição de conhecimentos mais complexos e aprofundados dos bens em questão e, em sentido mais amplo, de uma parte da história do município.

No que tange às produções científicas que contribuíram para a construção deste trabalho, é importante fazer algumas menções em específico. Sobre a produção de maquetes no ensino de História, vale lembrar o artigo de Isabela Leite Santos e Wêndeu Santana, que apresentam um trabalho realizado em uma escola de Sergipe, dentro do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), sobre a economia açucareira e os engenhos de cana-de-açúcar (SANTOS; SANTANA, 2017).

Importante mencionar também a produção do Prof. Dr. André Luis Ramos Soares, do Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória (NEP) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que analisa o uso de maquetes em trabalhos pedagógicos sobre Pré-História e História do Rio Grande do Sul (SOARES; SANTOS, 2016).

No que tange ao texto de Santos e Santana, ele fornece indicativos importantes sobre o uso de maquetes em sala de aula, demonstrando que este recurso pedagógico permite “aproximar o teórico e o prático”. Lá encontramos uma citação de Lopes, Flores e Soares que esclarece que a maquete possibilita “uma visão mais concreta dos acontecimentos históricos [...]” (2017). Sobre o texto de Soares, este nos revela que

A aplicação das maquetes na área da educação é bastante promissora para a construção e o desenvolvimento do processo do conhecimento, pois tornam mais dinâmicas as relações entre corpo discente e corpo docente, envolvendo um grande número de pessoas no âmbito escolar. Evidentemente, esses instrumentos lúdicos não abrangem toda a complexidade que envolve o processo educativo, mas podem contribuir para melhorar e facilitar a aprendizagem, trazendo o ensino para um ramo ou uma área onde o educando já tem familiaridade (2016, p.228).

Sendo assim, ambas as produções nos trouxeram contribuições significativas para a construção do processo pedagógico concernente a este trabalho. Permitiram a

estruturação de bases sólidas, sobre a qual se estabeleceram as reflexões sobre o patrimônio histórico material de Butiá.

Em relação à Região Carbonífera no Rio Grande do Sul, não podemos deixar de mencionar a tese de doutorado de Cristina Ennes da Silva (2007), que em seu estudo consegue apresentar um panorama amplo e complexo desse território, fornecendo múltiplos elementos para pensar a construção deste processo pedagógico. Temos ainda o livro de Clarice Speranza (2014), que apresenta as relações de trabalho na indústria carbonífera do Rio Grande do Sul a partir dos processos judiciais envolvendo mineiros e patrões entre 1940 e 1954, e que acaba por oferecer inúmeros elementos para entendermos as diversas relações sociais que permeiam as sociedades carboníferas do RS.

Ainda é importante apresentar a recente tese de doutorado de Tassiane Mélo de Freitas (2021), que apresenta as experiências da classe trabalhadora das minas de carvão da Região Carbonífera a partir de seus espaços de lazer e sociabilidade, particularmente os clubes de futebol e sociedades recreativas.

Temos também o estudo antropológico de Marta Cioccarri (2004) sobre uma comunidade de mineiros de Minas do Leão, no qual ela apresenta categorias importantes para compreendermos a cultura e o cotidiano de uma sociedade carbonífera. Este trabalho fornece elementos que possibilitaram a constituição de uma visão mais complexa e qualificada da sociedade butiaense.

No que se refere a Interseccionalidade, cabe menção a quatro produções que qualificaram as discussões sobre esta perspectiva teórica. Inicialmente, o artigo de Carlos Eduardo Henning, “Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença” (2015), colaborou com reflexões significativas sobre a Interseccionalidade e a importância de uma análise que correlacione as diferentes relações de opressão.

Posteriormente, temos o artigo escrito por Michael S. A. Kimel, “Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas” (1998), que propiciou reflexões importantes sobre as diferentes masculinidades que podem existir e coexistir em cada contexto histórico em específico. Também, temos o artigo de Patricia Hill Collins, “Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise

e reflexão” (2015), na qual a autora delimita a importância de uma reflexão que interrelacione, sem sobreposições ou hierarquizações, as relações de classe, raça e gênero. As considerações feitas por esta, foram essenciais para a estruturação da perspectiva interseccional, contida nesta dissertação.

Por fim, temos o artigo escrito por Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel, “Gênero, raça e classe: Operações cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades” (2015), na qual são apresentadas inúmeras considerações significativas sobre a trajetória das reflexões sobre gênero, raça e classe, desde as análises realizadas por feministas marxistas, na década de 1960, passando por aquelas perpetradas pelo feminismo negro norte americano, na década de 1970, até chegar-se as proposições sobre Interseccionalidade, no final da década de 1980. As proposições contidas neste texto, foram de fundamental importância para o desenvolvimento do presente trabalho.

Em relação ao âmbito do patrimônio, relacionando aqui com a trajetória da Região Carbonífera, é necessário lembrar inicialmente da dissertação de mestrado de Tassiane Melo (2015), no qual a autora trabalha com o Museu do Carvão de Arroio dos Ratos, analisando-se as origens deste espaço, desde a sua funcionalidade original, passando pela transformação deste em "ruínas" até, por fim, a sua formação enquanto espaço museológico do município e da Região Carbonífera. As questões colocadas por ela ao longo do trabalho, em relação ao conceito de patrimônio, memória e relação comunidade-memória-patrimônio, são fundamentais para um trabalho de educação patrimonial que tenha em vista esta região.

De modo mais amplo, importante lembrar também do artigo de João Lorandi Demarchi (2018), no qual o autor apresenta uma reflexão sobre o Guia básico de Educação Patrimonial, questionando-se os inúmeros entendimentos sobre educação e patrimônio que ainda persistem e se mostram fora de contexto, tendo em vista os estudos que atualmente se realizam nas áreas relacionadas. Ainda neste quesito, temos o trabalho de Átila Tolentino (2016) que também faz a crítica de noções tais como “conhecer para preservar”, “Educação Patrimonial enquanto metodologia”, entre outros, possibilitando assim entendimentos fundamentais para a construção desta reflexão.

Ainda em relação à educação patrimonial, temos o artigo de Carmem Zeli de Vargas Gil e Zita Rosane Possamai, “Educação Patrimonial: Percursos, concepções e

apropriações” (2014), no qual são colocadas informações sobre a trajetória das relações entre educação, patrimônio e museus, desde os séculos XVIII, quando da introdução destes conceitos pelos estados nacionais modernos, passando pela sua inserção e desenvolvimento no contexto brasileiro, ao mesmo tempo em que se constituíam as primeiras instituições museológicas no país, no século XIX, e o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), na primeira metade do século XX. Por fim, o artigo apresenta os recentes desdobramentos, desde a chegada ao Brasil do conceito de “Educação Patrimonial”, na década de 1980, até o presente momento, quando são feitas considerações sobre a política em educação patrimonial no contexto do IPHAN (sucessor do SPHAN), nas primeiras décadas do século XXI.

Finalizando esta parte introdutória, é importante delimitar as fontes históricas coletadas ao longo da pesquisa que contribuíram para a constituição da dimensão propositiva, bem como desta dissertação como um todo. Primeiramente, foram utilizadas as entrevistas em vídeo do citado Projeto Memória, realizado entre 2019 e 2020, pela Prefeitura Municipal de Butiá. Também serviu como fonte de pesquisa a edição histórica do *Jornal Sobral* (órgão de imprensa tradicional na cidade de Butiá), que trata dos cinquenta anos da emancipação do município, no qual são apresentadas informações sobre a história da cidade, além de outros documentos que serão apresentados logo a seguir.

Através do projeto Memória foi possível estabelecer um diálogo produtivo, pois nele se apresentaram memórias distintas que perpassam alguns dos elementos da arquitetura local, os quais hoje são considerados patrimônios da cidade. Os depoimentos constituem-se como fontes privilegiadas, haja vista a proposta do trabalho de constituição de uma educação patrimonial dialógica, que vislumbre o que está para além do visível, por meio da qual o que é esquecido ou silenciado possa ver a luz do dia.

Em outras palavras, as fontes orais do Projeto Memória se colocam como fundamentais para transpassar a materialidade dos patrimônios históricos, permitindo colocar no palco uma série de vozes, muitas delas marginalizadas, possibilitando-se visualizar uma gama de novos sentidos, não possíveis de serem vistos através das fontes escritas ou fotográficas. Como nos aponta Portelli,

As entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas. [...] Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez (1997, p.31).

Portanto, estas fontes são essenciais para a constituição deste trabalho de pesquisa, visto que, como já anteriormente colocado, o objetivo deste trabalho não é simplesmente buscar “conhecer para preservar” os patrimônios de Butiá, mas possibilitar uma reflexão “com eles”, através da qual possamos perceber a pluralidade de nuances que o constituem.

O livro “Butiá em busca de sua História”, de Gertrudes Novak Hoff (1992), foi utilizado enquanto fonte bibliográfica e, ao mesmo tempo, fonte primária para a pesquisa, pois ele detém uma ligação estreita com o patrimônio local, principalmente no que se refere aos espaços edificados, haja vista que muitos dos locais que são social e historicamente reconhecidos têm seu espaço definido no livro.³ O patrimônio nele apresentado é quase todo ligado à mineração, ao período em que Butiá se desenvolveu, aos mineiros “heroicos” que trabalhavam dia e noite, de forma “solidária” e “harmoniosa”, e que buscavam o progresso individual e do conjunto da sociedade butiaense. Para além disso, esta obra compreende a narrativa que representa a memória oficial da história municipal, mas em uma perspectiva memorialista, isto é, a de trazer à tona memórias da autora, fundamentada em fontes manuscritas e fotográficas.

O já citado livro “Cavando direitos: As leis trabalhistas e os conflitos entre mineiros de carvão e seus patrões no Rio Grande do Sul (1940-1954)”, de Clarice Gontarski Speranza, para além de uma bibliografia que auxilia na estruturação do contexto histórico, também se revela uma importante fonte, haja vista que joga luz sobre as relações entre companhia e mineiros de carvão, bem como as lutas destes últimos por direitos trabalhistas, o que nos remete, ao fim e ao cabo, ao Sindicato dos Mineiros de Butiá, um dos patrimônios trabalhados nesta pesquisa.

Sobre este patrimônio, cabe mencionar igualmente a obra “Sobre os Homens desta Terra: A trajetória de fundação do sindicato dos mineiros de Butiá/Rio Grande do Sul”, de Aleksandro Witkowski e Tassiane Melo Freitas (2006), na qual são fornecidas

³ No início do livro, a autora coloca que a ideia para a obra surgiu em meio às aulas de História, quando muitos de seus alunos lhe perguntavam sobre a história de Butiá. Sendo assim, resolveu estruturar suas memórias tendo posse de informações e de documentação que lhe permitiram falar sobre a história e sobre o que considerava os principais exemplares do patrimônio cultural da cidade.

inúmeras informações sobre a constituição histórica deste espaço, o qual se consolida enquanto patrimônio material ao longo do tempo, haja vista que este foi e é palco de inúmeras lutas envolvendo os mineiros de carvão da cidade.

Em relação às fontes fotográficas, cabe menção àquelas pertencentes à Associação Cultural Butiaense, que possibilitaram uma visão única e singular, tanto da sociedade como dos patrimônios históricos pesquisados e trabalhados. Ainda, permitiram a inserção imagética no âmago da cidade, quando do auge da indústria carbonífera, o que foi essencial para a construção de uma melhor compreensão sobre o tema por parte de professor e alunos.

No que se refere especificamente ao Museu Estadual do Carvão, os documentos escritos que constam no arquivo desta instituição, o Arquivo Histórico da Mineração, foram de fundamental importância para compreendermos o cerne das relações sociais que permeavam os patrimônios estudados, e como eles estavam, direta ou indiretamente, relacionados à companhia de mineração (CADEM).

Por fim, em um momento posterior, visando a análise da proposta pedagógica realizada, foram utilizados os roteiros de pesquisa, organizados e disponibilizados aos alunos para análise das fontes documentais, produzidos e executados no decorrer da dimensão propositiva, bem como outros materiais elaborados ao longo das aulas pelo docente e pelos estudantes. Estes são frutos das reflexões que surgiram durante as atividades pedagógicas, sendo essenciais para a produção de uma compreensão mais aprofundada sobre a constituição de conhecimentos em Patrimônio e História, levando-se em conta a dinâmica singular das turmas desta comunidade escolar.

Este trabalho veio na esteira de um longo caminho já traçado por inúmeros pesquisadores, buscando proporcionar um novo olhar à história da Região Carbonífera Rio-grandense a partir do patrimônio histórico. Patrimônio este que faz parte da paisagem da cidade, e que, na maioria das vezes, não recebe a devida visibilidade pela sociedade, ficando à mercê de interesses escusos e estranhos.

Cabe ressaltar que, como foi dito antes, não se buscou somente a valorização de um patrimônio material. O objetivo foi, insistimos, estabelecer um novo entendimento sobre este, possibilitando a constituição de uma nova relação que leve em conta as

problemáticas específicas que o perpassam. Poderíamos dizer o mesmo em relação à história da cidade: não se trata somente de valorizar o passado de Butiá, mas pensá-lo de forma crítica e problematizadora.

CAPÍTULO 1: A REGIÃO CARBONÍFERA DO RS E A CIDADE DE BUTIÁ

A cidade de Butiá localiza-se a 81 km de Porto Alegre, às margens das BR 290, na Região Carbonífera do Baixo Jacuí/RS (que inclui, além de Butiá, São Jerônimo, Arroio dos Ratos, Charqueadas, dentre outras). Nesta pequena cidade do interior do RS, encontramos a escola onde foi realizado o projeto de educação patrimonial: a Escola Estadual de Ensino Fundamental Venceslau Brás, localizada no Bairro Vila Julieta

Figura 1 – O Rio Grande do Sul e a Região Carbonífera



Fonte: Câmara dos Deputados⁴

Figura 2 – Escola Estadual de Ensino Fundamental Venceslau Brás



Fonte: infoaboutcompanies⁵

⁴<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdeic/noticias/seminario-discutira-alternativas-para-o-desenvolvimento-da-regiao-carbonifera>. Acesso em: 23 de jun. 2021.

⁵<https://br.infoaboutcompanies.com/Catalog/Rio-Grande-do-Sul/Buti%C3%A1/Escola/EEEF-VENCESLAU-BRAS>. Acesso em: 23 de jun. 2021.

O período histórico delimitado como foco deste trabalho educativo (1936 - 1964) é entendido como o momento no qual os pilares da sociedade butiaense foram estabelecidos, e pode ser dividido em dois momentos: a Era CADEM (1936 - 1947), quando o Consórcio Administrador de Empresas de Mineração (CADEM) deteve o monopólio de extração de carvão na Região Carbonífera, bem como em todo o RS, e o período por mim intitulado de Era CADEM/DACM (1947 - 1964), quando a consórcio de mineração passou a dividir o monopólio com a autarquia criada em 1947 pelo governo do RS (Departamento Autônomo do Carvão Mineral – DACM).

No primeiro momento, vislumbramos a chamada “Era de Ouro” da economia do carvão em Butiá e Região Carbonífera como um todo, sendo que inúmeros aportes estruturais foram então constituídos (escolas, clubes sociais, casas, ruas, cinema, praças, delegacia de polícia, etc.) e houve uma migração intensa, ocasionada pela expansão da atividade carbonífera. No entanto, este momento demarca também o início do declínio da mineração, que irá acarretar consequências duradouras.

Segundo Speranza (2014), este primeiro momento terminou em 1947, quando a CADEM perdeu o monopólio da exploração do carvão na Região Carbonífera, e o governo estadual instituiu o DACM, e então a Viação Férrea, principal compradora do carvão mineral da região, passou a adquirir o produto através da empresa estatal.

Neste segundo momento (1947-1964), então, verificamos o lento declínio da economia carbonífera no Rio Grande do Sul, tendo reflexos substanciais em Butiá, que paulatinamente passará a um estado de letargia e estagnação econômica, principalmente a partir da década de 1960. Ao mesmo tempo, no plano político local, é o momento em que Butiá deixará de ser um distrito de São Jerônimo e passará a ser uma cidade (1963). Sendo assim, ao mesmo tempo em que a vila/distrito/cidade tem que lidar com os desafios de uma recessão econômica que se apresenta no horizonte com mais intensidade a cada dia, também há uma busca por novas significações políticas e novas perspectivas socioeconômicas, através da emancipação.

Porém, antes de realizar-se o aprofundamento nas particularidades específicas de cada um dos períodos anteriormente apresentados, cabe fazer uma pequena introdução sobre a formação sócio-histórica da Região Carbonífera, com especial destaque para a

constituição de Butiá, buscando-se demonstrar como esta veio a se tornar um dos polos da extração de carvão mineral, em fins da primeira metade do século XX.

1.1 – Os primórdios da exploração carbonífera no RS e em Butiá

No que tange a este minério, baluarte da estrutura econômica da região, sabe-se de sua existência nela desde o final do século XVIII. Segundo Silva:

A existência de carvão no Rio Grande do Sul é mencionada pela primeira vez no final do século XVIII, quando, segundo conta a tradição oral, por volta de 1792, um soldado anônimo português, que era ferreiro por profissão, vagava pelos lados da localidade de Curral Alto, lá teria encontrado carvão de pedra e levado amostras ao General Rafael Pinto Bandeira, na localidade de Rio Pardo, onde este morava. (2007, p. 38)

Segundo a autora, no entanto, outros atribuiriam a descoberta do minério a Joaquim José Souza e Pinto, que o teria encontrado por volta de 1807. Relata ainda que aproximadamente neste período, entre 1808 e 1811, Antônio Xavier de Azambuja encontrou carvão em Curral Alto, distrito de São Jerônimo, levando amostras para conferência no Rio de Janeiro, capital do Império (SILVA, 2007).

Nesta primeira metade do século XIX, outros relatos seriam feitos, levando a que se realizassem estudos de caráter privado ou sob ordens do governo da Província, que indicassem se era possível ou não viabilizar a exploração de carvão mineral nesta região do RS.

Porém, a exploração de fato só começou em 1853 quando o presidente da Província, Conselheiro Luiz Vieira Cansação de Sinimbu, conseguiu liberação e aporte financeiro do Império para iniciar a exploração de carvão, sendo delegado os trabalhos ao engenheiro James Johnson, mineiro de origem inglesa, que seria, assim, o precursor da indústria do carvão no RS (SILVA, 2007).

James Johnson só conseguiria criar de fato uma companhia para exploração do carvão mineral em 1872, quando foi fundada a “The Imperial Brazilian Collieries Co. Limited”, primeira empresa do gênero no Brasil. Para esta tarefa, contou com o auxílio de mineiros e capitais ingleses. Segundo Speranza (2014), com este fato terminaria o primeiro período, iniciado com as descobertas em Curral Alto, quando encerrou a “época, digamos, romântica, para entrar nos primórdios da indústria do carvão”.

O segundo período, segundo a autora, vai de 1872 a 1936, e abarcaria a consolidação da indústria do carvão na região. Em relação a este novo momento, vamos ter a saída de cena dos capitais ingleses, bem como de James Johnson, e a entrada de “investimentos de capitais provenientes do Rio de Janeiro e de São Paulo”., no qual também temos a fundação de uma das principais companhias de mineração, que iria ter importante papel na indústria carbonífera brasileira: a Companhia Estradas de Ferro e Minas de São Jerônimo (SILVA, 2007).

A expansão da indústria carbonífera gaúcha a partir da primeira metade do século XX se deu de forma gradual e contou com inúmeros aportes dos governos estadual e federal, em forma de empréstimos, isenções ou mesmo delimitando-se percentual de compra de carvão nacional, como a instituída pelo decreto federal 20.889 do Governo Provisório de 1931, que estabelecia um mínimo de 10% de consumo pelas empresas brasileiras, em relação ao carvão estrangeiro (principalmente o carvão inglês, que era aquele que detinha a grande fatia do mercado nacional). Junto a isso, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial e, mais tarde, com o avanço da industrialização e, por consequência, da urbanização no Brasil, a partir da década de 1930, houve a consolidação desse processo de aceleração da produção.

Paralelamente, no que é hoje a cidade de Butiá, iniciaram-se as primeiras explorações de carvão, sendo que os pioneiros teriam sido Nicácio Teixeira Machado, Antonio Patrício de Azambuja e Gaspar Menezes. Segundo Hoff:

Em 1881, Antonio Patrício de Azambuja, Nicacio Teixeira Machado e Gaspar Menezes iniciaram os trabalhos de exploração e lavra nas terras de Butiá, diante da concessão imperial. O engenheiro Dr. Eugênio Dahme foi o técnico que se ocupou dos estudos e do início dos trabalhos. Aberto um poço com 16 m de profundidade foi extraído excelente carvão. Essas explorações se passavam para leste do Cerro do Clemente rumo ao Arroio dos Cachorros e Ratos. Os concessionários estenderam suas investigações, encontrando ótimo carvão e ferro perto do Arroio dos Cachorros. (1992, p. 26)

Essas primeiras explorações não durariam muito, tendo em vista que, em 1882, por decreto imperial, a concessão feita a Nicácio foi anulada, mantendo-se o monopólio da exploração na região à empresa Holtzweissig e Cia. (que tinha recebido o direito da exploração anteriormente concedido à “The Imperial Brazilian Collieries Co. Limited” (de James Johnson).

As explorações em Butiá, entre muitas oscilações, idas e vindas que se deram ao longo do início do século XX, só ganhariam um definitivo impulso em 1932 com a aquisição pelo Grupo Martinelli, de São Paulo, da Companhia Carbonífera Riograndense, que tinha posse das minas desta localidade. Sendo assim, a partir da década de 1930 a indústria do carvão na Região Carbonífera se consolida como um setor importante da economia do RS, capitaneado principalmente pela CEFMSJ e pela Companhia Carbonífera Rio-Grandense que, em 1936, dariam um passo definitivo, com a criação do Consórcio Administrador de Empresas de Mineração (CADEM). Este seria administrado a partir daí por um executivo do Grupo Martinelli, Roberto Cardoso.

Figura 3 – Anúncio do CADEM



Fonte: Centro – Oeste Brasil⁶

Esta ação conjunta tinha em vista dar conta do crescimento significativo deste setor, o que levava ambas as empresas a uma mobilização cada vez mais ampla de capitais e mão de obra. Tal processo conduziu, inclusive, a uma significativa política de imigração de populações oriundas de outras partes do país, ou mesmo da Europa, principalmente espanhóis⁷.

Com esse fato, a criação do CADEM, temos o final do período que antecede àquele delimitado como central para esta pesquisa. A partir daí ocorrerão os dois momentos mais significativos, por assim dizer, da indústria carbonífera do RS. O

⁶ <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/vfrgs/carvao/propaganda.Cadem.1949.07.RF.shtml>, Acesso em: 23 de abr. 2021.

⁷ Sobre isso ver: SPERANZA, 2014.

primeiro, quando recordes e mais recordes de produção de carvão serão batidos, levando a uma urbanização e imigração crescentes, e o segundo, marcado pelo lento declínio e solapamento progressivo, ao mesmo tempo em que se estabeleciam novas fontes de energia no país, e que coincidirá, a nível local, com o processo de emancipação política de Butiá. Nestas quase três décadas, entre o auge e a decadência, temos a formação dos espaços edificados que constituem o patrimônio material enfocado neste projeto de educação patrimonial.

1.2 - A “Era CADEM” e a “memória oficial” de Butiá

Para além da materialidade objetiva da arquitetura, neste período, marcado pela bonança, se dará a formatação dos pilares de uma sociabilidade que envolve toda uma cadeia de representações sobre o trabalho, a vida cotidiana, a família (e os papéis tidos como inerentes a cada um de seus membros), a religiosidade, o lazer, a educação, as relações étnico-raciais, entre outras questões⁸. Muitas destas relações vão se estabelecer em diversos espaços sociais do município, marcadas por disputas, conflitos, cooperação e solidariedade, o que se refletirá no entendimento do que deveria ser considerado patrimônio histórico e do que deveria ser relegado ao esquecimento.

Sendo assim, se faz necessário realizarmos uma reflexão preliminar referente à “memória oficial” que se estruturou em Butiá no que tange ao período em questão. Quais significações são dadas para os diversos fatos, situações, personagens, segmentos sociais, que adquirem o direito de permanecer na memória coletiva?

Porém, é importante mencionar que esta memória oficial não é estanque ou mesmo imutável, estando imersa em processos de disputas. Em outras palavras, ela é perpassada por consensos e dissensos, conflitos e convergências. Como menciona Pollak,

“[...] a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que [...] se opõem à memória oficial. [...] essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa”. (1989, p. 4)

⁸ Sobre este ponto em específico, para mais informações, pesquisar as dissertações de mestrado de Cornelia Eckert (1985) e Marta Ciocari (2004) que trabalham, respectivamente, com as comunidades mineiras de Charqueadas e Minas do Leão, em uma perspectiva antropológica, abordando algumas questões importantes para o entendimento da sociabilidade cotidiana das comunidades carboníferas.

No caso da sociedade butiaense, quais seriam essas memórias subterrâneas, que convivem e sobrevivem em meio à memória coletiva, sendo transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidade afetiva e/ou política? Ao mesmo tempo, como se apresentariam as disputas de memória e como elas reverberam na constituição do patrimônio? Por fim, qual a memória que se torna oficial fornecendo um quadro de referências e de pontos de referência (POLLAK, 1989)?

A obra que melhor representa esta memória coletiva oficial da cidade é “Butiá em busca de sua História” (1992), de Gertrudes Novak Hoff⁹, já citada anteriormente. Nela, a autora apresenta uma narrativa do que considera serem os principais fatos, personagens, ações e situações envolvidos na história de Butiá. Sobre esta narrativa, é significativa a passagem que se encontra no início do livro, onde são apresentados alguns entendimentos da autora sobre a memória e o passado:

Desenterra teu passado, se não quiseres tuas realizações abandonadas e esquecidas. Precisamos de homens. De homens de espírito capazes de buscar no tempo, de trazer de volta as coisas que outros já esqueceram. Precisamos de homens de memória. Que lembrem dos vultos, de experiências iniciais, de invenções inovadoras. Homens que lembrem, mas não só lembrem, que também sejam capazes da procura, que estejam abertos à pesquisa. Precisamos de homens que se disponham a varrer as cinzas do passado. Que nos ajudem a trazer à tona nossas raízes... (1992, p. 9)

Percebemos nesta citação uma concepção bastante condizente com as perspectivas da história tradicional: a história dos “vultos”, na qual “homens de memória” (os historiadores) resgatam “das cinzas do passado” (pressupondo aí um passado morto, enterrado) os grandes feitos, “as invenções inovadoras”, que devem ser lembradas e memorizadas, não podendo ser esquecidas, porque são as “raízes” sobre as quais se estabelecem os fundamentos da sociedade. Ao mesmo tempo, chama atenção o fato de

⁹ Gertrudes Novak Hoff, professora de História aposentada, historiadora e memorialista, membra fundadora da Associação Cultural Butiaense (ACUB), dedicou sua vida ao “resgate” e manutenção de memórias sobre a mineração de carvão em Butiá e na Região Carbonífera do RS como um todo. Seu pai, José Novak, já falecido, foi taxista, caminhoneiro, empresário do ramo de transportes e proprietário do Engenho Novak, de produção de arroz. Seu marido, Gastão Hoff, igualmente já falecido, foi um político e empresário butiaense, eleito vereador pelo então distrito de Butiá em 1959, membro da comissão de emancipação do distrito em 1963, e diretor social do Clube Butiá. A professora “Truda”, como ficou conhecida, também contribuiu para a manutenção do acervo documental do CADEM, empresa responsável pela exploração de carvão mineral em Butiá até 1964, quando seu espólio foi adquirido pela COPELMI. Esta última queria se desfazer do acervo, entrando em contato com a professora, que auxiliou nos primeiros trabalhos de resguardo e manutenção, em uma propriedade privada de sua família, do referido material de grande valor documental. Pode-se dizer que a vida desta professora e de seus familiares se relaciona, direta ou indiretamente, com a história de Butiá. Gertrudes Hoff faleceu no ano de 2020.

Gertrudes Hoff se referir a “homens” (como Roberto Cardoso), “vultos”, excluindo (ou pelo menos não indicando) assim a possibilidade de mulheres, negras ou brancas, serem dignas da primazia da lembrança. A História, nesta perspectiva, só é passível de ser constituída por alguns homens, pessoas que seriam “dignas” de referência, os pilares da sociedade butiaense, os heróis da “pátria carbonífera”.

Este livro então é um baluarte no qual são congregados os princípios fundadores da memória oficial da cidade, onde é apresentado um grande número de informações, organizadas dentro de uma linearidade cronológica. Nele estão contidos aqueles que são dignos de nota, de serem lembrados e reverenciados, os grandes nomes e personagens de Butiá.

Figura 4 – Capa do Livro “Butiá em busca de sua História”



Fonte: Youtube – J.Wainer¹⁰

O presente trabalho de pesquisa estabelece um diálogo multifacetado com esta memória, os baluartes que a estruturam, não a aceitando como “a memória” sobre Butiá, mas questionando-a através do patrimônio material, buscando, por exemplo, os “não-ditos” que “existem nas lembranças de uns e de outros” em meio a “zonas de sombra” (POLLAK, 1989).

Portanto, não é intenção deste trabalho conhecer na sua plenitude a memória “oficial” daquele período, através do patrimônio de Butiá. Memória esta que permeia o imaginário social local ou, pelo menos, parte dele. Ao contrário, se busca exatamente

¹⁰ <https://youtu.be/aI-BG7HFagU>. Acesso em: 23 de jun. 2021.

problematizar esta memória e o patrimônio, questionando-os, e assim verificar o que não se apresenta à mostra, o que está silenciado ou mesmo esquecido.

Feitas essas considerações iniciais de caráter mais teórico, coloca-se como fundamental apresentar a conjuntura na qual se estabeleceu esse imaginário “glorioso”, “dos tempos áureos de Butiá”. Inicialmente é possível dizer que a expansão da produção de carvão, que já vinha gradualmente acelerando-se durante a década de 1930, teve um impulso vertiginoso durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo Silva, a “produção de carvão, que em 1939 chegou ao patamar de 834.621.645 toneladas, sofreu, no ano seguinte, um aumento significativo, ao alcançar a marca de 1.058.403.130 toneladas, valor expressivo, se comparado com a produção nacional do mineral no mesmo período” (2007, p. 163). O CADEM era líder absoluto no mercado. Em solo gaúcho, o recorde foi estabelecido em 1943, “quando 1,34 milhão de toneladas do minério saíram do subsolo do Rio Grande do Sul” (SPERANZA, 2014, p. 51).

A expansão da atividade econômica na região gerou efeitos em Butiá, que desde a década de 1930 vinha aumentando paulatinamente a sua contribuição para a produção de carvão que iria abastecer a indústria nacional, principalmente a partir de 1936, quando houve, em Arroio dos Ratos, “uma catástrofe natural, uma grande enchente que, entre outros estragos, inundou completamente as galerias das minas” (SILVA, 2007. p. 159). Estes efeitos não se deram somente no âmbito estritamente financeiro, haja vista que houve melhorias na infraestrutura urbana da então vila. Segundo Hoff:,

De 1940 a 1945, período da Segunda Guerra Mundial [...], muitos prédios foram construídos: novas casas para administradores e técnicos da companhia e também operários. O Grupo Escolar Visconde de Mauá, Casa das Professoras, SENAI (Antigo Fórum), Clube Butiá, Cine Butiá, o bar ao lado do Cinema (hoje Gela Boca) e a Cooperativa dos Mineiros, etc.. (1992, p. 97)

Estes novos equipamentos urbanos constituídos pelo CADEM tinham em vista criar as melhores condições para “amarrar mais fortemente os cordões que buscavam controlar totalmente o trabalhador e sua família e extrair dele o máximo de sua força de trabalho, bem como garantir sua reprodução” (SPERANZA, 2014, p.71).

Figura 5 – Construção da Escola Mauá



Fonte: Associação Cultural Butiaense

Figura 6 – Construção do Clube Butiá



Fonte: Associação Cultural Butiaense

Ao mesmo tempo, esta qualificação do aparato urbano buscava dar conta da crescente imigração, impulsionada principalmente pela Companhia, resultante não somente da expansão da produção, mas também devida a “uma grande rotatividade de mão de obra e altas taxas de afastamento de saúde” haja vista que, nas minas, “as condições de trabalho eram péssimas” (SPERANZA, 2014, p.7).

Mesmo depois de terminada a Segunda Guerra Mundial, ainda se manteve por um tempo o afluxo migratório, principalmente dos países mais atingidos pelo conflito, como bem nos relata Hoff quando coloca que “Em julho de 1947 chegam a Butiá 50 famílias polonesas, ucranianas e austríacas, imigrantes após a Segunda Guerra Mundial” (1992, p. 62).

Figura 7 – Grupo de imigrantes ucranianos



Fonte: Associação Cultural Butiaense

No entanto, apesar da manutenção da afluência de mão de obra, a situação da indústria carbonífera Rio-grandense começava a se transformar. Concorreram para isso o fim da Segunda Guerra Mundial e o aumento da concorrência com a utilização de outros materiais, como óleo combustível. Ainda, ao mesmo tempo, como vimos antes, temos o fim do monopólio do CADEM no RS, pois em 1947 o governo do estado criou uma autarquia que passaria a competir no mercado de carvão: o Departamento Autônomo do Carvão Mineral.

Este conjunto de fatores demarca o prefácio de uma mudança de panorama que vai gerar consequências ao longo das décadas posteriores. Lentamente passaríamos da “Era de Ouro” à decadência da economia carbonífera. Ao mesmo tempo, no plano local, segmentos da sociedade butiaense iriam buscar a autonomia política de São Jerônimo. Em suma, um novo período se estabelecia, trazendo transformações de grande significância, que impactariam na formação de Butiá.

1.3 – A “Era CADEM/DACM”

Inicialmente, sobre a indústria carbonífera sul-rio-grandense, principalmente em relação ao CADEM, podemos verificar, conforme acima apontado, a partir do final da

Segunda Guerra Mundial, um preâmbulo das transformações que se estabeleceriam e condicionariam uma nova conjuntura para as vilas mineradoras.

Ao mesmo tempo, em meio ao cenário das minas, verificamos uma série de conflitos perpassando as relações entre trabalhadores do carvão e o Consórcio Administrador. Estas disputas se acirraram ainda durante os momentos finais da Segunda Guerra, a partir da promulgação em 1943 pelo governo de Getúlio Vargas da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que estabeleceu uma série de direitos para os trabalhadores das minas, como a diminuição das horas de trabalhos ou mesmo a limitação de faixa etária para trabalho em subsolo, o que levou a que este conjunto legal não fosse recebido com “alegria pelas mineradoras” (SPERANZA, 2014).

Estas, buscaram de todas as formas driblar esse construto legal, fazendo por exemplo diversas apelações ao governo federal, no intuito de modificar ou limitar o alcance de aspectos da lei, como quando, em 1943, o diretor do CADEM, Roberto Cardoso, “[...] buscou reverter a situação com uma solicitação de revisão da CLT, especificamente no aspecto relacionado à limitação da faixa etária dos trabalhadores, diretamente ao presidente da República” (SILVA, 2007, p. 181).

Ao mesmo tempo, devido à entrada do Brasil no conflito mundial, temos os trabalhadores das minas sendo considerados “mobilizados”, estabelecendo-se sanções para aqueles que porventura abandonassem o trabalho (não importando a situação que tenha motivado tal ato). Esta medida acabou por “permitir” que as companhias mineradoras descumprissem artigos da CLT, possibilitando uma contínua exploração do operariado das minas de carvão (SPERANZA, 2014).

A não aplicação deste arcabouço legal em sua completude levou, por sua vez, a que ocorressem, como dito acima, diversos conflitos entre mineiros e CADEM, os quais se deram ao longo e posteriormente ao final da Segunda Guerra, no terreno da justiça ou mesmo através de mobilizações e greves, como a ocorrida em 1946, quando os trabalhadores de carvão do RS paralisaram suas atividades por mais de um mês¹¹.

¹¹ Meu avô, que foi mineiro de subsolo, me contou algumas memórias sobre este evento, como o fato de que, segundo ele, após a mobilização ter terminado, pela companhia “ter perdido a greve”, esta jogou a mobília do futuro hospital de Butiá no Rio (não me falou qual seria esse rio, mas presumo que seja o Jacuí). Isso teria sido feito por ordem do engenheiro Dr. Lacorte, sob ordens de Roberto Cardoso. Não cabe aqui analisar se este relato tem ou não fundamentação histórica, somente deixar claro que ele permanece inscrito no imaginário local.

Em meio a esta conjuntura de disputas e resistências, o término do conflito mundial, em 1945, desencadeia a estruturação de um novo cenário para a indústria carbonífera. Inicialmente, os outros países envolvidos na exportação de carvão, que antes não tinham condições de adentrar no mercado brasileiro, voltam a competir com o carvão nacional. Além disso, a concorrência não era somente com o carvão estrangeiro, mas também com aquele oriundo do sul de Santa Catarina, principalmente da região de Criciúma. Como nos mostra Speranza, ao final da Segunda Guerra, crescia vertiginosamente nesta região a produção de carvão, sendo que “logo superaria a do Rio Grande do Sul” (SPERANZA, 2014).

Ao mesmo tempo, também se apresentavam novas fontes energéticas como possibilidade. Por exemplo, na segunda metade da década de 1940, “A Viação Férrea do Rio Grande do Sul [...] principiou um processo de adaptação do maquinário, em especial das locomotivas, para a utilização de óleo diesel como combustível” (SILVA, 2007, p. 188). Isso levou a que o carvão sul-rio-grandense passasse, pouco a pouco, a perder a importância que outrora detinha. Assim, conforme Silva:

[...] o mineral, que havia consolidado uma importante posição na economia nacional em períodos de crise, passou a sofrer um processo de desvalorização, na medida em que novas formas de energia foram difundidas e, com isso, ocorreu uma diminuição sensível no mercado consumidor de carvão das indústrias de mineração do Rio Grande do Sul (2007, p. 189).

Por fim, como já dissemos, temos a constituição em 1947, pelo governo gaúcho, de uma autarquia que atuaria no ramo da mineração: o Departamento Autônomo do Carvão Mineral. Com este fato, quebrava-se o monopólio do CADEM na indústria carbonífera sul-rio-grandense. Importante assinalar, conforme anteriormente mencionado, que o consórcio, desde 1936 até aquele momento, tinha se mantido soberano não somente em relação ao contexto regional, mas também nacional. Por exemplo, grande parte da produção recorde brasileira de 1943 era oriunda das minas sob controle do CADEM.

Esta quebra de hegemonia, aliada ao aumento da concorrência estrangeira, do carvão do sul de Santa Catarina e de outros tipos de combustível, condiciona a instauração de uma nova realidade, estabelecendo-se assim um novo período para as vilas mineiras,

principalmente aquelas onde havia o predomínio do Consórcio, as quais logo se veriam profundamente afetadas¹².

Em Butiá, as mudanças levaram a que surgissem reflexões sobre a possibilidade da emancipação política. Até então, como já relatado, este era distrito do município de São Jerônimo, que se constituía como o centro político da Região Carbonífera. Segundo Hoff, “O povo butiaense, preocupado com a decadência mineira, procurando meios para sair da estagnação que estávamos enfrentando, eis que um grupo de políticos resolveram emancipar as minas de Butiá” (1992, p. 106).

Para além da veracidade ou não da afirmação acima, cabe ressaltar que o lento declínio era um fato cada vez mais cotidiano. Durante as décadas de 1950 e 1960, para além “[...] do crescimento do DACM [...]”, temos “[...] o abandono da exploração de carvão em Arroio dos Ratos” e a “paulatina mudança da exploração principal do CADEM de Butiá para o distrito vizinho de Charqueadas” (SPERANZA, 2014, p.52).

De todo modo, a partir do início da década de 1960 temos a mobilização de personalidades do município, como Gastão Hoff, Achylles Coletto, Procópio Farinha, Plínio Secker, Luiz Villodre, Antônio Desimon, dentre outros¹³, que “venceram inúmeros obstáculos” (HOFF, 1992, p. 138.), tais como a mobilização de políticos de São Jerônimo que vinham a Butiá “fazer palestras contra a emancipação” (HOFF, 1992, p. 138). Assim, em 09 de outubro de 1963, se consolida a emancipação da cidade, conseguindo-se a tão sonhada autonomia política¹⁴.

Porém, a emancipação não conseguiu fazer reverter o quadro geral de decadência da mineração de carvão e da agora cidade, que se acelerou a partir da década de 1960.

¹² Como exemplo, podemos citar não somente o caso de Butiá, mas também o de Arroio dos Ratos, que é apresentado por Tassiane Mélo de Freitas em sua dissertação de mestrado, já mencionada na introdução.

¹³ Gastão Hoff, marido de Gertrudes Hoff, foi vereador (Partido Libertador) por São Jerônimo representando o então distrito de Butiá. Procópio Farinha foi agente da Viação Férrea, fundador do Partido Comunista da cidade, sendo posteriormente vereador e advogado. Achylles Coletto, segundo informações fornecidas pela família, foi torneiro mecânico, bastante atuante na sociedade butiaense, sendo nas décadas posteriores membro do MDB, presidente do CNEC e do Clube Butiá. Luiz Serrano Villodre foi vice-prefeito de São Jerônimo entre 1961 e 1962, tendo sido em 1963, antes da emancipação, prefeito de São Jerônimo, no lugar de Rúbens Porciúncula, que se candidatou a deputado estadual. Atuou ao longo da década de 1960 em favor da instalação do CNEC, do CTG Saudades do Pago e também do hospital de Butiá. Antônio Desimon foi comerciante e também aquele que criou o primeiro engenho de arroz, o “Engenho Mineiro”. Plínio Seckler era radialista e membro ativo na comunidade.

¹⁴ Cabe ressaltar que houve um plebiscito em 25/08/1963, como explicita Hoff (1992, p.142), perguntando aos moradores se eles desejavam a emancipação. A maioria, segundo Hoff, votou que sim.

Em 1964, o espólio do CADEM é incorporado pela Companhia de Pesquisas e Lavras Minerais (COPELMI), que estava mais interessada, neste momento, em dinamizar a produção em Charqueadas, não em Butiá. A concentração de capitais era uma necessidade frente aos novos tempos que se apresentavam.

As minas de subsolo de Butiá fechariam definitivamente em 1976, permanecendo, a partir daí, somente as de superfície. No entanto, a exploração do carvão não se daria mais nos mesmos moldes de antes. Como nos relata Speranza, nesta nova fase “há momentos de maior ou menor sucesso nas tentativas de retomada mais agressiva da exploração de carvão” (SPERANZA, 2014, p.53). Haja vista a dependência das vilas mineiras em relação ao carvão, acaba que a estagnação se torna uma norma, ao mesmo tempo em que se buscam novas alternativas econômicas.

Portanto, a agora cidade teria que, a partir de então, lidar com um novo contexto permeado por desafios, ao mesmo tempo em que se buscava retomar o crescimento dos “bons tempos de Butiá”. Como a “volta do carvão” não se concretizava, os meados da década de 1960 marcam o momento em que, pouco a pouco, a “Era do Ouro” passava para o âmbito do imaginário coletivo. A vila mineira se transformava em cidade, buscando novos rumos para a sua existência.

A presente dissertação tem em vista analisar o patrimônio material, constituído em meio a “Era CADEM” e a “Era CADEM/DACM”, buscando perceber as múltiplas nuances e particularidades que permeiam o mesmo. A exposição realizada nos parágrafos anteriores teve como intuito apresentar a conjuntura sócio-histórica que possibilitou a composição destes equipamentos urbanos que vieram posteriormente a se transformar em elementos do patrimônio histórico de Butiá.

No próximo capítulo, serão apresentados os conceitos que permitiram a realização do trabalho de educação patrimonial, bem como aqueles essenciais para a instituição de um olhar múltiplo e plural, principalmente no que tange às relações de classe, gênero e raça.

CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA PROPOSTA BASEADA NO DIÁLOGO CRÍTICO COM ESTUDANTES E COMUNIDADE ESCOLAR

Haja vista o objetivo da presente dissertação - compreender os meandros que permeiam o estabelecimento do patrimônio histórico material, em meio à formação e constituição da sociedade butiaense no período entre 1936 e 1964, marcado pelo auge e decadência da economia carbonífera – buscou-se perceber o que está para além da materialidade objetiva, principalmente no que tange às relações de classe, gênero e raça. Para isso, estabeleceu-se uma proposta de Educação Patrimonial, na qual intenta-se, dentre outros objetivos, apreender a complexidade social que permeou a construção de Butiá enquanto Vila-Fábrica, e, por consequência, perceber como isso reverberou na formação do que hoje convencionou-se chamar de patrimônio local (SPERANZA, 2020).

Cabe agora, tendo em vista o cumprimento do objetivo acima proposto, primeiramente dissertar sobre as categorias de raça, gênero e classe e, posteriormente, sobre educação patrimonial. Em relação às primeiras, pensar essas categorias trazendo-as para serem aplicadas ao contexto carbonífero, contribuiu para uma melhor visualização e compreensão da complexidade anteriormente indicada. Em relação à última, tendo em mente que a educação patrimonial é o cerne da proposta de trabalho, aprofundamentos sobre este conceito se fizeram essenciais. Ambas as reflexões auxiliaram na execução da dimensão propositiva, de forma a possibilitar que todos os envolvidos pudessem vislumbrar para além da superficialidade aparente da sociedade butiaense, bem como de seu patrimônio carbonífero.

Em relação à raça, gênero e classe, devemos ter em mente, inicialmente, que estas categorias não podem ser pensadas de forma fragmentada e/ou mesmo separada, como se cada uma delas estivesse em um âmbito particular, tendo pouca ou nenhuma relação com as demais. Como bem referiu Collins, “[...] Precisamos de novas categorias de análise que incluam raça, classe e gênero como estruturas de opressão distintas, mas imbricadas” (2015, p.14). Ainda segundo ela, “devemos afastar nossos discursos de análises somatórias ou aditivas da opressão” (2015, p. 16).

Assim, não podemos, por exemplo, pensar os mineiros de Butiá na década de 1940 primeiro enquanto classe, deixando de lado as questões de gênero e raça que subjazem à constituição desta, ou mesmo, analisá-los enquanto trabalhadores, homens, negros (ou brancos), não interligando estas categorias e não percebendo as implicações que existem ao relacioná-las. Como nos indica Biroli e Miguel:

Uma análise focada nas relações de classe pode deixar de fora o modo como as relações de gênero e o racismo configuram a dominação no capitalismo, posicionando as mulheres e a população não branca em hierarquias que não estão contidas nas de classe, nem existem de forma independente e paralela a elas. Reduz, com isso, sua capacidade de explicar as formas correntes de dominação e os padrões de desigualdade. Do mesmo modo, uma análise das relações de gênero que não problematize o modo como as desigualdades de classe e raça conformam o gênero, posicionando diferentemente as mulheres nas relações de poder e estabelecendo hierarquias entre elas, pode colaborar para suspender a validade de experiências e interesses de muitas mulheres. Seu potencial analítico assim como seu potencial transformador são, portanto, reduzidos. (2015, p.29)

Ao verificar a organização das comunidades carboníferas do Rio Grande do Sul, esta questão fica mais evidente, como bem nos afirma Speranza quando, ao analisar a dimensão de gênero, coloca que,

[...] nas minas do Rio Grande do Sul, o lugar feminino restringia-se ao lar, não havendo operárias mulheres na mina [...]. Para as mineradoras instaladas em território rio-grandense, as mulheres eram essenciais não como instrumento de rebaixamento salarial, mas como parte das estratégias de fixação dos trabalhadores homens nas minas, bem como na reprodução da mão de obra (através da geração e criação de filhos). A alta rotatividade era um fator importante, dado o abandono no emprego, as doenças profissionais (em especial as pulmonares) e as aposentadorias precoces por invalidez, consequência direta da alta insalubridade do ofício. Além disso, sem o intenso labor doméstico feminino, a extrema exploração do braço masculino não seria possível. (2020, p.119)

Sendo assim, em Butiá, e no restante da Região Carbonífera do Rio Grande do Sul, as mulheres se colocavam como uma importante mão de obra não remunerada, essencial para a manutenção do trabalho masculino nas minas de carvão. Sem o trabalho delas no âmbito doméstico, por exemplo, seria mais difícil para as companhias mineradoras manter a exploração sobre o restante da força de trabalho.

Em relação à mão de obra masculina, não podemos deixar de ressaltar os seus valores no que tange à masculinidade. O que significava ser um homem em meio a esta comunidade? Qual era a masculinidade que se fazia hegemônica neste contexto?

Antes disso, porém, é necessário indicar que não existe somente uma única masculinidade, universal a todo e qualquer homem, ou seja, um modelo único de hombridade que transcenda as diversas realidades sociais particulares. Como indica Kimmel:

“[...] há múltiplos sentidos de o que ser homem significa”, sendo que “[...] os significados de masculinidade variam de cultura a cultura, variam em diferentes períodos históricos, variam entre homens em meio a uma só cultura e variam no curso de uma vida” (1998, p. 106).

No caso de Butiá, temos uma estreita vinculação entre a conjuntura das relações de trabalho e as concepções próprias de uma hombridade mineira. Neste sentido, é importante a contribuição de Ciocari, indicando que “A questão da honra, assim como da masculinidade, entre os mineiros de carvão, está estritamente vinculada ao trabalho, que se constitui em meio de acesso à identidade social” (2004, p. 46-47).

A autora ressalta também que, nesta categoria, existe uma “forte imbricação dos conceitos de masculinidade e honra no enfrentamento do medo e do risco da morte”. Ser homem, assim, significava se colocar diante de “[...] uma batalha com a natureza”, enfrentando corajosamente “[...] o perigo e a insalubridade das condições de trabalho, portanto à morte, à doença e à fatalidade” (CIOCCARI, 2004, p. 45). Deste modo, a coragem era um elemento essencial desta masculinidade, atrelando-se a uma solidariedade, essencial, tendo em vista os riscos cotidianos do trabalho. Estes dois elementos formavam, portanto, a honra e a identidade destes “combatentes” das minas de carvão.

Mas, e as questões de raça? Este aspecto seria menos relevante no contexto carbonífero? A resposta para isso se encontra no próprio afluxo de imigrantes europeus, que desde o século XIX afluíam em quantidade razoável para as minas de carvão da região sul, sendo bastante valorizados pelas companhias, muito pela “ideia de uma suposta incapacidade dos ex-escravos de se adaptarem ao trabalho livre” (SPERANZA, 2014, p. 3)¹⁵.

¹⁵ Speranza não deixa de afirmar neste mesmo artigo que, em muitos momentos, houve críticas das companhias à presença de elementos “subversivos”, que promoviam agitação em meio aos trabalhadores das minas. Mesmo assim, segundo ela, o afluxo de imigrantes europeus permaneceu constante até a década de 1950 (2014).

Devido à precariedade do trabalho nas minas, à alta rotatividade e à necessidade constante de mão de obra, tínhamos contingentes de trabalhadores negros ao lado de inúmeras populações de imigrantes europeus. A segregação entre estes não se dava no “ambiente de trabalho, mas nos espaços de sociabilidade e lazer montados nas vilas fábrica” (SPERANZA, 2014, p. 12)¹⁶. Temos, portanto, o componente racial afetando as relações cotidianas no âmbito das vilas fábricas carboníferas, o que demonstra a importância de também trazermos este conceito para a análise, em estreita relação com aqueles anteriormente indicados.

Assim, em Butiá, e no restante das vilas mineiras do Rio Grande do Sul, encontramos inúmeros elementos que confirmam a necessidade de um olhar interseccional sobre essa sociedade e seu patrimônio. Fazendo uso deste instrumental teórico, será possível compreendê-los em um nível maior de complexidade.

Portanto, tendo em vista os indicativos acima, desconsiderar ou mesmo relegar a insignificância, questões de gênero, raça ou classe, priorizando-se de forma isolada uma ou outra, constitui-se, do ponto de vista interseccional, um equívoco, que diminui as possibilidades de construção de um entendimento mais qualificado sobre a realidade social. Não podemos, assim, hierarquizar de forma estanque esses marcadores sociais da diferença, isto é, colocar estas categorias em patamares diferentes, em ordem de importância, de modo que alguma delas, fosse mais essencial do que as outras, como se houvesse a “[...] necessidade de quantificar e hierarquizar todas as relações para que se saiba onde alguém se localiza” (COLLINS, 2015, p. 18).

Assim, não é possível pensar o “ser mineiro” como mais importante do que o “ser homem” ou do que “ser negro” (ou branco). Devemos pensá-los, quando possível e respeitando as especificidades conjunturais, em uma perspectiva de equidade e numa estreita relação. Deste modo, por exemplo, o indivíduo é um mineiro, homem e negro (ou branco), ao mesmo tempo e em todos os momentos.

Da mesma forma, se formos pensar a questão de gênero, a posição das mulheres enquanto força de trabalho “restrita” ao âmbito doméstico torna esta questão menos importante do que aquelas que envolvam classe ou raça? Como anteriormente verificado,

¹⁶ Os documentos que obtive em minha pesquisa junto ao Museu Estadual do Carvão corroboram esta afirmação.

a classe trabalhadora das minas, essencialmente masculina (pelo menos no Rio Grande do Sul) e com origens sociais e étnicas distintas, só conseguiu enfrentar a dura realidade das galerias de carvão por causa da ação cotidiana de mulheres, dentro e fora do âmbito do lar.

Deve-se ressaltar, porém, que podem haver distinções, haja vista cada contexto em específico, ou seja, “[...] Raça, classe ou gênero podem estruturar uma situação, mas podem não ser igualmente visíveis [...]” (COLLINS, 2015, p. 18). Sendo assim, é necessário que o pesquisador esteja atento, pois, como nos mostra Henning ,

[...] não necessariamente é preciso desenvolver a análise de uma infinidade de marcadores em toda e qualquer análise social, mas atentar para o entrelaçamento daqueles que se mostram relevantes contextualmente, ou seja, partindo de análises atentas às diferenças que fazem diferença, em termos específicos, históricos, localizados e obviamente, políticos. (2015, p. 111)

Portanto, é fundamental que se faça uma reflexão refinada que permita perceber as particularidades de cada contexto social, e assim possam vir à luz as “diferenças que fazem diferença”, mas nunca perdendo de vista, no entanto, que raça, classe e gênero, apesar de não se apresentarem da mesma forma, estruturam conjuntamente e articuladamente as relações sociais.

Em outras palavras, transplantando tais reflexões para a conjuntura em análise, é necessário compreender como as questões de classe, gênero e raça se entrelaçam no contexto da vila carbonífera de Butiá, como contribuem para a constituição dos pilares fundamentais da sociedade e como podemos visualizá-las no patrimônio histórico material. Para que isso seja possível, é necessário que se tenha clareza quanto ao processo educativo mediatizado pelo patrimônio, ou, a educação patrimonial.

Primeiramente, parte-se da premissa que o patrimônio histórico e cultural é fruto de uma construção social, “[...] produto das relações sociais e significados que os indivíduos lhe atribuem” (TOLENTINO, 2018, p. 56). Desde essa perspectiva, o patrimônio é desnaturalizado e vislumbrado dentro de um contexto histórico e social específico, permitindo uma apropriação democrática e reflexiva pelos atores sociais envolvidos com a educação patrimonial.

Esta perspectiva de educação patrimonial, pautada pela horizontalidade, criticidade e democracia, está em consonância com normativas estabelecidas pelo IPHAN

(Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para este campo. Em “Educação Patrimonial: Histórico, conceito e processos”, Florêncio afirma que a CEDUC (Coordenação de Educação Patrimonial)

[...] defende que a Educação Patrimonial se constitui de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso à compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para o seu reconhecimento, valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e pela participação efetiva das comunidades e produtoras das referências culturais (2014, p. 19)¹⁷.

Haja vista esta concepção, construída em meio a um processo dialógico e democrático, se constituem conhecimentos que permitem a estruturação de projetos nos mais variados espaços educacionais e/ou culturais, levando em conta as diversas referências culturais que se fazem presentes na sociedade brasileira.

Sobre as referências culturais e sua relação com o patrimônio, cabe ressaltar, porém, que já na Constituição Federal de 1988 encontramos menção a elas no artigo 216, quando o documento expõe o seguinte:

[...] Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]¹⁸. (BRASIL, 1988)

Como preâmbulo deste artigo constitucional, encontramos no Projeto Interação, desenvolvido entre os anos de 1982 e 1985 pelo então CNRC (Centro Nacional de Referência Cultural), comandado por Aloísio Magalhães, a busca pela reafirmação da “[...] pluralidade e a diversidade cultural brasileira” (FLORÊNCIO, 2014, p. 9). Percebe-se, portanto, que o debate sobre a diversidade cultural e étnico-racial brasileira, e sobre as referências culturais e o patrimônio material e imaterial não são algo novo no cenário cultural e patrimonial brasileiro.

¹⁷ Para maior aprofundamento sobre o tema, é importante a leitura do texto “Educação Patrimonial decolonial: Perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização federal” de Átila Bezerra Tolentino (2018).

¹⁸https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp#:~:text=III%20%2D%20as%20cria%C3%A7%C3%B5es%20cient%C3%ADficas%2C%20art%C3%ADsticas,%2C%20paleontol%C3%B3gico%2C%20ecol%C3%B3gico%20e%20cient%C3%ADfico. Acesso em: 23 de jun. 2021.

Além disso, faz-se educação patrimonial (não necessariamente utilizando-se desta nomenclatura) em museus, centros culturais, sítios arqueológicos, universidades, empresas, no campo e na cidade, além é claro de no espaço escolar. A relação entre educação e patrimônio é, portanto, transcendente, no sentido de que perpassa diferentes contextos e lugares sociais. Ao mesmo tempo, a relação entre educação e patrimônio não é nova e já era marca registrada dos museus brasileiros, por exemplo, desde o século XIX.

Feito este destaque, é importante ressaltar que a educação patrimonial pode vir a estabelecer uma relação frutífera com o espaço escolar e o ensino de História, contribuindo para uma análise crítica sobre a conjuntura sociocultural em que alunos e professores estão inseridos, através de uma ação reflexiva quanto ao patrimônio histórico, o que por sua vez permitirá uma melhor percepção quanto à diversidade cultural brasileira. Nas palavras de Gil, trata-se de

Uma educação patrimonial que possibilite ampliar as fontes documentais, permitindo que um conjunto de saberes, fazeres, formas de expressão, lugares, monumentos, sejam problematizados em sua historicidade [...]. Uma educação patrimonial que não está interessada somente em objetos [...], mas na dignidade das pessoas, nas histórias silenciadas das comunidades populares, nas memórias dos sujeitos subalternizados (2020, p. 120-121).

No entanto, para que isso aconteça, é necessário a superação de um entendimento sobre educação patrimonial que ainda permeia os espaços de produção de trabalhos e pesquisas sobre a área: a já comentada ideia do “conhecer para preservar”. Segundo esta premissa, para que aconteça o reconhecimento de determinado patrimônio, é necessário que o indivíduo ou coletividade conheça-o, em seus mais variados aspectos, o que acarretará uma maior preservação do referido bem. Teríamos então o tripé “Conhecer-Valorizar-Preservar”. A respectiva premissa se encontra consolidada no Guia Básico de Educação Patrimonial, publicado em 1999, tendo como autoras Maria de Lourdes Parreiras Horta, Eveline Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro.

Este livro foi, por muito tempo, a principal referência no que tange à educação patrimonial no Brasil. Nele, essa é entendida enquanto uma metodologia que deve levar, em última instância, à valorização e preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. Também acaba por ser uma obra pioneira, condensando os principais pressupostos desta prática educativa, os quais se encontravam anteriormente dispersos.

Ao mesmo tempo, foi o primeiro momento em que se usou de forma objetiva o termo “Educação Patrimonial”. Segundo Demarchi:

O Guia Básico de Educação Patrimonial é um marco paradigmático para o campo da educação mediada pelo patrimônio cultural no Brasil. Publicado em 1999 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em parceria com o Museu Imperial, ele consolida a introdução no Brasil do “trabalho pedagógico desenvolvido na Inglaterra sob designação de Heritage Education”. (2018, p. 143 *apud* HORTA, 2006, p. 5).

No entanto, como muitos trabalhos posteriores fizeram notar, o Guia de Educação Patrimonial apresenta algumas questões bastante problemáticas. Primeiro, ele entende a educação patrimonial enquanto uma metodologia, e não um campo de pesquisa e produção de conhecimentos. Scifoni, quando se refere ao conceito de educação patrimonial, coloca que o Guia acaba por limitar as possibilidades de “[...] compreendê-la como aquilo que designa um campo de atuação e que pode, portanto, contemplar variadas e múltiplas metodologias” (2017, p. 6). Assim, se relacionaria enquanto conceito, de acordo com o Guia, a uma metodologia específica que está contida no documento, com direcionamento e objetivos previamente estabelecidos.

Segundo, sob a perspectiva do “conhecer para preservar”, se parte da ideia de que o patrimônio já tem valor a priori, cabendo aos educandos unicamente conhecê-lo e valorizá-lo. Não se abre espaço para reflexão sobre quais seriam estes valores e o que eles representam para os professores, mas principalmente para os alunos. Não há, enfim, espaço para questionamento e problematização sobre o patrimônio. Demarchi revela que esta concepção educativa é “despolitizada e despolitiza o patrimônio, não encarando a educação como um ato criador, como defende Paulo Freire, pois anula a análise crítica que se pode fazer sobre ele. Ele já define de antemão aonde quer chegar: a preservação do patrimônio cultural” (2018, p. 148).

Relacionado a isto, e já entrando na terceira problemática, temos o fato de que, neste enfoque, subentende-se que o aluno, ao conhecer, irá preservar, o que não necessariamente é fato dado. Tolentino, sobre isso, coloca que

Simone Scifoni [...] lembrou as pichações feitas no monumento às Bandeiras, no Parque Ibirapuera em São Paulo, durante as chamadas jornadas de junho de 2013, marcadas pelas manifestações populares em todo o país em protesto ao aumento das tarifas do transporte público. O monumento foi alvo de uma grande pichação, onde foi escrita a palavra “assassinos” nos bandeirantes ali representados. (2016, p. 45)

Portanto, conhecer não levará por si só à manutenção, sendo que tal conhecimento “não é suficiente para garantir a preservação dos bens culturais” (TOLENTINO, 2016, p. 45). Por fim, quanto à quarta e última problemática indicada na bibliografia consultada, podemos verificar que a educação patrimonial identificada no Guia Básico não abre espaço para a patrimonialização das referências culturais de populações subalternizadas do Brasil como, por exemplo, populações indígenas, afro-brasileiras ou operárias. Ao contrário, parte-se do pressuposto de que a sociedade, englobando estas populações, precisa ser alfabetizada culturalmente. Nesta ótica, “[...] não reconhecemos o outro como produtor e protagonista de sua própria cultura e colocamos uma cultura (a minha) como superior à outra (a do outro)” (TOLENTINO, 2016, p. 40-41).

Sendo assim, se apresenta como necessária a superação desta educação patrimonial do “conhecer para preservar”, tendo em vista a proposta de constituir no âmbito escolar (e também fora dele) uma prática pedagógica crítica, dialógica e problematizadora, em contraposição à política educativa essencialmente preservacionista até então estabelecida. Uma educação que coloque em debate o patrimônio e que busque levar educandos e professores a refletirem sobre ele, percebendo assim o que está para além dos valores previamente estabelecidos, questionando também quem são os segmentos sociais detentores dos respectivos valores.

Coloca-se, pois, como necessária, a instituição de novas concepções sobre educação patrimonial, contribuindo para a produção de “uma educação comprometida com a vida, uma educação que use a memória e o patrimônio para mobilizar afetos políticos e estéticos [...] e, assim, produzir pertencimento, estranhamento, reflexão, pensamento histórico e ação”. Ou seja, uma educação que coloque os indivíduos em situação de desacomodação permitindo a “inserção crítica do sujeito na realidade, facilitando a construção da consciência reflexiva e politizada acerca dos fios que tecem a realidade social” (STRECK; REDIN e ZITKOSKI, 2019, p.161). Uma educação, da mesma forma, comprometida com a “[...] com a diversidade e aprendizagem em História” (GIL, 2020, p. 122). Em outras palavras, uma educação patrimonial dialógica, que permita a compreensão da multiplicidade social, étnica e cultural que compõe e constrói a sociedade brasileira.

Portanto, tendo em vista as considerações anteriormente realizadas, se mostra necessária, no que tange especificamente à presente dissertação, a estruturação de uma educação patrimonial que não se restrinja unicamente a conhecer o patrimônio histórico material do período que compreende a “Era de Ouro” e a decadência da economia carbonífera em Butiá. Apresenta-se como fundamental a problematização tanto do patrimônio como da sociedade que lhe deu/dá significância e valor, não entendendo esta como algo singular e uniforme, mas marcada por diferentes tempos, relações, modos de vida, interseccionalidades e inserções no mundo do trabalho.

Ao mesmo tempo, o processo educativo não deve perder de vista as questões próprias do contexto escolar e do ensino de História. Uma educação patrimonial que não leve em conta o contexto do processo educativo tende a caminhar para a não concretização dos objetivos propostos. Somente tendo por base a realidade concreta do chão da escola, levando-se em conta as condições e aspirações dos educandos, é que teremos a possibilidade de superarmos, na acepção freireana, a concepção bancária de educação¹⁹, presente na premissa do “conhecer para preservar”, que pressupõe uma narrativa “alienante e alienada” de patrimônios a serem conhecidos passivamente pelos educandos, em uma realidade que é considerada “estática, bem-comportada, compartimentada” (STRECK; REDIN e ZITKOSKI, 2019, p. 161).

É necessária, portanto, a instauração de um processo educativo no qual, mediatizados pelo patrimônio material, possa-se, dentre outros objetivos, possibilitar, a educador e educandos, um olhar crítico multifocal sobre a história de homens e mulheres, negros ou brancos, com diferentes origens e trajetórias, que constituíram a complexa sociedade butiaense permeada por uma pluralidade de relações sociais, num contexto dinâmico e intricado.

Por fim, é necessário o desenvolvimento de uma educação patrimonial que possa tornar visível aquilo que é relegado ao esquecimento. Para tanto, é preciso ter em mente as diversas concepções sobre patrimônio, memória, esquecimento, tempo, etc. que se

¹⁹ Conceito trabalhado por Paulo Freire em sua obra, referindo-se a uma concepção de educação acrítica, apassivadora, que tem em vista que os educadores “depositem” conhecimentos nos educados, cabendo a estes somente “recebê-los e arquivá-los”, sem reflexão ou contestação. Nesta premissa, não há margem para transformação da realidade e sim conformação e adaptação a mesma. Para mais informações ver: FREIRE, 2006.

encontram presentes na sala de aula. O que é ou não patrimônio para os alunos de ensino fundamental da escola Venceslau Brás? O que é patrimonializável para eles? Ligado a isso, como eles entendem o período em questão da história de Butiá? Como se relacionam com os conceitos de memória e/ou esquecimento?

Estas e outras perguntas vieram à tona ao longo do processo e o professor/a/pesquisador/a não pôde simplesmente deixá-las de lado. Foi necessário, tendo em vista as possibilidades concretas do presente trabalho de pesquisa, constituir espaços que possibilitassem a reflexão crítica sobre tais questões, de forma processual e democrática, numa relação de horizontalidade com o patrimônio histórico.

Em outras palavras, almejamos uma educação que não entenda o patrimônio somente enquanto monumento e, no caso específico, se restrinja a “conhecer e preservar”, de forma passiva e apolítica, os patrimônios selecionados a partir do Projeto Memória, mas sim que busque, a partir deles, além de permitir a construção de uma nova compreensão sobre a cidade, consolidar uma visão alternativa de patrimônio histórico, que o entenda enquanto fruto de uma construção social, dotado de múltiplas complexidades, haja vista sua constituição em meio a uma sociedade plural e diversificada.

CAPÍTULO 3 - AS TURMAS E AS SUAS PERCEPÇÕES INICIAIS DO PATRIMÔNIO DE BUTIÁ

Como anteriormente mencionado, a escola em que se deu a dimensão propositiva, foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental Venceslau Brás. Nela, selecionou-se as turmas 60 e 70 do ensino fundamental para o desenvolvimento do trabalho proposto. Elas contam, respectivamente, com 29 e 18 alunos, com idades variando entre 11 e 17 anos.

A maior parte dos alunos provém de famílias da classe trabalhadora, com seus responsáveis exercendo diversas profissões como caminhoneiro/a, motorista, supervisor e/ou servente florestal, mecânico, operador e/ou técnico de máquinas pesadas, professora, manicure, cozinheira e/ou auxiliar de cozinha, diarista, babá, autônomo/a, donas de casa, etc²⁰. Chama a atenção, nesta listagem, as atividades ligadas ao setor de transportes, silvicultura²¹, serviços domésticos e setor de limpeza.

Além disso, quanto à identificação por raça ou cor, uma pequena maioria se apresenta enquanto branca, vindo logo depois aqueles que se apresentam como negros, existindo por fim uma parcela que “prefere não dizer”. Por fim, chama a atenção que tivemos dois alunos se declararam “morenos”.

Quanto à religiosidade, a maior parte se define como tendo uma crença. A religião predominante é a católica, depois a umbanda e, por fim, a “evangélica”²².

Também, no que tange ao local de nascimento, a maior parte nasceu em São Jerônimo e, depois, em segundo lugar, há o grupo que nasceu em Porto Alegre, existindo um aluno que afirma ter nascido em Encruzilhada do Sul. No que se refere a conhecimentos sobre a mineração de carvão, pouco menos da metade detém alguma informação, advinda, na maioria das vezes, de familiares.

Por fim, os alunos afirmaram que o local que mais gostam de frequentar são praças, e, posteriormente, a escola, sorveterias, pizzaria, lojas, etc. Inclusive, de modo

²⁰ As informações apresentadas foram extraídas de um formulário direcionado aos alunos, para resolução através do grupo de Whatsapp, e através de uma professora que no ano de 2021 exerceu o cargo de vice-diretora da escola. O formulário, com algumas alterações, está disponível no Anexo G.

²¹ Para saber mais sobre a silvicultura acessar: <http://www.usp.br/portalbiossistemas/?p=7927>. Acesso em 21 de jan. de 2022.

²² Não forneceu maiores esclarecimentos sobre qual denominação evangélica seria.

relacionado com as opções anteriores, o local amplamente identificado com o mais bonito de Butiá foi a “Praça Verde” (Praça Santa Terezinha), devido, segundo afirmam dois alunos, ao grande número de “árvores” contidas nela. Posteriormente, temos também a menção ao Butiá Tênis Clube, também identificado como um lugar bonito.

Ao mesmo tempo, por uma pequena margem, os locais identificados como os mais feios são o “Esqueleto” (Poço 2) e, posteriormente, a praça localizada ao lado da Escola Visconde de Mauá. No que tange a este último aspecto, chama atenção que outros dois alunos definiram a sua vila de moradia, ou pelo menos parte dela no caso de um deles, a “Caiu do Céu” (Bairro Roberto Cardoso), como locais feios, dentre outras razões, por “causa do saneamento”.

As informações apresentadas acima nos ajudam a traçar um perfil inicial do conjunto das turmas que se envolveram na dimensão propositiva desta pesquisa. Em suma, pode-se definir que são alunos brancos e/ou negros, oriundos de segmentos da classe trabalhadora, identificados em sua maioria enquanto cristãos-católicos, grande parte deles nascido na Região Carbonífera, com algum ou nenhum conhecimento sobre a indústria carbonífera. De posse desse perfil, é possível ter uma melhor compreensão do segmento da comunidade escolar em que se dá o processo pedagógico.

Após isso, é necessário indicar que, no primeiro tópico da “Metodologia da Dimensão Propositiva” do Projeto de Pesquisa, realizado ao longo dos primeiros semestres do curso de mestrado, foram propostas algumas tarefas a serem cumpridas para que se iniciasse o trabalho pedagógico, sendo elas:

- Exposição de PowerPoint sobre História de Butiá, com apresentação de informações sobre o desenvolvimento da economia carbonífera, tendo por foco principalmente o período de 1936 a 1964, relacionando-o com problemáticas próprias do contexto nacional e internacional;
- Demonstração das consequências deste desenvolvimento para a construção da sociedade butiaense; Sensibilização nas questões relativas ao patrimônio; Apresentação do patrimônio histórico material e imaterial de Butiá;
- Por fim, avaliação descritiva, a ser realizada como tarefa de casa, sobre a exposição a respeito da História de Butiá.

Haja visto tal proposta, buscou-se a organização de um plano de aula que tornasse possível a realização destes objetivos, e assim se constituíssem as condições necessárias para a concretização das demais “tarefas” colocadas a posteriori. Ressalte-se que este planejamento se referiria somente ao primeiro tópico da dimensão propositiva anteriormente citada, havendo a necessidade de outros serem organizados, apresentados e problematizados na sequência dos trabalhos.

O presente capítulo visa expor, de forma analítica e crítica, um relato sobre a aplicação deste plano de aula com as turmas da Escola Venceslau Brás, buscando-se discorrer sobre o que estava inicialmente planejado, bem como as alterações que tiveram que ser introduzidas, mostrando, ao fim, o resultado final das reflexões realizadas em sala de aula²³.

3.1 - Constituindo uma reflexão sobre a História de Butiá, os trabalhadores das minas de carvão e o Patrimônio Histórico

Inicialmente, intentava-se planejar a organização de três aulas, sendo que, na primeira, far-se-ia uma apresentação sobre a História de Butiá, correlacionada com a trajetória da mineração de carvão no RS. Posteriormente, em uma segunda aula, seriam apresentados conceitos relacionados ao Patrimônio Histórico, que se iniciaria com uma exposição a qual se articularia, posteriormente, com um debate aberto entre professor e alunos. Por fim, em um terceiro momento, se proporia uma articulação das ideias anteriormente colocadas com o patrimônio material e imaterial de Butiá. Os três momentos assim dispostos seriam feitos de forma síncrona. Finalizar-se-ia com uma avaliação, a ser efetivada de forma assíncrona, com os alunos elaborando uma síntese dos conhecimentos adquiridos.

No entanto, uma possibilidade apresentou-se de forma inesperada, através da professora Melina Kleinert Perussato²⁴, que solicitou a permissão para que dois alunos do curso de graduação em História da UFRGS, Juliana Renck Bimbi e Rogério Cordella Jr.,

²³ Cabe mencionar que, devido ao contexto da Pandemia do Covid 19, a qual ainda se encontra vigente no contexto nacional, as aulas se deram em caráter remoto, sendo feitas através do aplicativo Google Meet. Quando se utilizou este aplicativo, as aulas ocorreram de forma síncrona, isto é, quando professor e alunos se encontram interagindo simultaneamente. Ao mesmo tempo, houve momentos em que a aula foi de forma assíncrona, em outras palavras, de forma remota ou à distância, utilizando-se para interação com os alunos a plataforma Google Classroom e o aplicativo Whatsapp.

²⁴ Professora vinculada à área de Ensino de História da Faculdade de Educação (FACED) da UFRGS.

pudessem fazer uma atividade educativa na disciplina de História com o sexto e sétimo anos da Escola Venceslau Brás. Esta atividade teria por temática “As Minas de Carvão e os trabalhadores da região de Butiá”, e envolveria uma reflexão sobre a importância do carvão mineral nas décadas de 1940 e 1950, as condições de trabalho nas minas de Butiá, e a relação dos trabalhadores mineiros com a Justiça do Trabalho e os direitos trabalhistas.

Esta proposta se mostrou interessante e conveniente, visto que permitiria aumentar a qualidade da abordagem sobre a sociedade butiaense de meados do século XX, foco do presente trabalho de pesquisa, o que, por consequência, contribuiria para um melhor entendimento sobre a formação dos bens patrimoniais originados neste período.

Aceita a solicitação, foi necessário reestruturar o planejamento, inserindo novas etapas e momentos, buscando atender, ao mesmo tempo, as necessidades colocadas pela professora e graduandos da UFRGS, e pela dimensão propositiva deste trabalho. Porém, as alterações feitas foram mais de ordem metodológica, no que se refere principalmente ao como fazer, ou mesmo, a como executar as aulas, sendo que aí entraram questões como formato, síncrono ou assíncrono, com ou sem a participação do professor titular da disciplina, etc.

Por fim, após inúmeras conversas e reuniões, chegou-se a uma proposta final, que abarcava uma série de momentos síncronos e assíncronos, sendo que, em alguns, haveria o protagonismo do professor da disciplina e, em outros, dos graduandos Juliana e Rogério. A proposta era a seguinte:

- Primeira aula: Aula síncrona, no dia 14/05²⁵, orientada pelo professor da disciplina, com apresentação de PowerPoint sobre “A cidade de Butiá e a mineração de carvão”.
- Segunda aula: Aula assíncrona, disponibilizada no dia 14/05 com data de entrega para o dia 18/05, propondo a constituição de uma redação sobre o conteúdo trabalhado na aula anterior.
- Terceira aula: Aula síncrona, no dia 18/05, sobre “As minas de carvão e os trabalhadores da região de Butiá” com os graduandos da UFRGS, havendo supervisão da

²⁵ As datas se referem ao ano de 2021.

professora Melina Perussato e do professor da disciplina, com apresentação de PowerPoint e posterior diálogo com os alunos presentes.

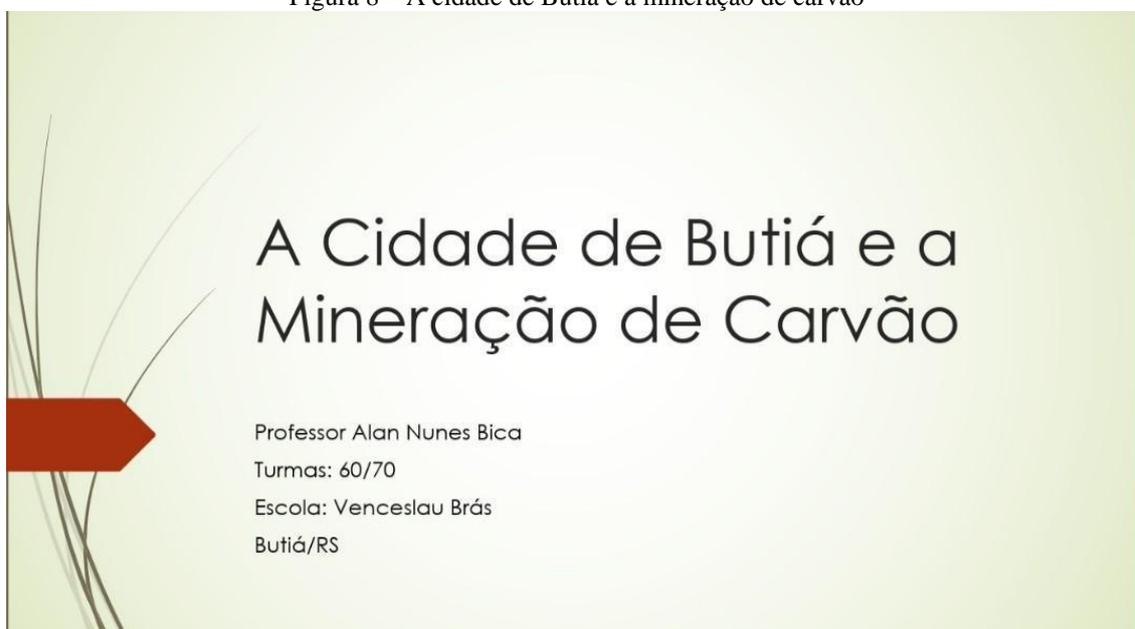
- Quarta aula: Aula assíncrona, disponibilizada no dia 18/05 com data de entrega para o dia 21/05, com atividade proposta através da ferramenta Google Forms, sobre o conteúdo apresentado na semana anterior.
- Quinta aula: Aula assíncrona, disponibilizada no dia 18/05 com data de entrega para o dia 21/05, com atividade proposta através da ferramenta Google Forms, de avaliação dos trabalhos propostos pelos graduandos.
- Sexta aula: Aula síncrona, no dia 21/05, com debate final entre os alunos da UFRGS e alunos de sexto e sétimo ano, com supervisão da Professora Melina e do professor titular da disciplina.
- Sétima aula: Aula síncrona, no dia 25/05, com apresentação de PowerPoint pelo professor da disciplina sobre “O que é Patrimônio”.
- Oitava aula: Aula assíncrona, disponibilizada no dia 25/05 com data de entrega para o dia 04/06, com atividade de constituição de material audiovisual sobre o Patrimônio Histórico de Butiá, a partir do conteúdo trabalhado na aula anterior.

Estabelecida a proposta de aulas, deu-se então a sua aplicação, o que acabou ocorrendo entre os dias 14/05 e 04/06, através da plataforma Google Meet. A explanação dos resultados obtidos ao longo destas três semanas se fará ao longo das próximas páginas. Importante mencionar que, apesar do contexto adverso de uma pandemia de nível global, o qual exigiu alterações substanciais na rotina de professores e estudantes, os resultados foram satisfatórios, percebendo-se que houve avanços na aprendizagem em todos aqueles envolvidos no processo pedagógico. Dificuldades e problemáticas surgiram ao longo do caminho, não impedindo, felizmente, que se alcançassem as condições necessárias para que os próximos passos fossem dados no caminho da dimensão propositiva.

3.2 - Iniciando os trabalhos: uma exposição sobre a trajetória da mineração de carvão no RS e a História de Butiá

A primeira aula deu-se no dia 14/05/21, às 15 horas, quando ocorreram os passos iniciais no planejamento anteriormente traçado, tendo dela participado, em média, 15 alunos.²⁶ A aula teve em torno de uma hora, sendo que se iniciou, após os indicativos e considerações de ordem organizativa e burocrática, com uma exposição sobre a “Cidade de Butiá e a Mineração de Carvão”. Foram feitas perguntas e comentários por parte de professor e alunos ao longo da apresentação.

Figura 8 – A cidade de Butiá e a mineração de carvão



Fonte: Aula online – 14/05

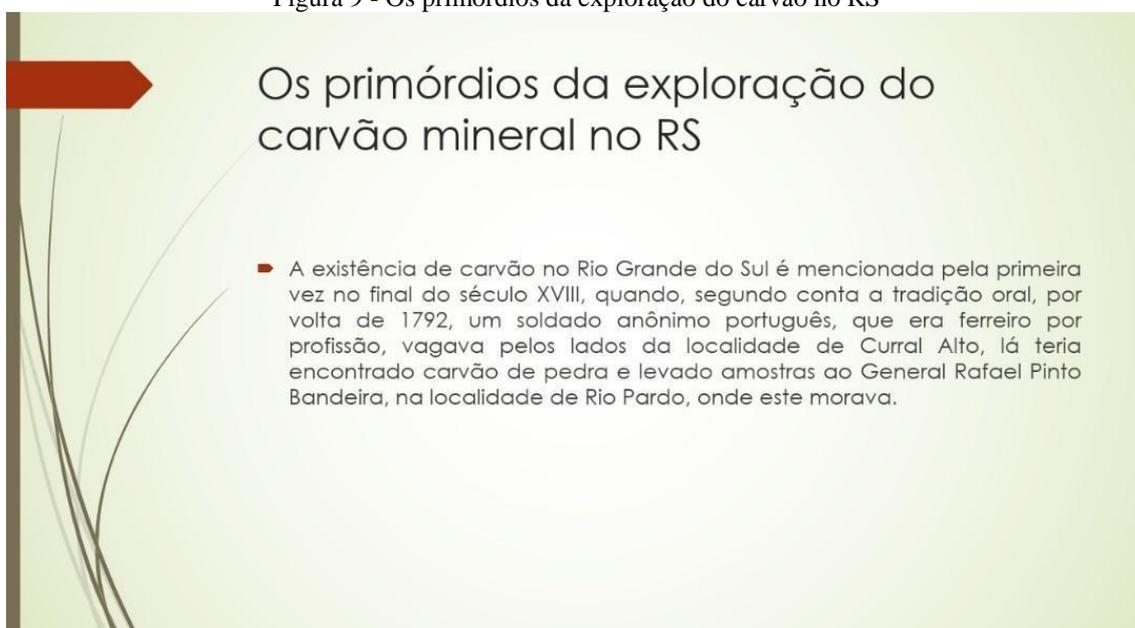
Como apresentar a trajetória de constituição da indústria carbonífera no RS, conferindo o devido enfoque para a formação de Butiá? Dada a complexidade da tarefa, coube, nesse momento inicial, somente apontar alguns fatos, apresentando informações consideradas essenciais, não havendo interesse, portanto, de concluir a discussão, ao contrário, buscou-se, sobretudo, abri-la. O objetivo da aula era, de forma sucinta, demonstrar como se deu o estabelecimento da indústria carbonífera gaúcha e de que modo esse processo influenciou na constituição do município, que veio a fazer parte da chamada Região Carbonífera.

²⁶ Nesta aula, como nas subsequentes, a maioria dos participantes pertencia ao sexto ano.

Sendo assim, a apresentação partiu do contexto mais amplo, dando indicativos sobre as origens da exploração do carvão mineral no RS, explicitando como foram os primeiros passos da instituição desta atividade no estado, ainda no século XIX. Posteriormente, foi feito o direcionamento para o contexto de Butiá, indicando-se as origens desta atividade econômica no plano local, com informações que indicam o seu início no final século XIX, em meio à conjuntura de consolidação da indústria carbonífera sul-rio-grandense.

No início, ao mesmo tempo em que era feita a explanação proposta, intercalaram-se perguntas, tais como: “Vocês sabiam que Butiá já fez parte do município de São Jerônimo? ”; “Faz tempo que se tem conhecimento da existência do carvão nesta região do RS? ”; ou mesmo, “Qual a origem de James Johnson e dos primeiros mineiros de carvão do RS? ”. Frente a estes questionamentos, os alunos interagiram de forma breve e objetiva, com respostas como “Sim”, “Não” e “origem inglesa” (no que tange à última questão), sem fazer outras considerações complementares.

Figura 9 - Os primórdios da exploração do carvão no RS

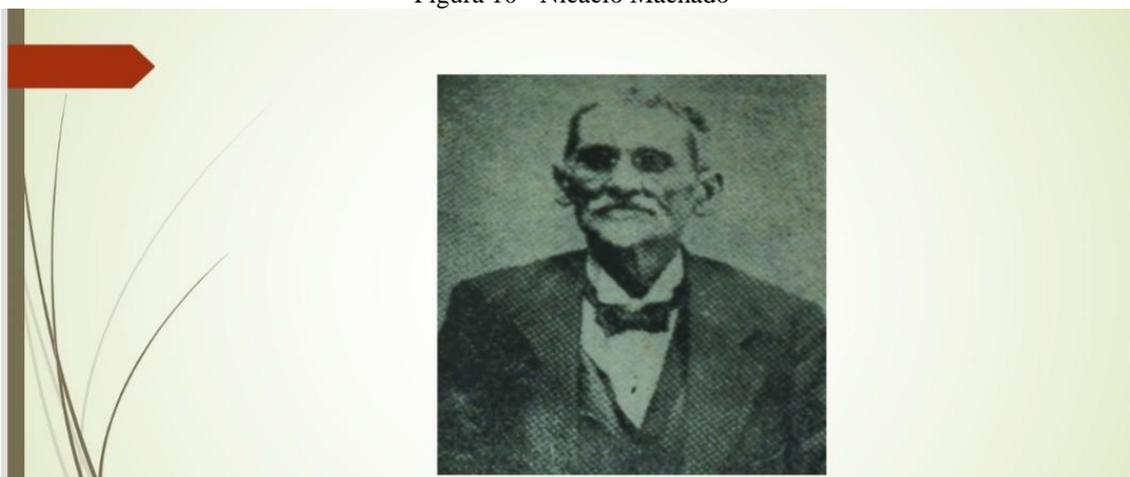


Fonte: Aula online – 14/05

Posteriormente, quando abordada as origens da mineração de carvão em Butiá, chamou a atenção a descoberta, por parte dos alunos, de que um dos pioneiros da exploração do mineral na cidade dá hoje nome a uma escola municipal (Nicácio Machado). Ao mesmo tempo, quando informado que a profissão dele era a de boticário,

perguntou-se aos alunos se eles sabiam o que faziam estes trabalhadores. Uma aluna respondeu: “Ele vendia perfume? ”. Para além da questão, ou mesmo da resposta dada para ela (de que o boticário equivaleria atualmente a um farmacêutico), chama a atenção a relação com a realidade presente, quando a palavra, subjetivamente, seria “propriedade” específica de uma empresa, sendo diretamente vinculada a ela.

Figura 10 - Nicácio Machado



Fonte: Aula online – 14/05

Outro fato apontado na sequência pelo professor foi a importância que Butiá adquiriu ao longo do período da Segunda Guerra Mundial, como uma das principais fornecedoras de carvão mineral para o restante do Brasil, e o quanto isso veio a afetar a transformação do espaço urbano da então vila mineira. Inúmeros prédios e espaços foram construídos neste momento, alguns deles hoje considerados patrimônios históricos, sendo estes indicados na apresentação através de fotografias, algumas delas feitas no período em questão. Os alunos foram chamados a descobrir onde se localizavam, e mesmo para quais fins eles são atualmente utilizados.

Finalizou-se a exposição, indicando quais os fatos que levaram à decadência da economia carbonífera gaúcha, e como isso influenciou na transição de Butiá de vila para cidade. Ao mesmo tempo, foram elencados, através de fotografias, alguns dos personagens que tiveram protagonismo no processo de emancipação, concluindo-se, por fim, com os descaminhos da agora cidade, em meio à decadência da atividade que impulsionou a formação desta desde os primórdios.

Figura 11 - A Emancipação política



A Emancipação Política

- Em Butiá, a decadência da mineração de carvão, levou a que se estabelecesse uma nova realidade. Lentamente, a sua principal atividade econômica perdia a relevância que antes de detinha, provocando mudanças no então distrito.
- Estas mudanças levaram a que surgissem reflexões sobre a possibilidade da emancipação política.

30

Fonte: Aula online – 14/05

Ao mesmo tempo em que se concluiu a apresentação, foram reforçadas as considerações expostas no início da aula, indicando-se uma atividade a ser feita, de forma assíncrona e individual, de constituição de uma redação, com os aprendizados adquiridos ao longo da aula.

Esta atividade assíncrona foi disponibilizada no dia 17/05, através das plataformas e ferramentas comumente utilizadas para o diálogo cotidiano com as turmas, sendo que, ao final do período delimitado, o maior índice de conclusão, em torno de 80%, coube à turma 60. Esta, inclusive, se mostrou bastante participativa ao longo de todas as atividades propostas²⁷.

De todo modo, para além das dificuldades e problemáticas que envolvem o processo educativo, passíveis de serem consideradas plenamente “normais”, principalmente em um contexto de ensino remoto, verificou-se que os objetivos propostos para este primeiro momento foram, de modo geral, atingidos. Trataremos agora do trabalho colaborativo com os egressos da UFRGS, indicando novos elementos que foram introduzidos à reflexão, o que efetivamente se fez a partir do dia 18/05.

²⁷ Desde o início do ano letivo, a turma 60 se mostrou mais ativa e participava do que a 70, seja nas atividades postadas através da plataforma, ou mesmo nas atividades impressas entregues diretamente aos pais ou responsáveis, não sendo algo específico deste planejamento. Para além das inúmeras intervenções da supervisão escolar e corpo diretivo, esse quadro não se alterou até a conclusão dessa dissertação.

3.3 - Butiá: a mineração de carvão, os trabalhadores das minas e a Justiça do Trabalho

Entre os dias 18 e 21/05 realizaram-se aulas síncronas e assíncronas, sendo que, em média, participaram de 10 a 20 alunos, variando conforme a atividade proposta. No dia 18 aconteceu uma aula online, com média de 15 alunos participantes, iniciando-se com apresentações por parte do professor da disciplina, e da professora e graduandos da UFRGS que coordenaram as aulas²⁸, além de orientações de caráter organizativo sobre como se dariam as coisas naquela semana do mês de maio.

Naquele momento, chamou a atenção uma pergunta realizada por um aluno logo no início, quando citada a origem universitária dos convidados: “O que é UFRGS?”. Esta pergunta, vista superficialmente, pode parecer inusitada ou mesmo surpreendente, mas, se analisada por outros ângulos, leva a que surjam outras questões, que podem sugerir um emaranhado de relações de grande complexidade.

Por exemplo, por que o referido aluno não conhece a principal universidade pública do RS? Ou mesmo, é importante que os alunos venham a conhecer esta instituição nesta faixa etária? Na hipótese de ser um conhecimento que ele deveria ter, por que quais motivos não o tem? Seria um problema da universidade, ou de caráter individual ou mesmo familiar? Da sociedade ou do estado? De todo modo, para além das possíveis respostas a estas perguntas, ou mesmo, para além daquela que veio a provocar a discussão, cabe notar que ela gerou reflexões que se estenderam para além do momento ocorrido, em especial, sobre o caráter excludente do ensino superior no Brasil.

Na sequência, os/as estagiários/as Juliana e Rogério buscaram conversar com os alunos presentes, estabelecendo assim as primeiras relações, introduzindo, logo após, uma exposição de PowerPoint sobre “As minas de carvão e os trabalhadores na Região de Butiá”, temática esta que nortearia as atividades posteriormente delimitadas.

²⁸ Tanto o professor da disciplina quanto a professora dos graduandos ficaram, ao longo desta e das outras aulas, somente acompanhando a realização dos trabalhos, interferindo o mínimo possível, visando dar uma maior liberdade para os presentes poderem estabelecer um diálogo profícuo.

Figura 12 - As minas de carvão e os trabalhadores na região de Butiá



Fonte: Aula online – 18/05

A apresentação estendeu-se, sendo que os expositores indagavam, sempre que possível, sobre questões relativas ao tema. Em meio aos primeiros slides, quando os estagiários falavam sobre o carvão mineral para os alunos, determinadas perguntas realizadas por eles se fizeram frequentes e nortearam as reflexões iniciais, tais como: “O que é uma termoelétrica? ”; “Vocês sabiam que a Usina do Gasômetro era uma termoelétrica movida a carvão, e que este vinha das minas de Butiá? ”; “Qual a fonte da energia que hoje chega em Butiá? Vem do carvão? ”; “Qual é a importância do carvão atualmente? ”, etc.

Estes questionamentos tinham em vista levar a uma maior interação por parte dos alunos, promovendo assim um diálogo aberto e produtivo, com o objetivo de criar as condições para uma reflexão crítica sobre as minas de carvão e seus trabalhadores.

Os alunos se mostraram receptivos quanto a estas provocações, interagindo, inicialmente, de forma objetiva. Porém, gradualmente, passaram a fazer colocações de maior complexidade, perdendo assim, paulatinamente, a inibição. Inclusive, neste momento, chamou a atenção o comentário de um aluno, tratando do fato de que, quando era mais novo, se perguntava o que havia debaixo da terra, concluindo, em suas reflexões de tenra idade, que “era madeira”.

Posteriormente, quando as reflexões já se encaminhavam para tratar sobre os trabalhadores das minas de Butiá, bem como de seus combates na Justiça do Trabalho, um interessante diálogo se estabeleceu, havendo inúmeras considerações de professor e alunos sobre as condições do trabalho dos mineiros, suas lutas e a importância desta justiça especializada.

Cabe notar que, em muitos momentos, os alunos colocaram perguntas sobre como se desenvolviam os trabalhos nas minas, fazendo comparações com a realidade atual, buscando perceber similaridades ou diferenças, tendo alguns deles dificuldades para conceber e compreender aquela conjuntura. Alguns apontaram que tinham pais ou parentes que atualmente trabalham na COPELMI, fazendo considerações a partir destas experiências das quais tinham conhecimento.

Uma aluna, inclusive, filha de um trabalhador da empresa carbonífera, fez diversas perguntas sobre as condições de trabalho nas minas de carvão daquele período, dentre elas: “Como eles trabalhavam? ”; “Eles usavam equipamentos de segurança? ”; “Eles reclamavam das condições de trabalho? ”; “Eles realmente sofriam acidentes no trabalho ou fingiam”, dentre outras, sendo elas respondidas por Juliana e Rogério.

Figura 13 - Condições de Trabalho



Fonte: Aula online – 18/05

Por fim, estabeleceram-se considerações a respeito dos direitos trabalhistas e da Justiça do Trabalho, mostrando-se a situação dos mineiros durante a Segunda Guerra, quando eles foram considerados soldados da reserva pelo governo federal, impedidos assim de faltar ao trabalho, o que, caso acontecesse, levava à demissão imediata. Indicou-se o quanto estes trabalhadores consideravam esta determinação injusta, levando a que ocorressem muitas disputas no terreno da justiça.

Pontuou-se, da mesma forma, o quanto a Justiça do Trabalho era recente, havendo ainda, naquele momento, muitas problemáticas e disputas não abarcadas pelos regimentos legais. Também se ressaltou a importância dos processos trabalhistas enquanto fontes históricas essenciais para o entendimento da trajetória de lutas e resistências que envolveram esta categoria de trabalhadores em Butiá e Região Carbonífera como um todo.

Ao final da aula online, deixou-se delimitado que os estudantes realizariam duas tarefas, de forma remota, sendo elas executadas através de formulários do Google Forms, as quais seriam importantes para, primeiramente, captar as suas percepções e, também, avaliar o trabalho realizado pelos graduandos. Por fim, indicou-se que a próxima aula seria no dia 21/05, às 15 horas.

Figura 14 – Formulário sobre as Minas de Carvão no RS e luta por direitos



**Minas de carvão
no RS e luta por
direitos**

***Obrigatório**

Carvão

Vamos começar a atividade falando do carvão. A mineração de carvão no Rio Grande do Sul começou em 1855 em Arroio dos Ratos.

Na década de 1940 e 50 o Rio Grande do Sul tinha 85% do carvão do Brasil todo.

Fonte: Aula online – 18/05²⁹

²⁹<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSf7LHnynaOUPncoR-z-Ju3z9r4K1iYsk1vYS-visVY3w8rILQ/viewform>. Acesso em: 05 de jul. de 2021.

Figura 15 - Formulário de avaliação

Avaliação

*Obrigatório

1. Grave um vídeo de algum familiar seu que more na sua casa, e pergunte a ele as seguintes questões:

- Você já trabalhou ou conhece alguém que já trabalhou nas minas de carvão?
- Como você lembra que eram as condições de trabalho na época?
- Você acha que o carvão é importante para a história da cidade de Butiá?

(envie para o professor Allan)

Avalie o conteúdo das aulas, a explicação dos professores, os materiais, e se você conseguiu compreender o conteúdo. *

Sua resposta

Fonte: Aula online - 18/05³⁰

No dia 21/05 aconteceu o terceiro encontro, com média de 14 alunos participantes, quando a premissa colocada inicialmente era a de estabelecer uma conversa, haja vista a exposição da aula síncrona anterior, bem como as considerações feitas nas atividades assíncronas.

Sendo assim, iniciou-se a aula com os graduandos comentando as respostas dadas nas atividades assíncronas. Dúvidas se apresentaram, sendo que muitos expressaram não ter compreendido plenamente alguns tópicos abordados. Em resposta, alguns alunos demonstraram que haviam entendido a exposição, mostrando que tinham agora uma nova visão sobre a questão do carvão e a história do município. Ao mesmo tempo, um aluno expressou dúvida em relação à origem do nome da cidade, ou mesmo do porquê de Minas do Leão (cidade que fica ao lado de Butiá) ter se separado, sendo que são tão próximas.

Estas últimas dúvidas levaram à intervenção do professor de História de turma, que fez um breve resumo sobre as origens das duas cidades, bem como a respeito dos motivos que levaram a que elas buscassem sua autonomia. Neste momento, chamou a atenção a resposta do aluno: “Não precisou haver guerra”. Percebe-se nela um

³⁰<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfrZkcEknSqLjSkcQ0hmGVvuXAABt2coBvc4OfAw1IusXQL-g/viewform>. Acesso em: 05 de jul. de 2021.

entendimento dos processos de emancipação como sendo sempre conflituosos. De todo modo, respondeu-se dizendo que, ao longo da História, houve aqueles que envolveram conflitos e outros que se deram a partir de acordos e acomodações de interesses.

Logo depois, a partir de um questionamento sobre o motivo de existirem as vilas mineiras, que constava em um dos formulários, estabeleceu-se um interessante debate sobre o trabalho do historiador e as fontes históricas. A origem da discussão residiria em qual das alternativas colocadas no formulário seria a correta para responder à pergunta, levando-se a que se pontuasse que a resposta dependeria do pesquisador e de quais fontes ele utilizaria para buscar as informações.

Provocados sobre o assunto, alguns alunos expressaram, inicialmente, que a resposta dependeria da opinião de cada um, porque “cada um tem uma opinião sobre o assunto”. Sobre isso, destacou-se a importância do trabalho com as fontes, o fato de que elas ajudariam a produzir conhecimentos, neste caso sobre as vilas mineiras, com maior robustez e fundamentação, transcendendo assim as opiniões individuais. Frente a esta colocação, alguns alunos expressaram concordância fazendo determinadas ressalvas em relação à produção de interpretações em História.

Na sequência, finalizou-se com reflexões sobre a importância da Justiça do Trabalho, bem como das lutas travadas pelos mineiros neste âmbito, ou mesmo fora dele, o que acabou levando a conquistas posteriores, tanto no que tange a direitos e resguardos legais, bem como em relação a melhorias para Butiá. Ao mesmo tempo, os alunos fizeram considerações sobre as aulas realizadas entre os dias 18 e 21/05, expressando compreensão e entendimento sobre os temas trabalhados.

Por fim, os convidados da UFRGS deixaram seus agradecimentos aos alunos e professor responsável pelo espaço disponibilizado para a realização das atividades pedagógicas. Também se marcou uma nova aula para o dia 25/05, coordenada agora pelo docente da disciplina, quando, a partir das considerações anteriormente feitas, se realizaria uma reflexão sobre “O que é Patrimônio?”. Na ocasião seriam abordadas algumas ideias importantes para o entendimento do conceito, bem como seriam apresentados exemplos de patrimônios.

3.4 – O que é Patrimônio? Uma reflexão sobre o patrimônio histórico de Butiá

No dia 25/05, foi realizada uma nova aula através do Google Meet, tendo por tema “O que é Patrimônio? ”, dela participando uma média de 15 alunos. O propósito estabelecido logo nas considerações iniciais era fazer uma explanação sobre as principais ideias relacionadas à questão do Patrimônio, apresentando-se, ao mesmo tempo, as múltiplas possibilidades pelas quais este conceito se mostra na sociedade contemporânea. Para cumprir este propósito, foi feita uma apresentação de PowerPoint, sendo trazidas as definições e amostras da realidade nacional, subdivididas nas seguintes categorias: patrimônio material, imaterial, arqueológico e natural.

De antemão, ressaltou-se a definição, já citada anteriormente, proposta na Constituição Federal de 1988, que, em seu artigo 216, define o patrimônio como sendo “[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]”³¹. Por sua vez, para a apresentação destes “bens”, em sua multiplicidade e diversidade, foi tomada por base a categorização proposta pelo IPHAN em seu site oficial³², com a adição do conceito de “Patrimônio Natural” proposto pela UNESCO³³, realizando-se pequenas alterações, haja vista o público-alvo da atividade.

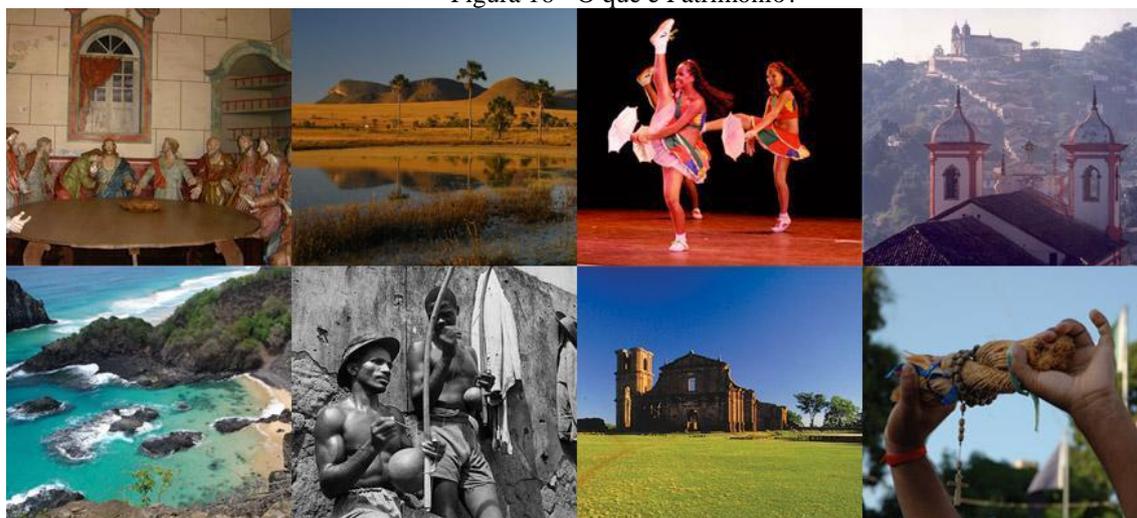
Cabe ressaltar que a proposta não era realizar uma extensa e profunda reflexão sobre a temática, com inúmeras indicações teóricas e bibliográficas, mas a apresentação de pressupostos fundamentais, bem como exemplos, que possibilitassem aos presentes adquirir os conhecimentos necessários para pensarem o patrimônio histórico de Butiá. Por consequência, ao mesmo tempo em que se apresentavam as categorias teóricas, inúmeras “referências” da “sociedade brasileira” eram explicitadas, tendo em vista possibilitar uma melhor visualização por parte dos alunos.

³¹ https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/698aa_Constituicao_Federal.pdf, Acesso em: 11 de jun de 2021.

³² <http://portal.iphan.gov.br/>, Acesso em: 11 de jun de 2021.

³³ <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>, Acesso em: 11 de jun de 2021.

Figura 16 - O que é Patrimônio?



Fonte: Aula online – 25/05

A apresentação ocorreu sem maiores problemas, sendo realizadas provocações por parte do professor e, sempre que possível, havendo uma significativa participação dos presentes com dúvidas, interrogações ou mesmo afirmações de conhecimento sobre os patrimônios apresentados.

Em um momento específico da apresentação, por exemplo, quando se estava em questão os diversos tipos de patrimônio, foram feitas perguntas sobre os patrimônios materiais e imateriais. Em relação aos primeiros, foi mostrado na apresentação uma imagem das ruínas de São Miguel das Missões, sendo que se questionou de qual tipo era aquele patrimônio, sendo que, em sua maioria, os alunos indicaram corretamente a resposta. Chama a atenção, neste momento, o comentário de uma aluna, falando que conhecia o patrimônio, dizendo que o mesmo estava localizado em Arroio dos Ratos. O professor, ao mesmo tempo em que indicou a localização correta do bem, indicou que ela o estava confundindo com as ruínas do Museu Estadual do Carvão. A estudante concluiu afirmando que o fato se deu porque as “imagens eram parecidas”.

Em relação aos patrimônios imateriais, questionou-se, inicialmente, se a capoeira, exposta em imagem, era um patrimônio desse tipo. Também foi perguntado se ela era parte da cultura brasileira. Neste momento, para além das inúmeras afirmações colocando que sim, um aluno disse que não. Logo ele veio justificar sua resposta, dizendo que não considerava a capoeira um patrimônio imaterial do país, haja vista que ela “não tinha sido

feita no Brasil”. Neste momento, o professor indicou que a origem desta prática cultural tinha se dado no país, e ela fazia referência às populações afro-brasileiras, sendo, então, um importante patrimônio brasileiro.

Em outro momento, ao mesmo tempo em que era exposta uma imagem de um conjunto arquitetônico de Salvador (Bahia), uma aluna mencionou que “em Bagé tem várias destas casinhas aí”. Outro aluno disse que parecia “coisa da Itália”, e outra colocou que “parecia o México”. Em relação a este último comentário, o professor indicou que o México tinha sido colonizado pelos espanhóis, que viviam na mesma península que os portugueses, deixando em aberto a possibilidade de que realmente existissem semelhanças na arquitetura trazida pelos dois países.

Por fim, indicou-se como atividade assíncrona a realização de um vídeo, de no mínimo 1 minuto, no qual os alunos deveriam apresentar um patrimônio de caráter particular ou familiar e, também, algum exemplar que fizesse referência à história de Butiá, sendo ele pertencente a qualquer uma das categorias apresentadas. Não foram dados indicativos de bens de origem local durante a exposição, exatamente para que, nesta tarefa, os alunos pudessem se valer dos conhecimentos adquiridos em aula. Como tempo para realização da atividade, delimitou-se a entrega para 04/06/2021.

Ao final do prazo estabelecido, 11 alunos entregaram a tarefa, sendo que, ao menos a metade, cumpriu os requisitos. Cabem algumas considerações sobre estas devolutivas. Primeiramente, em relação àqueles que não efetivaram a tarefa da forma proposta, a maioria esmagadora sinalizou a resolução da atividade na plataforma Google Classroom, mas não anexou o vídeo solicitado, prática infelizmente cotidiana em meio às turmas da escola, que já foi amplamente questionada em inúmeras ocasiões, seja de forma individual, por via da direção, ou através de reuniões de professores com pais ou responsáveis³⁴. Infelizmente, até o presente momento, não se conseguiu resolver este problema.

³⁴ No caso específico destes alunos, não se trata de dificuldade de acesso pois cotidianamente realizam, via plataforma, outras atividades solicitadas pelos professores das disciplinas. Alunos com dificuldades de acesso, devidamente justificados junto à direção da escola, recebem atividades impressas, tendo sido, inclusive, deixado facultativo a eles a realização desta atividade no referido formato.

Segundo, sobre aqueles que cumpriram o solicitado, temos algumas respostas interessantes. Por exemplo, chama atenção o trabalho de uma aluna que, ao mesmo tempo em que respondia a tarefa, acrescentou que seus familiares tinham trabalhado nas minas de cobre de Caçapava do Sul, o que foi devidamente redescoberto após a realização das aulas. Também houve a indicação, em outra devolutiva, de um bem do município, o “Esqueleto”³⁵, como um patrimônio arqueológico, o que chamou a atenção, levando a reflexões, por parte do professor, sobre se este espaço edificado poderia ser definido desta forma, quais as implicações conceituais de tal proposição, quais as origens da sua proposta de caracterização, etc.

Em outra resposta, temos a indicação de uma rua da cidade como patrimônio, sendo que nela, segundo o que o autor do trabalho informa, “passava os trilhos do trem”, demonstrando uma relação com as memórias presentes no imaginário coletivo da comunidade. Por fim, temos indicações de natureza imaterial, nas quais os alunos fizeram referência a um evento conhecido da cidade³⁶ e à “cultura dos mineiros”, o que indica uma analogia com as tradições relativas à indústria carbonífera local.

Concluiu-se, após a realização desta atividade, bem como de todo o planejamento inicialmente proposto para esta etapa da dimensão propositiva, que as turmas estavam preparadas para a continuidade dos trabalhos. Dificuldades e novas possibilidades se colocaram ao longo do caminho, o que não impediu o progresso das reflexões, consideradas essenciais para a produção de maquetes, as quais foram realizadas posteriormente.

³⁵ Neste local, anteriormente, existiu um poço de mineração, o Poço Farroupilha, ou “Poço 2”.

³⁶ O Carbomoto, evento organizado por um grupo de motociclistas, que acontece anualmente no centro de Butiá.

CAPÍTULO 4 - A CONSTITUIÇÃO DAS MAQUETES: ENSINANDO HISTÓRIA E EDUCANDO COM O PATRIMÔNIO EM TEMPOS DE PANDEMIA

A constituição de maquetes de patrimônios edificados relacionados ao Projeto Memória realizou-se na Escola Estadual de Ensino Fundamental Venceslau Brás entre os dias 22/09/2021 (quarta-feira) e 25/10/2021 (segunda-feira). Durante este período de pouco mais de um mês, inúmeras situações se apresentaram, cada uma delas com suas peculiaridades, exigindo ações às vezes imediatas, não dantes previstas em planejamentos preliminares. No entanto, de nenhuma forma estas singularidades se mostraram impeditivos intransponíveis para a realização dos trabalhos, sendo que algumas delas até colaboraram para a qualificação das atividades. De todo modo, estas “paradas obrigatórias” feitas ao longo do caminho serviram para qualificar as reflexões aqui expostas.

Feitas estas colocações iniciais, torna-se necessário neste momento esclarecer como se dará a explanação, ao longo deste capítulo, dos trabalhos realizados junto aos alunos do sexto e do sétimo ano da Escola Venceslau Brás. Primeiramente, será feita a apresentação da conjuntura em que se deu esse processo, de forma sintética e resumida, para que se compreenda o contexto em que estiveram inseridos todos aqueles diretamente ou indiretamente relacionados à dimensão propositiva. Posteriormente, se fará a descrição da proposição inicial para a produção de maquetes, bem como dos instrumentos pedagógicos indicados e necessários à execução das atividades. Logo depois, em estreita relação com o segmento anterior, apresentar-se-á o processo de como se realizaram efetivamente, com suas particularidades, algumas delas, as quais receberam o devido destaque e menção detalhada, haja vista sua importância para o conjunto da obra e para o atingimento dos objetivos da pesquisa. Adiante, mostrar-se-á o processo de finalização do processo, dando-se especial atenção às reflexões surgidas, tanto por parte de alunos, quanto da comunidade escolar, ou mesmo por parte deste que escreve a dissertação. Por fim, uma conclusão será disponibilizada, com reflexões sobre os passos trilhados ao longo deste caminho pedagógico, bem como apontamentos sobre questões a serem pensadas quanto à educação patrimonial e ao ensino de História.

4.1 - Uma conjuntura problemática: produzindo maquetes em tempos de pandemia

A pandemia de COVID – 19, fator determinante das sociedades humanas desde o segundo semestre de 2019, provocou transformações nas relações sociais, políticas, econômicas, culturais, ambientais, dentre outras, com consequências imediatas, ou mesmo de longo prazo, ainda não passíveis de serem totalmente compreendidas. No âmbito das escolas, novas práticas pedagógicas e metodológicas tiveram que ser adotadas, haja vista a manutenção dos processos de ensino/aprendizagem. Da mesma forma que em outros espaços e/ou instituições, afetados em maior ou menor grau pela COVID – 19, e que também tiveram que fazer alterações ou mesmo reorganizações estruturais mais profundas, ainda não é possível medir com certeza o impacto destas novas proposições para a educação brasileira.

No caso da Escola Estadual Venceslau Brás, já em março de 2020 a instituição teve que fechar suas portas, indicando-se, por sua iniciativa, atividades a serem realizadas pelos alunos remotamente, aguardando-se orientações do governo do estado do RS através da Secretaria de Educação, a qual, naquele momento, não tinha deixado claro por quanto tempo essa nova situação se manteria. Naquele momento inicial, não havia ainda um sistema estruturado de ensino remoto, o que veio a ser apresentado e consolidado nos meses subsequentes.

Com o passar do tempo, o ensino remoto se tornou uma nova rotina, sendo que, ao invés de quadro, giz, biblioteca, salas de aulas em estruturas físicas concretas, tínhamos computadores, plataformas virtuais, uso de ferramentas como Google Meet e Google Sala de Aula, todos eles sendo utilizados a partir de espaços dantes quase que exclusivamente direcionados ao convívio privado e particular. Nessa nova realidade, o público passou a fazer parte do privado, e vice-versa, com os dois âmbitos se cruzando e se entrelaçando.

O alvorecer de 2021 não alterou o quadro, com o ensino remoto continuando a ser uma parte substancial da rotina da escola, o que só começou a se modificar à medida que avançava a vacinação contra a COVID -19, a partir do segundo semestre do referido ano. A partir de então, com inúmeros protocolos sanitários, retomou-se parte do ensino presencial, ainda convivendo com outras modalidades de ensino, como o ensino remoto e as aulas impressas, artifício utilizado quando são oferecidas atividades impressas, entregues na escola ao responsável pelo aluno, naqueles casos em que não há

possibilidade de acesso às plataformas digitais ou mesmo quando não é possível a frequência do aluno presencialmente.

Destaca-se ainda que, quando foi realizado o processo inicial desta dimensão propositiva, detalhado no capítulo 3, as aulas na escola permaneciam exclusivamente em caráter remoto, o que não ocorreu nas etapas posteriores, sendo essas realizadas quando a escola já estava imersa em meio às três modalidades antes mencionadas. O processo de constituição de maquetes, havendo a necessidade de relacionar-se com alunos dispersos em três formatos de ensino diferentes, tornou-se um desafio importante e parte significativa do percurso pedagógico.

Essa peculiaridade das etapas finais da dimensão propositiva gerou a necessidade de maior tempo dedicado a contatos, sejam individuais ou em grupo, tendo em vista a apresentação do trabalho, a indicação de tarefas a serem realizadas e de soluções de possíveis problemáticas surgidas, não só no período especificamente dedicado à execução das aulas (turno da manhã), mas em variados momentos do dia, seja no trabalho ou fora dele, tudo isso buscando-se a efetivação, da melhor forma possível, do processo de ensino/aprendizagem.

Ligado a isso, temos o fato que a constituição das maquetes, bem como as tarefas correlacionadas a ela, por todos os fatos apontados anteriormente, realizou-se, por decisão do professor, fora da sala de aula, cada aluno estruturando a sua individualmente. Isso se deveu à impossibilidade de realização dentro do ambiente escolar, com todos os alunos presentes, dentro de um prazo aceitável. Assim, o contato frequente e cotidiano, realizado substancialmente através de plataformas digitais, para a resolução de problemas os mais diversos, foi uma necessidade premente, muito além do que o previsto no planejamento estruturado previamente.

Mas como era esse planejamento? Quais as etapas propostas para a parte final do processo iniciado em meados de 2021? Colocados os principais fatos relacionados ao contexto de execução da produção das maquetes, cabe agora apresentar o cronograma estruturado que possibilitou a execução dos trabalhos, em uma conjuntura tão desafiadora e permeada por problemáticas novas e surpreendentes, para além ou apesar daquelas já postas pelo cotidiano “normal” do universo escolar.

4.2 - Organizado uma proposta de trabalho: as etapas necessárias ao processo de constituição de maquetes

A partir da segunda metade de 2021 até o início da execução dos trabalhos com as maquetes, começou-se a organizar um planejamento para a conclusão do processo iniciado no final do primeiro semestre do referido ano. Inúmeras conversas se realizaram, já tendo em mente o contexto de aplicação da atividade, visto que, como anteriormente mencionado, as novas questões colocadas pelo contexto da escola pública estadual, em meio a uma pandemia global, exigiam adaptações levando-se em conta as peculiaridades próprias daquele momento específico.

Haja vista as questões e problemáticas já apresentadas e trabalhadas anteriormente, estruturou-se o seguinte organograma:

- 22/09/2021 (Quarta-feira): Reunião, através do Google Meet, de apresentação do projeto “SOCIEDADE CARBONÍFERA, ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: memória e esquecimento na compreensão das relações de classe, gênero e raça na cidade de Butiá (RS) no período entre 1936 e 1964, através da construção de maquetes por alunos dos 6º e 7º anos do ensino fundamental”. Nesta atividade, além da disponibilização de informações gerais sobre o projeto, previu-se a entrega da relação de materiais necessários, dentre eles um documento sobre a construção de maquetes, bem como um roteiro de pesquisa.
- 24/09/2021 (Sexta-Feira): Aula presencial com a turma 70 (com transmissão pelo Google Meet), na qual seriam apresentados os primeiros passos para a constituição das maquetes dos patrimônios de Butiá.
- 27/09/2021 (Segunda-feira): Aula presencial com a turma 60 (com transmissão pelo Google Meet), na qual seriam apresentados os primeiros passos para a constituição das maquetes dos patrimônios de Butiá.
- 01/10/2021 (Sexta-feira): Primeira verificação e avaliação das maquetes da Turma 70, presencial e remotamente, com análise dos trabalhos, segundo os critérios estabelecidos. Ao mesmo tempo, entrega dos roteiros/questionários desta turma.

- 04/10/2021 (Segunda-feira): Primeira verificação e avaliação das maquetes da Turma 60, presencial e remotamente, com análise dos trabalhos, segundo os critérios estabelecidos. Ao mesmo tempo, entrega dos roteiros/questionários desta turma.
- 06/10/2021 (Quarta-feira): *Live* com convidados especiais sobre o tema “A Sociedade Carbonífera de Butiá entre os anos de 1936 e 1964”, direcionada, especialmente, aos alunos das turmas 60 e 70, com presença (eventualmente) de outros membros da comunidade da Escola Venceslau Brás.
- 08/10/2021 (Sexta-feira): Segunda verificação com a turma 70, no que tange ao andamento das atividades de constituição das maquetes, quando dúvidas e eventuais problemas poderiam ser colocados em debate, tendo em vista a melhor resolução possível.
- 11/10/2021 (Segunda-feira): Segunda verificação com a turma 60, no que tange ao andamento das atividades de constituição das maquetes, quando dúvidas e eventuais problemas poderiam ser colocados em debate, tendo em vista a melhor resolução possível.
- 15/10/2021 (Sexta-feira): Verificação final das Maquetes das Turmas 60 e 70, em caráter avaliativo, com a sua exposição para a comunidade escolar, nos turnos da manhã e da tarde (Primeiro Grupo).
- 18/10/2021 (Segunda-feira): Verificação final das Maquetes das Turmas 60 e 70, em caráter avaliativo, com a sua exposição para a comunidade escolar, nos turnos da manhã e da tarde (Segundo Grupo).

Sobre o planejamento acima exposto, faz-se necessário tecer algumas considerações, haja vista elucidar certos pontos que podem vir a gerar dúvidas ou questionamentos, permitindo assim uma compreensão mais apurada sobre a trajetória dos trabalhos até a conclusão do processo pedagógico.

Inicialmente, quanto ao formato da reunião do dia 22/09, para apresentação da segunda fase do projeto de constituição de maquetes, optou-se pelo uso da plataforma Google Meet, tendo em vista que ela permitia uma maior participação dos alunos, de ambas as turmas, bem como diminuía o tempo necessário para efetuar os contatos e dar início ao planejamento. Da mesma forma, possibilitava que tudo se realizasse respeitando-se os protocolos sanitários, fundamentais em tempos de pandemia.

Quanto aos materiais necessários para a constituição das maquetes, é importante esclarecer que elementos são esses. Primeiramente, estruturou-se um documento explicativo, buscando dar conta de questões básicas, tais como: “O que é maquete? ”; “Quais os materiais necessários à constituição de maquetes? ”, e, “Onde posso conseguir orientações sobre a produção de maquetes? ”. Com este instrumento, intentou-se preparar os alunos para trilharem os caminhos da história e do patrimônio com a maior segurança possível.

Figura 17 – Materiais necessários para constituição de Maquetes 1 – Patrimônios de Butiá³⁷

Professor: Alan Bica
Disciplina: História
Tema: Constituição de Maquetes – Patrimônios de Butiá

Constituição de Maquetes

O que é uma Maquete?

Maquete ou **modelo** é uma representação (completa) em escala reduzida de um objeto, sistema ou estrutura de engenharia ou arquitetura, ou ainda, o esboço.



Fonte: Aula online - 22/09/2021

³⁷ Este documento encontra-se, em sua completude, disponível no Anexo D.

Figura 18 - Materiais necessários para constituição de Maquetes 2 – Patrimônios de Butiá

Materiais Necessários

- Isopor;
 - Cartolina;
 - Palitos de sorvete;
 - Garrafas pet;
 - Canetinha Idrocor;
 - Lápis de cor;
 - Tinta Guache;
 - Tesoura;
 - Cola normal ou cola quente;
 - Barbante;
 - Palito de dente
 - Caixa de Fósforo;
 - Rolos de papel higiênico;
 - Régua;
 - Caixa de Papelão;
 - Caixa de Leite;
 - Papel Pardo;
 - Argila;
- Entre outros.

Sites para Consulta sobre Maquetes

<https://www.melhorescola.com.br/artigos/aprenda-como-fazer-uma-maquete-escolar-de-maneira-facil-e-criativa>

<https://www.estudokids.com.br/como-fazer-uma-maquete-escolar/>

<https://www.vivadecora.com.br/pro/estudante/como-fazer-uma-maquete/>

Videos do Youtube sobre Maquetes

Como fazer MAQUETE ESCOLAR - TUTORIAL PASSO A PASSO:
https://youtu.be/piX_oVzI-ZM

MOLDES PARA MAQUETE ESCOLAR - PAPELARIA PERSONALIZADA:
https://youtu.be/KcS_SPwbFnk

MAQUETE SUSTENTÁVEL PARA TRABALHO ESCOLAR:
<https://youtu.be/VYYhvVyAXbc>

Fonte: Aula online - 22/09/2021

Posteriormente, foi também fornecido um roteiro de pesquisa, por meio do qual os alunos analisariam fontes históricas sobre os patrimônios edificados de Butiá, disponibilizadas pelo professor da disciplina, para que pudessem perceber e extrair desta documentação as informações necessárias à produção das maquetes. O roteiro se subdividia em três partes: a primeira com perguntas que enfocavam os documentos escritos; a segunda, o acervo fotográfico, e, por fim, a terceira dando destaque aos vídeos do Projeto Memória.

É fundamental deixar claro que cada aluno recebeu a incumbência de trabalhar com um patrimônio, bem como com uma coletânea de fontes escritas, fotográficas e audiovisuais sobre ele. Ou seja, ao se debruçarem sobre o trabalho proposto, tinham um

conjunto de materiais para pesquisa, o que permitia um melhor direcionamento das energias para a seleção das informações na documentação, bem como para a construção das maquetes. O questionário tinha por função direcionar os olhares, com o objetivo de dar enfoque nas relações de raça, classe e gênero, estruturadas em meio aos patrimônios históricos.

Figura 19 - Roteiro de pesquisa 1³⁸

Nome:
Turma:
Data:
Professor: Alan Nunes Bica
Disciplina: História
Tema: O Patrimônio Histórico de Butiá
Atividade: Análise de fontes históricas e produção de maquetes
Escola: Venceslau Brás

ROTEIRO DE PESQUISA – O Patrimônio Histórico de Butiá

Descrição: Segue abaixo um roteiro de pesquisa, a ser feito com base na análise das fontes históricas entregues pelo professor da disciplina, haja vista a produção de maquetes sobre patrimônios históricos de Butiá. Este, se divide em três partes: documentos, fotos e vídeo, estando assim em consonância com a classificação proposta na apresentação das fontes. Solicita-se analisar os materiais disponibilizados, e, posteriormente, responder as questões abaixo, de forma simples e objetiva.

1- Documentos

A) Quais informações constam nos documentos? Apresente duas informações que você acredita que são importantes sobre eles.

B) São citadas pessoas nos documentos?

Caso a resposta para a questão acima seja sim, responder as questões abaixo:

C) São aparentemente homens ou mulheres?

D) Caso algum dos grupos acima (homens ou mulheres) estejam ausentes, subentende-se que não participavam do cotidiano da cidade? Apresente, com suas palavras, uma justificativa para sua resposta.

E) É possível saber se são negros ou brancos ou de outra raça/etnia?

Fonte: Aula online - 22/09/2021

³⁸ Este documento encontra-se, em sua completude, disponível no Anexo E.

Figura 20 - Roteiro de pesquisa 2

F) Caso algum dos grupos acima (negros, brancos ou outra raça/etnia) estejam ausentes, subentende-se que não participavam do cotidiano da cidade? Apresente, com suas palavras, uma justificativa para sua resposta.

G) Eles/as estão fazendo exatamente o que? Estão se comunicando? Relatando alguma coisa? Fazendo alguma descrição? Explique, objetivamente, com suas palavras.

H) Alguma outra coisa lhe chamou a atenção? Caso a resposta seja sim, apresente, objetivamente, abaixo.

2- Fotos

A) Quantas fotos foram disponibilizadas? Quais as informações que elas apresentam? Descreva-as, de forma objetiva.

B) Pessoas aparecem nas fotos?

Caso a resposta para a pergunta acima seja sim, responda as questões abaixo:

C) São homens ou mulheres?

D) São negros ou brancos ou de outra raça/etnia?

E) Caso algum dos grupos acima (homens ou mulheres; negros ou brancos) estejam ausentes, subentende-se que eles não participavam da vida da cidade? Explique, objetivamente, com suas palavras.

F) Eles/as estão fazendo o que? Faça uma pequena descrição.

I) Alguma outra coisa lhe chamou a atenção? Caso a resposta seja sim, apresente, objetivamente, abaixo.

3- Vídeo:

A) Quem é a pessoa entrevistada no vídeo?

B) Qual a sua profissão?

Fonte: Aula online - 22/09/2021

Figura 21 - Roteiro de pesquisa 3

C) Qual a sua idade aproximada?

D) Quando foi feita a entrevista?

E) É aparentemente homem ou mulher?

F) É negro ou branco ou de outra raça/etnia?

G) Qual a relação dele/a com o patrimônio abordado?

H) Em que período/momento ela atuou/participou do espaço que foi transformado em patrimônio?

I) Em quais atividades ele/a participava, quando atuante no espaço que foi transformado em patrimônio?

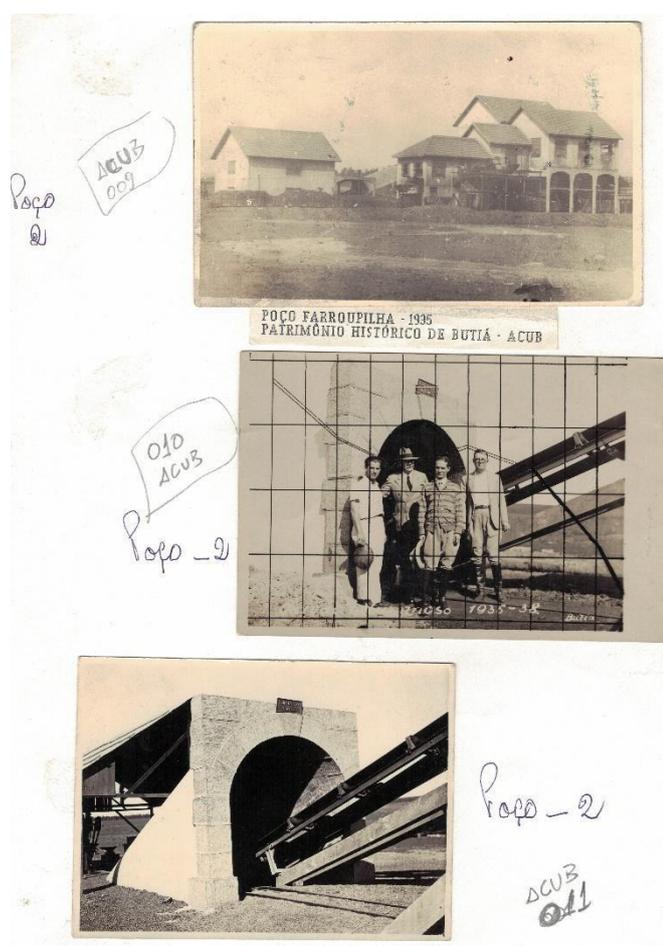
J) Alguma outra informação colocada na entrevista, lhe chamou a atenção? Apresente de forma objetiva.

Fonte: Aula online - 22/09/2021

Por fim, no que tange às fontes históricas, resumidamente, elas foram angariadas nas fases iniciais da pesquisa, antecedendo a execução da dimensão propositiva, como já exposto em capítulos anteriores. Quando da preparação do planejamento acima colocado, os materiais foram separados e selecionados, junto à orientação acadêmica, de forma a servirem como baluarte para os processos pedagógicos de cada aluno.

Esse processo de seleção respondeu aos interesses teóricos e políticos estabelecidos nesta dissertação, sendo que, se forem alterados os enfoques, provavelmente outras questões, não abordadas no presente trabalho, podem surgir e ser desenvolvidas. No entanto, estas visões alternativas ficam como possibilidades passíveis de análise por outros pesquisadores em momentos posteriores.

Figura 22 – Exemplo de material fotográfico disponibilizado: Poço Farroupilha, popularmente conhecido por Poço 2 ou “Esqueleto”³⁹



Fonte: Acervo da ACUB

³⁹ Todas as fontes documentais, fotográficas e audiovisuais disponibilizadas aos alunos para a constituição das maquetes constam no Anexo H.

Um último ponto a ser esclarecido se refere à “*live* com convidados especiais, com o tema ‘A Sociedade Carbonífera de Butiá entre os anos de 1936 e 1964’”. A ideia, ao realizar esta atividade, seria trazer pessoas da comunidade que pudessem, com suas memórias, contribuir para ampliar as perspectivas sobre a vila/cidade, possibilitando o desenvolvimento de visões menos unilaterais e mais multifacetadas e plurais sobre essa sociedade carbonífera.

Por fim, para além dos pontos acima abordados, que certamente necessitariam de maior aprofundamento, cabe dizer que se buscou, da melhor forma possível, dentro do planejamento e do tempo disponível, estruturar espaços para que os alunos de ambas as turmas pudessem ter orientação ao longo do percurso formativo. Haja vista esta disposição temporal, somado ao instrumental pedagógico constituído para a atividade, procurou-se oferecer as melhores condições para o desenvolvimento de novas compreensões sobre os patrimônios edificados, em meio a um contexto complexo, permeado por nuances e peculiaridades diversas.

4.3 - Mãos à obra: as maquetes surgem no horizonte de uma escola estadual de Butiá

Como já exposto anteriormente, esta etapa da dimensão propositiva começou efetivamente no dia 22/09 (quarta-feira), através de reunião pelo Google Meet, que contou com a presença de cerca de 15 alunos, do sexto e do sétimo anos. Nesta, foram dadas as orientações para a continuidade dos trabalhos, tais como, direcionamento dos patrimônios aos alunos, disponibilização de materiais de pesquisa, bem como de instrumentos pedagógicos para utilização ao longo do processo, e delimitação de cronograma, com especificação de etapas a serem cumpridas.

A utilização da ferramenta digital “Google Meet”, como já anteriormente indicado, fez-se necessária, haja vista a dispersão dos alunos em diferentes modalidades de ensino, cada qual com suas particularidades. Porém, ela acabou por não ser suficiente para cumprir este intuito, tendo em vista que, como já mencionado, menos de 20 alunos vieram a participar da atividade (temos cerca de 47 alunos entre as duas turmas). Com isto, outras reuniões pela plataforma tiveram que ser feitas, para além da utilização de outros meios de discussão, como conversas presenciais em sala de aula, ou mesmo através do aplicativo Whatsapp, com alunos e/ou responsáveis.

No que tange aos patrimônios a serem reproduzidos, foram selecionados 10 deles a partir do Projeto Memória. Devido ao número de alunos entre as duas turmas, em muitos casos, vários alunos ficaram encarregados de trabalhar sobre o mesmo patrimônio, o que trouxe possibilidades de análise comparativa, buscando perceber os diversos olhares sobre o mesmo espaço.

O período de orientações se estendeu ao longo de todo o processo constitutivo das maquetes, sendo que, ainda nas últimas semanas, havia alunos sendo instruídos quanto à realização do trabalho. Pode-se dizer que esta foi a grande problemática de todo este percurso, visto que grande parte das energias foram despendidas para ampliar, a cada dia, o número de alunos contemplados pela dimensão propositiva.

Inclusive, uma etapa foi modificada, especificamente aquela que seria realizada no dia 06/10, e que contaria com convidados especiais. Essa teve que ser direcionada para a realização de orientações com alunos que ainda não tinham iniciado os trabalhos, bem como para tirar dúvidas ou realizar correções para aqueles que já trilhavam o percurso. Mesmo assim, este espaço ainda não foi suficiente para a finalização desta tarefa⁴⁰.

Neste momento, é necessário fazer um pequeno apontamento quanto a uma destas orientações, que acabou por ter um significado especial, para além das vivências cotidianas envolvidas no referido processo pedagógico. Para isso, terei que voltar a 2019, quando da realização da primeira temporada do Projeto Memória. Naquele ano, foi realizada entrevista com uma senhora, de nome Claudete Barbosa Pereira, sobre um patrimônio edificado em específico, no caso, a Sociedade Recreativa Ouro Preto. Quando este vídeo foi gravado, não haviam fontes escritas, fotográficas ou de qualquer outra ordem (ou pelo menos era o que se mostrava a priori) que indicassem mais informações sobre este importante espaço de memória, relacionado à cultura negra de Butiá. Sendo assim, esta conversa se fazia importante para que não houvesse a total inviabilização imagética deste patrimônio.

Voltando aos tempos atuais, quando do início dos trabalhos de pesquisa, haja vista o desenvolvimento da dimensão propositiva, foram realizadas pesquisas na Associação

⁴⁰ Infelizmente, apesar de todos os esforços do professor e da direção escolar, muitos ainda ficaram sem orientação quanto às diretrizes do trabalho. E mesmo em relação àqueles para quem as informações foram prestadas, alguns deles não entregaram as maquetes no tempo devido.

Cultural Butiaense (ACUB) e no Arquivo Histórico da Mineração, no Museu Estadual do Carvão, em Arroio dos Ratos. Neles, foram encontradas fontes ainda não acessadas sobre este espaço, que forneceram indicativos sobre nomenclatura, data de fundação, personalidades envolvidas com a manutenção do espaço, bem como quanto à relação deste com a CADEM. Estas fontes ampliaram e muito a capacidade de compreensão do tema, dando condições, inclusive, para o desenvolvimento futuro de novas pesquisas sobre a sociabilidade e cotidianidade da população negra butiaense.

Quando a produção das maquetes se iniciou, um dos alunos a serem orientados seria exatamente o neto da dona Claudete, anteriormente entrevistada no Memória. Foi realizada uma conversa na escola, que contou com a presença dela, e, quando as novas fontes foram apresentadas, ao mesmo tempo em que eram dadas as orientações, percebeu-se o quão significativo tinham sido estas descobertas. Chama a atenção a frase proferida por ela: “É a nossa história”. Ao disponibilizar estes materiais para a pesquisa de seu neto/aluno, para além da questão pedagógica envolvida, parecia que era dada a uma família negra da comunidade as condições para compreender parte de sua trajetória em meio à sociedade butiaense.

Feito este destaque, é importante tecer alguns comentários sobre os questionários/roteiros de pesquisa realizados pelos alunos, quando da investigação das fontes históricas selecionadas. Nas conversas iniciais, realizadas a partir da reunião do dia 22/09, ao mesmo tempo em que eram fornecidos os instrumentos necessários à efetivação dos trabalhos, foi indicado um questionário a ser respondido, servindo este como roteiro de pesquisa. Ele deveria ser feito e entregue conforme as indicações já expostas.

As fontes indicadas aos alunos para análise e reflexão colocam-se como essenciais para esta dimensão propositiva. Elas se apresentam enquanto basilares para a estruturação de novas compreensões sobre os espaços edificados e, ao fim e ao cabo, sobre a sociedade butiaense. Pereira e Seffner, ao falarem da importância da utilização de documentação em sala de aula, afirmam que

O uso de fontes no ensino de história pode ser uma estratégia adequada e produtiva para ensinar história a indivíduos que não tem como objetivo se tornar historiadores, mas para os quais o conhecimento da história pode fazer muita diferença na compreensão do mundo em que vivem e, portanto, na construção de seus projetos de vida. (2008, p. 114)

Portanto, a partir do arcabouço documental previamente estruturado, possibilitou-se a formulação de compreensões dotadas de maior complexidade, levando-se em conta a multiplicidade e diversidade do conjunto social, ao mesmo tempo em que se propiciou as condições para o desenvolvimento cognitivo e intelectual dos alunos. Estes, a partir do momento em que recebiam as indicações e os materiais concernentes, foram concluindo esta parte da atividade, entregando-a ao longo do mês de execução da dimensão propositiva. Importante afirmar que foram dadas as melhores orientações possíveis quanto à como realizar esta tarefa, inclusive com a análise através de exemplos trazidos das fontes pesquisadas.

Quanto às resoluções apresentadas, é possível dizer que a maioria dos alunos apresentou respostas objetivas, mas não por isso destituídas de significado e importância, abrindo-se, por consequência, inúmeras possibilidades de reflexão. Por exemplo, uma das alunas, branca, filha de uma professora da escola e de um técnico de máquinas pesadas, na parte que trata especificamente sobre os documentos, respondeu, quando perguntada sobre se “caso alguns dos grupos acima (homens ou mulheres), estejam ausentes, subentende-se que não participavam do cotidiano? Apresente, com suas palavras, uma justificativa para a resposta”, colocou a seguinte sentença: “Não. Aparentemente, as pessoas que frequentavam o CTG (no caso, o CTG Saudades do Pago, um dos patrimônios indicados para pesquisa) eram bem conhecidas pela cidade”⁴¹

A pergunta acima é a de letra D, da sessão sobre os “documentos”. A questão B tratava sobre se “são citadas pessoas nos documentos” e a questão C perguntava se elas “são aparentemente homens ou mulheres?”. As questões estão devidamente entrelaçadas, buscando-se levar à reflexão sobre as visibilidades e invisibilidades, no tocante à questão de gênero, nos espaços edificados.

Quanto à resposta da aluna, o que nela está implícito? Ao mesmo tempo em que definia que, possivelmente, haveria mais pessoas fazendo parte da vida da instituição, as quais não estavam mencionadas nas fontes, indicava que “aparentemente as pessoas que frequentavam o CTG eram bem conhecidas na cidade”. O que essa aluna entende por

⁴¹ Os erros gramaticais presentes nos textos dos alunos foram corrigidos, quando estes últimos aparecem citados na dissertação, visando uma melhor compreensão por parte dos leitores.

“frequentar”? Seria, efetivamente, fazer parte da tomada de decisões da instituição, ou mesmo, estarem devidamente retratadas na documentação? Frequentar seria o equivalente a uma “verdadeira participação”? Além disso, quem seriam estas pessoas “conhecidas”? Figuras que obtiveram algum reconhecimento, seja político, econômico ou social?

Não há na resposta maiores especificações quanto ao gênero destas individualidades “conhecidas”. No entanto, a partir da documentação disponibilizada, podemos apreender que a maioria absoluta dos citados eram homens, havendo poucas menções a mulheres. Então conclui-se, a partir do exposto, que os “verdadeiros frequentadores” do CTG seriam homens, com alguma relevância social, oriunda provavelmente da ligação destes com o CADEM⁴².

Uma outra aluna, branca, filha de uma diarista e de um servente de obra, também abordando o patrimônio anteriormente citado, quando perguntada na questão E, da sessão sobre as fotos, “caso alguns dos grupos acima (Homens ou mulheres; Negros ou Brancos), estejam ausentes, subentende-se que não participavam do cotidiano? Apresente, com suas palavras, uma justificativa para a resposta”, respondeu: “Sim, porque as pessoas não davam muita importância para as tradições gaúchas”. Esta resposta é, no mínimo, interessante e passível de algumas considerações.

Primeiro, a aluna considera, possivelmente, que a ausência de mulheres e negros/as nas fotos apresentadas indica a falta de importância dada por estas às “tradições gaúchas”. Ao mesmo tempo, ela não parece considerar o porquê da “não presença” destas no que se entende por “tradições gaúchas”, marcadas, como apontam diversos estudos, pelo machismo e racismo.

Jocelito Zalla, referindo-se à obra “Os Guaxos” (1958), de Barbosa Lessa, considerado este um dos patronos do tradicionalismo, afirma que existe uma “escala valorativa entre dois modelos de ser mulher: a mulher ‘guaxa’, com sina de china, e a ‘mulher prendada’, esposa e mãe. O segundo é o ideal, a regra, o desejado; o primeiro é mais do que marginal, é o do ostracismo social” (2010, p. 132). Ao mesmo tempo, caberia ao homem o papel de liderança forte, resistente, capaz de lidar com as querelas do dia a

⁴² Nas fontes, temos o documento de cessão do terreno da Companhia Carbonífera Minas de Butiá (ligada ao consórcio) para o CTG.

dia com coragem e bravura. Seria o equivalente do peão Vírsio, personagem da obra de Lessa, representante dos ideais de masculinidade. Diz o autor:

Vírsio é bravo, é corajoso, é forte, “com o porte sobranceiro dos verdadeiros gaúchos de lei”; contudo é delicado, bonachão, prestativo e sorridente. Delicadeza não significa, para o autor, a perda da masculinidade. Ao contrário, quando associada a um macho de inegável estirpe, é considerada um atributo positivo, ligado à alegria de bem viver [...]. Vírsio é, ainda, dedicado, trabalhador e honrado. [...] Peão ideal, seria também marido e pai ideal, capaz de prover sua família em todas as suas necessidades e honrar sua esposa [...] (ZALLA, 2010, p. 135).

Da mesma forma, este peão teria sua origem estreitamente relacionada à Europa, haja vista que “Foram homens e mulheres de letras, educados em padrões cosmopolitas e valendo-se de modelos narrativos europeus os responsáveis pela elaboração do gaúcho como símbolo da identidade coletiva do Rio Grande do Sul” (ZALLA, 2010, p. 72).

Portanto, a ausência na documentação sobre o CTG de homens negros e mulheres negras ou brancas teria origem na não valorização destes por parte do tradicionalismo gaúcho, ou mais propriamente numa cultura específica, enquadradora e delimitadora de modelos étnicos e de gênero bem definidos?⁴³ Estes padrões, correlacionados com as estruturas sociais da sociedade butiaense, também marcadas por condicionamentos semelhantes de raça e gênero, auxiliam-nos na compreensão das fontes, bem como da resposta oferecida pela aluna.

De todo modo, em relação às fontes apresentadas, podemos perceber diferentes compreensões destas por parte dos alunos, bem como inúmeros entendimentos podem ser elaborados por parte do professor/pesquisador.

Um outro aluno, negro, filho de uma auxiliar de cozinha e de um servente florestal, quando da análise das fontes sobre o Poço 2, visando a constituição de maquete, confrontado com a mesma questão do primeiro exemplo citado acima, no que tange à participação ou não de homens e mulheres no cotidiano da cidade, da sessão sobre os documentos, relatou que acreditava na não participação das “mulheres, porque eu acho

⁴³ Cabe ressaltar que, com as discussões sobre feminismo e negritude, bem como, com os debates em torno do papel da população negra na Insurreição Farroupilha (1935-1945), e na construção da cultura sul-riograndense, realizados dentro e fora do âmbito acadêmico, há mudanças se apresentando no horizonte, que podem vir a provocar transformações significativas na sociedade, repercutindo, por sua vez, nos próprios CTGs.

que na época elas não trabalhavam na mineração”. Essa resposta é no mínimo interessante e mostra como a participação feminina na indústria carbonífera é silenciada.

No Rio Grande do Sul, como dissemos antes, as mulheres não atuavam nos diferentes postos de trabalho concernentes à indústria do carvão. O mesmo não acontecia em Santa Catarina, onde elas atuavam como “escolhedeiras”, separando o carvão da pedra⁴⁴. No entanto, mesmo que em solo gaúcho não atuassem no âmbito da indústria carbonífera, tinham um papel significativo nas comunidades mineradoras, efetuando, por exemplo, diversos outros serviços essenciais para a vida comunitária. Speranza afirma que as mulheres em Butiá

Arcavam com praticamente todo o trabalho doméstico, desde o cuidado com os filhos e da casa, a preparação das refeições, a lavagem das roupas e muitas vezes ajudavam no banho diário e cuidadoso de seus companheiros que chegavam do subsolo das minas cobertos de carvão pelo corpo todo. Muitas casas tinham quintais ou áreas de roça, onde eram plantados alimentos, e também era às mulheres que cabia a maior parte do trabalho na lavoura. As lavadeiras, que se ocupavam da limpeza das roupas, eram muito respeitadas na comunidade⁴⁵. (2021, p. 19)

Para além do âmbito doméstico, como afirma a mesma historiadora, “havia mulheres atuando em outras funções em Butiá, em especial como professoras, desde os anos 1930. Muitas vinham de outras cidades e moravam num prédio que foi construído ao lado da Escola Visconde de Mauá” (SPERANZA, 2021, p. 20). Ao mesmo tempo, elas também se engajaram ativamente nas lutas dos mineiros por melhores condições de vida. Speranza nos relata que

Em 1946, por exemplo, logo depois de uma greve que durou quase dois meses, um grupo significativo de esposas de mineiros escreveu e enviou um abaixo-assinado ao então presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra. Neste documento, que está disponível no Museu Estadual do Carvão, podemos ler que as mulheres se intitulavam “mães, esposas, noivas, irmãs e filhas de mineiros de Butiá” e reclamavam da falta de água, das filas nos açougues, da escassez de alimentos, da falta de escolas, e também a demissão de uma enfermeira que atendia às famílias (2021, p.20).

O aluno citado, reproduzindo o senso comum presente na memória coletiva local, concebe o papel das mulheres como de menor importância em relação ao trabalho

⁴⁴ Sobre isso ver: CAROLA, 1997.

⁴⁵ Esta citação foi retirada de um capítulo sobre “**As mulheres trabalhadoras de Butiá**”, que constará no livro didático da história de Butiá, produzido por essa historiadora em conjunto com a Prefeitura Municipal do município. O material pedagógico se encontra em processo de construção, portanto, a nomenclatura e numeração das páginas são provisórias.

masculino nas minas. Neste sentido, o protagonismo caberia aos mineiros homens, em geral brancos, “bravos” e “corajosos”, desbravadores do subsolo da terra. Por não trabalharem diretamente na indústria carbonífera, elas não teriam uma posição social significativa. Como vimos anteriormente, esta percepção se mostra bastante equivocada, e precisa ser alterada nas narrativas sobre o passado do Município.

Ainda sobre esta questão da presença feminina nas comunidades mineradoras, no que tange em específico a Butiá, uma outra aluna, branca, filha de uma dona de casa e de um pedreiro, quando de sua análise das fontes sobre o Butiá Futebol Clube (outro patrimônio considerado neste trabalho com as maquetes), colocou como resposta em uma das perguntas que provavelmente as mulheres não participavam da vida comunitária “porque não tinha um grupo de futebol para mulheres”.

O presente trabalho não dispõe de elementos suficientes para dissertar sobre a questão dos papéis de gênero nas associações esportivas do município no período em questão⁴⁶. No entanto, para além da existência ou não de times de futebol femininos, a participação delas não se restringia ao “dentro de campo”. No vídeo do Projeto Memória sobre o Brasil Futebol Clube, a entrevistada, filha do fundador da agremiação, fala da importância de seu pai na formação e desenvolvimento do clube e de como, por consequência, ela acabava também se envolvendo no seu cotidiano, haja vista que, por exemplo, muitos eventos relacionados ao Brasil aconteciam na residência da família⁴⁷.

Na mesma entrevista, afirmou que, em dias de jogos, acontecia de haver uma presença massiva de famílias entre os espectadores, com homens e mulheres participando ativamente das partidas. O fato delas não estarem mencionadas na documentação não significa a sua exclusão da vida social e comunitária. Porém, chama a atenção, no relato, a preponderância masculina entre aqueles que teriam sido as “as figuras destacadas”, mostrando, inconscientemente, a permanência da representação de determinadas hierarquias de gênero na estrutura da associação.

Esta questão da presença (invisibilização) das mulheres na vida laboral e associativa de Butiá, haja vista este e os outros exemplos apresentados acima, foi um fator

⁴⁶ Maiores informações sobre o assunto, pesquisar em: FREITAS, 2021.

⁴⁷ https://youtu.be/zGx8_a-Dh3o. Acesso em 13 de jan. de 2022.

não levado em conta pelos alunos cujas respostas transcrevemos. No entanto, isso não resulta, obviamente, de uma falta de capacidade intelectual, ou mesmo de interesse da parte dos estudantes, e sim, parece-nos, de determinados “enquadramentos de memórias”. Em outras palavras, os mesmos condicionamentos de gênero que percebemos no discurso dos educandos estão presentes na memória coletiva da cidade e são reproduzidos acriticamente, silenciando a participação feminina na história local. A presente dissertação, portanto, mostra a importância de construirmos práticas educativas que revertam este quadro e evidenciem “memórias subterrâneas”, como aqueles referentes à participação das mulheres em diferentes espaços de trabalho, luta e diversão (POLLAK, 1989).

Um outro aluno, branco, filho de uma operadora de caixa, neto de uma senhora muito presente no cotidiano da escola, que sempre que possível busca acompanhar a rotina sua rotina de estudos, quando defrontado com questão, da sessão sobre documentos, em relação à presença ou não de negros, brancos ou outra raça/etnia no Cine-Teatro Butiá, respondeu que “não estão presentes, mas com certeza faziam parte como cidadãos butiaenses”. Esta resposta demonstra uma compreensão diferente sobre a participação de pessoas e grupos nos espaços edificados, verificando-se uma percepção que vai além daquilo que está presente na documentação.

Podemos verificar algo semelhante em outra resposta, quando, em questão relativa à participação de homens ou mulheres, da sessão de documentos, também no Cine-Teatro, um aluno, branco, filho de uma dona de casa e de um supervisor florestal, coloca que “acreditava que não. Acredito que as declarações de mensalidade (fontes para a pesquisa sobre o patrimônio), com o nome dos sócios, eram para controle, para saber quem era ou não sócio”.

O mesmo aluno, em resposta à questão posterior sobre a presença de homens e/ou mulheres, negros e/ou brancos, da sessão sobre as fotos, afirma que não estavam ausentes, mas talvez não pudessem participar “porque nem todo mundo pode se divertir. Alguns não têm dinheiro, outros tem que trabalhar”. Esta afirmação é muito interessante e pode levar a alguns questionamentos: como funcionavam as sociabilidades recreativas em Butiá? Todos tinham acesso, sem qualquer discriminação, aos principais espaços de

vivência social da vila/cidade mineradora? Ou havia intersecções de gênero, classe e raça que os permeavam, delimitando hierarquias e exclusões?

Grande parte dos espaços de lazer e sociabilidade de Butiá estavam relacionados, no período delimitado para esta dissertação, ao CADEM, como parte de uma política estruturada de assistência social, direcionada aos moradores da então vila operária. Freitas afirma que “os serviços de assistência social construídos nas minas de São Jerônimo durante o período de administração do Cadem certamente trataram-se de um argumento vigoroso utilizado pelo Consórcio com o intuito de tentar legitimar as suas práticas de dominação e exploração” (2021, p. 74), ao mesmo tempo em que serviam como instrumento de “depuração moral empreendido pelo Consórcio nas minas e que encontrava estreita relação com as ideias higienistas em voga” (2021, p. 76). No entanto, nem todos os serviços eram extensivos igualmente a todos os moradores da vila. Na educação, por exemplo,

Pode-se afirmar que os serviços de assistência social do Cadem eram estendidos apenas para uma parte da população que se apresentou como “fiel” à atuação do Consórcio, não expressando assim qualquer tipo de contrariedade, seja por meio de reclamações diversas, greves ou outras formas de organizações envolvendo operários que discutissem meios de resistência à exploração praticada pelo Cadem (FREITAS, 2021, p. 81).

Em relação aos clubes sociais e de recreação, também partes desta política do CADEM, verificavam-se recortes étnico-raciais bem delimitados, refletindo-se na dinâmica cotidiana dos espaços edificadas. A autora acima, tratando de alguns clubes sociais da região, coloca que

Os clubes Farroupilha e Última Hora, em Arroio dos Ratos, e a Sociedade Recreativa Butiaense (que posteriormente, junto à Sociedade Sete de Abril, veio a formar o Clube Butiá), [eram] caracterizados pelo relatório como “locais de divertimento sadio e civilização dos trabalhadores”. Cabe destacar, no entanto, que esses espaços são conhecidos, conforme verificado por meio das entrevistas realizadas para esta pesquisa, como segregacionistas, ou seja, não permitiam a participação da população negra em suas atividades (2021, p. 98).

Da mesma forma que existiram espaços segregados aos brancos, e certamente como resposta a tal segregação, se consolidaram sociedades recreativas direcionadas à população negra, como a Sociedade Recreativa Ouro Preto, de Butiá, espaço apresentado em vídeo do Projeto Memória. As fontes sobre ele selecionadas para este trabalho indicam que havia participação do Consórcio em sua estruturação e manutenção. Porém, este condicionamento socioeconômico não impediu que a instituição se tornasse um foco de

resistência da negritude butiaense, frente às estruturas dominantes na vila operária. Como destaca Freitas,

As restrições econômicas somadas à segregação existente em determinados espaços de sociabilidade e lazer das minas dificultavam as práticas e manifestações culturais da comunidade negra dos distritos de Arroio dos Ratos e de Butiá. Era necessário negociar, conseguir certo apoio da companhia, para assim continuar resistindo (2021, p. 100).

Sendo assim, a questão do “dinheiro”, indicada anteriormente pelo aluno, correlacionada com os enquadramentos étnico-raciais e de gênero, denota relações de poder interseccionais condicionando a estruturação da sociabilidade butiaense.

Uma declaração que chamou a atenção foi a de um aluno, branco, filho de uma empregada doméstica, em relação à escola Visconde de Mauá, colocada em resposta à questão F, da sessão sobre os documentos, “Caso algum dos grupos acima (negros, brancos ou outra raça/etnia) estejam ausentes, subentende-se que não participavam do cotidiano da cidade? Apresente, com suas palavras, uma justificativa para sua resposta”. Ele afirmou que “acreditava que as pessoas da etnia indígena não participavam do cotidiano da cidade”. Não foi possível localizar, no tempo disponível para a finalização desta dissertação, os elementos necessários para construir uma interpretação sólida sobre tal afirmação. No entanto, apesar disso, se mostra interessante o quanto ele conseguiu perceber uma ausência no arcabouço documental, indo muito além da “memória enquadra” (POLLAK, 1989) sobre Butiá.

Visualizar para além do perceptível, do que as fontes evidenciam, denota uma compreensão que extrapola os enquadramentos sociais e culturais estabelecidos. Neste sentido, superando estes limites, torna-se possível, por exemplo, o questionamento da memória oficial que colocou nas populações europeias as origens fundantes das sociedades carboníferas do RS, num processo em que foram tornadas invisíveis etnias e outras origens que também participaram ativamente da construção e do cotidiano das vilas operárias mineiras.

Enfim, os questionários apresentaram múltiplas possibilidades analíticas e interpretativas, que vieram a ser importantes ao longo do processo pedagógico. De certa forma, este instrumento cumpriu a sua principal função de auxiliar os educandos na compreensão do arcabouço documental disponibilizado, propiciando as condições para o

desenvolvimento de novos entendimentos sobre o município, o que, por consequência, se refletiu na formulação e constituição das maquetes apresentadas na sequência do percurso formativo. Além disso, possibilitou uma vivência do ofício do historiador, que consiste, em grande parte, na busca de respostas nas fontes para as questões colocadas pelo presente, como as intersecções entre as opressões de raça/etnia, classe e gênero.

Cabe neste momento fazer uma pequena observação referente a um desenvolvimento inesperado durante o processo pedagógico. Uma aluna, branca, filha de caminhoneiros, acreditando que seria importante obter mais fontes fotográficas sobre o patrimônio por ela trabalhado, no caso o “Colégio das Irmãs” (atual Escola Multieducare), foi atrás de outros vestígios que pudessem auxiliar na melhor estruturação da maquete, conforme as indicações expostas. Esta busca foi frutífera, o que acabou se refletindo na expansão das indicações de materiais para a pesquisa. Inclusive, um outro aluno que veio a ser orientado ao longo do percurso, se beneficiou destes novos materiais acrescentados. Em ambas as maquetes posteriormente apresentadas, podemos ver o resultado deste trabalho complementar de pesquisa.

Figura 23 - Foto 1 adquirida por aluna em pesquisa complementar sobre o Colégio das Irmãs



Fonte: Acervo da escola Multieducare

Figura 24 - Foto 2 adquirida por aluna, mostrando a fachada externa do Colégio das Irmãs



Fonte: Acervo da Escola Multieducare

Por fim, importante esclarecer que os trabalhos se desenvolveram ao longo do período proposto, sem grandes atrasos no cronograma, apesar de todas as dificuldades impostas pela conjuntura. A entrega das maquetes se deu no dia 25/10, segunda-feira, com as duas turmas entregando no mesmo dia⁴⁸, fazendo-se, logo em seguida, a exposição dos trabalhos para a comunidade escolar e outros membros da sociedade civil organizada da cidade. Como foi esta exposição? As maquetes expressaram os objetivos propostos para esta dimensão propositiva? É o que se verá agora.

4.4 – Exposição de maquetes da Escola Venceslau Brás: uma reflexão sobre o patrimônio histórico de uma comunidade carbonífera

A entrega e exposição das maquetes, como já indicado, realizou-se no dia 25/10, estando elas disponíveis para visualização pela comunidade escolar. Pais e/ou responsáveis não foram convidados, haja vista a exigência dos protocolos sanitários. Excepcionalmente, algumas pessoas da sociedade política foram chamadas a acompanhar os trabalhos dos alunos, tais como, por exemplo, vereadores e representantes do poder

⁴⁸ Inicialmente previa-se, no cronograma, a entrega das maquetes pelas duas turmas em datas diferentes. No entanto, isso não foi possível, realizando-se assim a entrega neste mesmo dia.

executivo do município. Estes foram convidados através de contato telefônico efetivado pela direção da escola.

Os trabalhos surpreenderam pela qualidade, não só no que tange à estética, mas também pelas informações apresentadas nas produções. Nas conversas prévias anteriores à exposição, se conjecturava a possibilidade de, pelo fato de as tarefas terem que ser realizadas individualmente, fora do ambiente escolar, num contexto de pandemia, as maquetes não alcançassem os objetivos propostos. Por isso, um olhar diferenciado, mais criterioso, e respeitador das condições do processo pedagógico, para além do que fora metodologicamente estabelecido, estava no horizonte da atividade. Porém, não foi esse o caso, e as maquetes, na sua quase totalidade, responderam com sucesso às proposições apresentadas ao longo do trabalho, contribuindo para a ampliação dos conhecimentos em História e Patrimônio.

Cada uma, ao seu modo, abordou pontos específicos dos patrimônios apresentados, mesmo quando se referiam aos mesmos espaços. Por exemplo, dois alunos, sendo um deles já apresentado nos parágrafos acima que tratam da participação feminina nas minas de carvão, e a outra, branca, filha de uma dona de casa e de um caminhoneiro, ficaram responsáveis por confeccionar uma representação do Poço Farroupilha, comumente conhecido por Poço 2. As fontes disponibilizadas para ambos foram semelhantes, mas os olhares sobre elas diferenciaram-se, refletindo-se nos trabalhos apresentados, como demonstram as imagens abaixo:

Figura 25 - Maquete 1 do Poço 2 (Poço Farroupilha) representando este espaço na atualidade, quando ele é conhecido por “Esqueleto”



Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

Figura 26 - Maquete 2 do Poço 2 (Poço Farroupilha), buscando representá-lo enquanto poço de mineração em funcionamento



Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

As duas maquetes trabalham com o mesmo patrimônio, mas representam momentos distintos do espaço. Uma delas o apresenta enquanto uma “ruína”, já distante de sua funcionalidade original, enquanto resíduo longínquo da memória carbonífera butiaense. Outra busca retratá-lo enquanto edificação destinada à extração do carvão mineral, quando atendia a um interesse econômico específico dentro da comunidade, como vimos no capítulo 1.

Na segunda maquete, chama a atenção como os mineiros foram retratados por soldados de brinquedo, muito provavelmente devido à falta de acesso a outros “bonecos” que representassem estes trabalhadores. Isso levou a que, provavelmente sem intenção, o aluno acabasse fazendo referência a um momento específico da história da mineração no Brasil, quando, em meio a Segunda Guerra Mundial, eles foram considerados “reservistas em serviço”, pelo Governo de Getúlio Vargas, o que se refletiu nas relações de trabalho entre empresas de mineração e trabalhadores das minas, como exposto no primeiro capítulo (SPERANZA, 2014).

Nestas representações, também percebemos intersecções de classe, gênero e raça, na medida em que visualizamos elementos que vão ao encontro da memória oficial da cidade, segundo a qual os locais de extração de carvão são vistos enquanto espaços compostos por uma classe trabalhadora branca e masculina, formada de “soldados” viris, bravos e corajosos, em uma luta diária nas entranhas da terra, na busca da extração do “ouro negro”.

Ao mesmo tempo, as maquetes não representam o patrimônio somente enquanto arquiteturas de “pedra e cal”⁴⁹. Ao contrário, denota-se uma vivacidade, entendendo-se as edificações como dotadas de sentidos que extrapolam a materialidade. Em outras palavras, não existem somente materiais estruturados de forma a constituírem uma construção qualquer, mas espaços vistos como agregadores de múltiplas vidas que ali exerciam suas atividades.

Outro exemplo se refere às maquetes produzidas sobre a Sociedade Recreativa Ouro Preto. Dois alunos, um deles branco, filho de um pedreiro, e o outro negro, neto de uma auxiliar de cozinha e de um aposentado, ficaram encarregados de trabalhar com este patrimônio, e cada um deles abordou um ponto específico do mesmo. O primeiro deu mais atenção à parte exterior do espaço, apresentando, da melhor maneira possível, os detalhes relativos à fachada, ornamentação, estética, etc. O segundo, por outro lado, para além da estrutura extrínseca, focou-se nas festividades que eram partes da sociabilidade vivenciada na entidade.

⁴⁹ Patrimônios de Pedra e Cal se referem aos bens materiais, móveis e/ou imóveis. As políticas de preservação do IPHAN (anteriormente conhecido por SPHAN), até a década de 1970, privilegiaram os bens desta natureza, em suas práticas de patrimonialização. Para mais informações ver: FERNANDES, 2005.

Figura 27 – Maquete 1 da Sociedade Recreativa Ouro Preto, onde é dado destaque à parte externa do espaço



Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

Figura 28 - Parte interna da maquete 1 da Sociedade Recreativa Ouro Preto



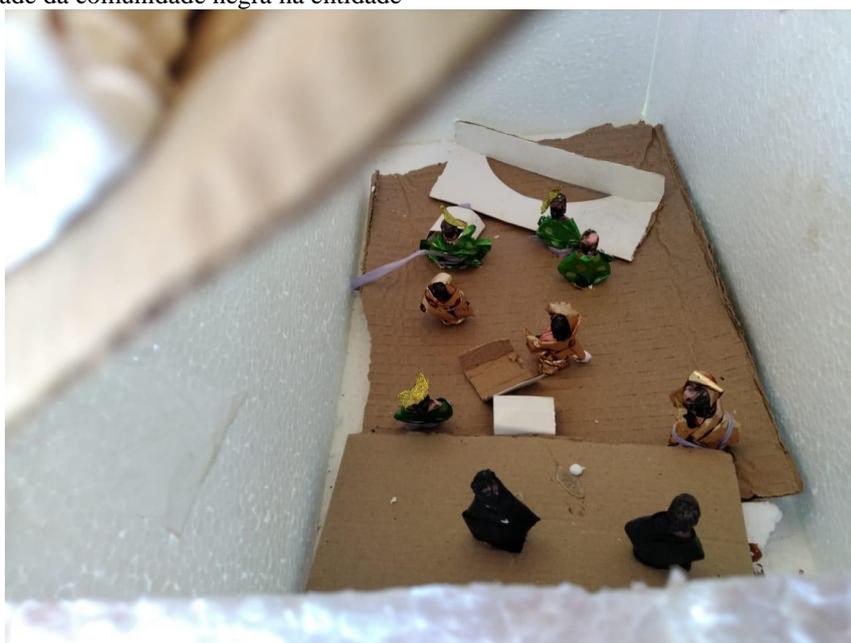
Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

Figura 29 - Maquete 2 da Sociedade Recreativa Ouro Preto, representando a parte externa do espaço



Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

Figura 30 - Parte interna da maquete 2 da Sociedade Recreativa Ouro Preto, onde se verifica a representação da sociabilidade da comunidade negra na entidade



Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

Chama a atenção na maquete acima a delimitação étnico-racial presente na representação da festividade: todos os bonecos, colocados como se fossem membros da entidade, são negros. Ou seja, o aluno visava demonstrar que esta entidade era uma sociedade voltada especificamente para a comunidade negra, tendo em vista a exclusão de outros espaços recreativos congêneres.

No que tange aos clubes negros, se faz necessário realizar algumas considerações. Em relação as estas entidades, verificamos a estruturação de associações voltadas ao lazer e a outras sociabilidades deste tipo ainda durante a vigência da escravidão, na segunda metade do século XIX. O clube negro mais antigo do Brasil foi fundado em Porto Alegre, no ano de 1872: a Sociedade Musical Floresta Aurora. A criação desta associação se deu em uma conjuntura bastante instável, como nos relata Silva:

Vivia-se uma conjuntura bastante turbulenta, se, por um lado, fazia apenas dois anos que o conflito com o Paraguai havia terminado, cerca de duas décadas do conflito do Prata, e pouco mais que isso em relação ao desfecho da guerra civil que ocorreu no território sulino, por outro, estava-se em pleno processo de abolição da escravidão. Afinal, há pouco mais de um ano, em 28 de setembro de 1871, fora aprovada a lei do ventre livre proposta pelo gabinete imperial do Visconde do Rio Branco e assinada pela Princesa Imperial Regente, Isabel. (2017, p. 63)

Sendo assim, a Floresta Aurora constituiu-se enquanto espaço de sociabilidade e resistência negra em meio a um contexto de múltiplas transformações, dentre elas a progressiva extinção da escravidão, que teria seu término oficial definitivo em 1888. Assim:

Era uma sociedade de um tempo que se deparava de forma pulsante com a efetivação da liberdade, que, após a lei do ventre livre, via, finalmente, o fim da escravidão em um horizonte mais próximo. E, assim, viabilizava um significado de liberdade, proporcionando o direito a uma vida social desprovida de cerceamentos quanto à cor da pele, talvez, extensivo ao status social, e, sem dúvida, o direito a auxílio e cuidados. O que pode ser traduzido como um acesso à cidadania em seus múltiplos sentidos, dentre os quais, o principal naquele momento, a liberdade (SILVA, 2017, p. 63).

Na Região Carbonífera, algumas décadas depois, se constituíram, principalmente, dois espaços de lazer e sociabilidade voltados à comunidade negra: a Sociedade Carnavalesca Tesouras, fundada em 1928, e a Sociedade Recreativa Ouro Preto, reproduzida nas maquetes acima, fundada em 1944. Estes espaços se instituíram, pelo menos até década de 1960, como agremiações de luta e resistência, frente à conjuntura segregacionista da Região Carbonífera.

Este segregacionismo contribui para a estruturação de uma memória que privilegia determinados espaços, em detrimento de outros. Freitas, falando sobre a Sociedade Tesouras, revela que, em relação a essa agremiação,

É possível observar uma ausência de relatos feitos por memorialistas locais. Nessa construção seletiva da memória, percebe-se, mais uma vez, a forma como se construiu a memória local com base no mito do Eldorado Negro, em

que o destaque é dado ao europeu “desbravador” e à mão de obra europeia, relegando ao esquecimento o papel das mulheres e dos negros. (2021, p. 100)

Sendo assim, haja vista as considerações acima, conclui-se que as representações da Sociedade Ouro Preto são de todo essenciais, pois possibilitam dar maior visibilidade para uma parte significativa da história da comunidade negra butiaense e da Região Carbonífera, muitas vezes presente apenas nas “memórias subterrâneas”. Conseqüentemente, constitui-se um terreno propício para a ampliação e desenvolvimento de novas reflexões sobre as relações étnico-raciais no âmbito das comunidades carboníferas (POLLAK, 1989).

Outras maquetes interessantes foram aquelas relacionadas ao Colégio das Irmãs, importante patrimônio do município. Quatro alunos, todos brancos, uma delas já indicada acima, haja vista que colaborou com a apresentação de novas fontes fotográficas, e os outros, filhos respectivamente de uma servidora pública, de uma professora e de um motorista, e de um servente florestal, detalharam a estética externa com o maior esmero possível.

Deve-se ressaltar que as novas fontes adquiridas ao longo do processo pela aluna/pesquisadora anteriormente referida contribuíram para uma maior qualidade dos trabalhos finais, possibilitando a visualização do espaço para além da materialidade aparente. Em outras palavras, representou-se um patrimônio vivo, dotado de dinâmica própria e singular, para além de unicamente uma construção ligada à indústria carbonífera.

Figura 31 - Maquete 1, representando o “Colégio das Irmãs”, com sua nomenclatura original



Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

Figura 32 - Maquete 2, mostrando a estrutura externa do “Colégio das Irmãs”



Fonte: Exposição de Maquetes - 25/10

Figura 33 - Maquete 3, mostrando o Colégio das Irmãs, com um jardim externo



Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

Figura 34 - Maquete 4, mostrando o Colégio das Irmãs, com as freiras cuidando do jardim

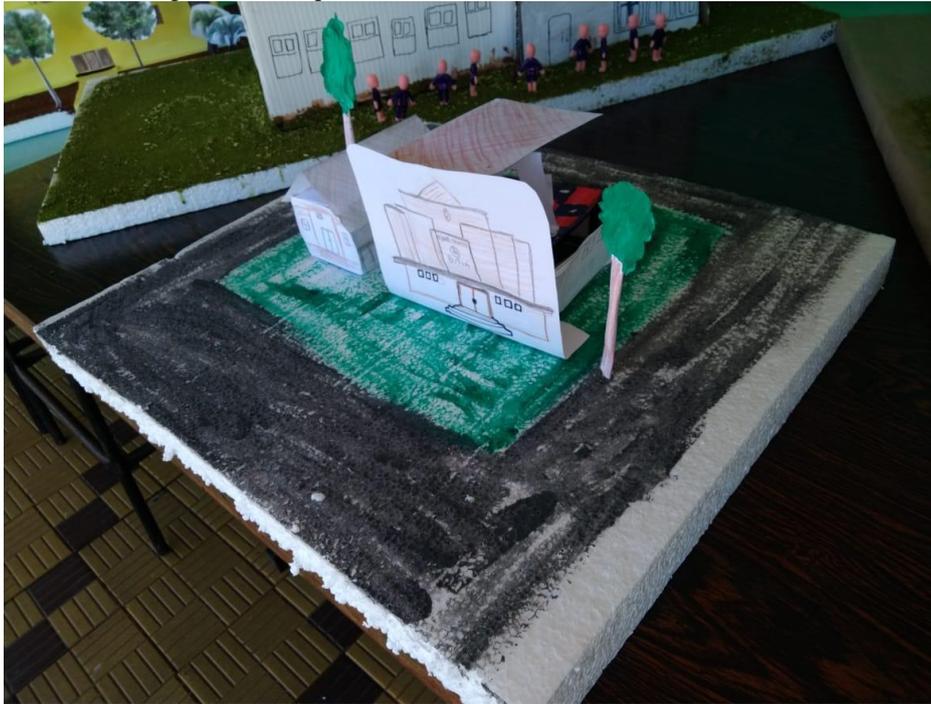


Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

Chama a atenção, também, como as maquetes acabaram por apresentar o Colégio das Irmãs enquanto ambiente eminentemente feminino, em oposição aos poços de extração de carvão, expostos como âmbitos exclusivamente masculinos. Ao mesmo tempo, inexistem referências à população negra, indicando-se um enquadramento étnico específico. Vislumbra-se assim a permanência de uma determinada memória, seletiva e reducionista no que tange à construção dos espaços edificados, haja vista que, a depender do contexto, temos a seleção de determinados grupos, principalmente brancos/as com origem europeia, e exclusão de outros, essencialmente negros/as.

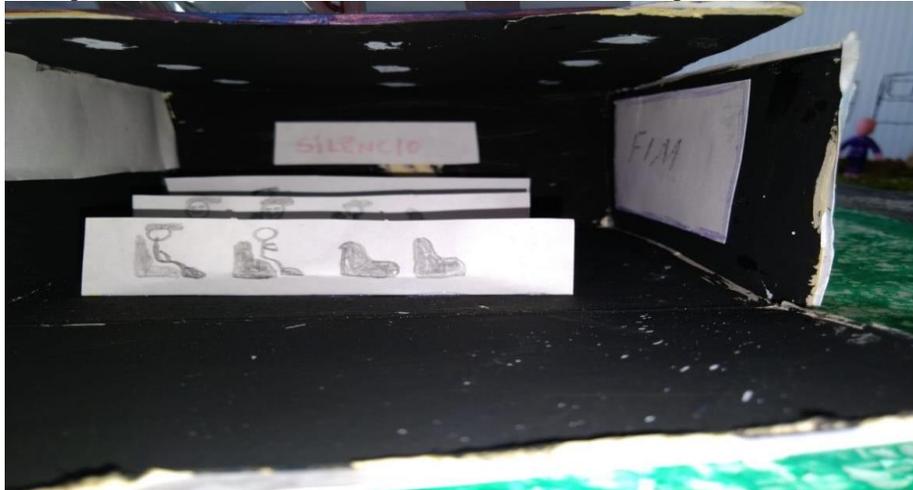
Importante mencionar, também, as maquetes produzidas sobre o Cine-Teatro Butiá. Os alunos responsáveis, já apresentados nos parágrafos acima, conseguiram estruturar representações correlacionadas com as fontes disponibilizadas. Um aluno, inclusive, além de apresentar o “antigo cinema”, mostra também o espaço na atualidade, ocupado pela Rádio Sobral, importante instituição de comunicação da cidade, corresponsável em um determinado momento pela administração do cinema.

Figura 35 - Maquete 1, mostrando a estrutura externa do Cine-Teatro



Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

Figura 36 - Maquete 1, mostrando a estrutura interna do Cine-Teatro, representando uma sala de cinema



Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

Figura 37 - Maquete 2, mostrando o Cine-Teatro em amarelo, e o prédio que atualmente abriga uma filial da Loja Lebes, em verde. Percebe-se neste último, na parte superior, uma representação da Rádio Sobral



Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

Percebe-se a qualidade das produções retratadas acima, nas quais mostra-se um detalhamento dos espaços, com criatividade, respeitando as particularidades próprias de cada edificação. Da mesma forma, principalmente no que se refere à segunda maquete, verifica-se uma referência ao passado, quando, em determinado prédio, existia um Cine-Teatro, e ao presente, quando a mesma edificação abriga uma loja, sendo possível, inclusive, fazer uma análise das permanências e transformações do espaço ao longo do tempo.

Interessante notar como, na Figura 35, ao fundo, percebemos pessoas sendo representadas, sendo elas parte de uma outra maquete colocada exatamente ao lado. Todas elas, diga-se de passagem, homens e brancos. Da mesma maneira, na Figura 37, visualizamos a apresentação das principais figuras da Rádio Sobral, novamente homens brancos. Denota-se assim, mais uma vez, a permanência de uma memória social “branqueadora” e “masculinizante” da sociedade butiaense.

As associações esportivas do município selecionadas para pesquisa e representadas na forma de maquetes (Brasil Futebol Clube e Butiá Futebol Clube) foram

devidamente trabalhadas, sendo que o foco das alunas responsáveis, brancas, filhas, respectivamente, de um vereador da cidade, de uma auxiliar de estoque e de um caminhoneiro, e de uma diarista, se direcionaram para o esmero estético, onde detalhes arquitetônicos, de ornamentação e proporção ganharam destaque. Ao mesmo tempo, não faltou a correlação com os eventos esportivos, essência máxima destes espaços.

Figura 38 - Maquete 1, mostrando o Brasil Futebol Clube, com sua fachada externa



Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

Figura 39 - Maquete 2, mostrando o Butiá Futebol Clube, com sua fachada externa



Fonte: Exposição de Maquetes 25/10

Figura 40 - Maquete 3, representando o Brasil Futebol Clube, bem como, um evento esportivo sendo realizado



Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

Nestas maquetes, verificamos também que duas delas apresentam-se “povoadas”, ou seja, com representações de pessoas. Tanto na Figura 38 quanto na Figura 40, a maioria dos representados, através de bonecos, são homens brancos. Na última, por exemplo, percebemos que somente uma das “pessoas” é negra. Da mesma forma, não vemos, dentro ou fora de campo, nenhuma mulher, seja branca ou negra. Novamente, verificamos uma masculinidade branca pautando a representação de um espaço edificado, ao mesmo tempo em que há a invisibilização de negros/as e mulheres brancas.

Na Região Carbonífera, como já indicado anteriormente, as mulheres participaram da rotina das sociedades esportivas. A memória local, por outro lado, destaca somente a participação masculina. Em relação à comunidade negra, percebemos um processo semelhante. O racismo pautava as relações de lazer e sociabilidade, seja nas sociedades recreativas, seja nas associações esportivas. Nesse sentido, Freitas (2021, p. 100) ressalta que

Apresentam-se dimensões contraditórias, pois, embora houvesse práticas utilitaristas entre os clubes de futebol, onde os negros acessavam os clubes de futebol (muitos em função dos seus dotes futebolísticos), mantinham-se práticas historicamente associadas ao racismo em clubes sociais, tudo por meio da segregação imposta através dos costumes.

Neste sentido, constituíram-se associações esportivas agregadoras da comunidade negra, como o Grêmio Esportivo Estrela, de Arroio dos Ratos, fundado em 1944, que

“incorporou os grupos marginalizados de algumas atividades sociais da comunidade, como é o caso da população negra” (FREITAS, 2021, p. 133).

Em relação às associações esportivas trabalhadas nesta dissertação, Brasil Futebol Clube e Butiá Futebol Clube, elas reuniam segmentos diferentes da sociedade butiaense. Como destaca Freitas (2021, p.130 e 132),

O Butiá Futebol Clube, fundado em 1926, na então Vila de Butiá, também era uma agremiação esportiva que, em seus primórdios, congregava operários do Cadem em seus quadros. Conforme afirmado por Hoff (1992), a criação do Butiá Futebol Clube foi incentivada pelo engenheiro Proença Sigaud, porém, diferentemente do seu rival em Butiá, o Brasil Futebol Clube, contava, em seu quadro social, com a presença significativa de trabalhadores que possuíam relações de confiança e fidelidade com o Consórcio (empregados dos escritórios do Cadem), conforme demonstra a lista de jogadores apresentada ao engenheiro-chefe das minas no ano de 1945. [...]. O Brasil Futebol Clube, por sua vez, era formado, em sua maioria, por operários que atuavam diretamente na extração do carvão. As listas de jogadores solicitadas pela Federação Rio-Grandense de Desportos (FRGD) em 1945 e expedidas pela própria companhia apresentavam nomes de alguns desses operários.

Assim, o Brasil Futebol Clube, diferentemente de seu rival, o Butiá Futebol Clube, agrupava mais elementos do operariado, ligados ao trabalho braçal das minas de carvão. Possivelmente, por consequência, agregava segmentos da comunidade negra, como o Grêmio Esportivo Estrela. Porém, como vimos anteriormente, na memória local, permanece somente o protagonismo branco e masculino, refletindo-se essa, por sua vez, nas maquetes apresentadas.

Enfim, os exemplos destacados acima são algumas das maquetes entregues para avaliação, não cabendo delimitá-las como mais ou menos importantes em relação às outras não diretamente mencionadas⁵⁰. Mostrá-las tem por objetivo reforçar o entendimento de que os objetivos propostos neste trabalho foram devidamente cumpridos. De uma forma ou de outra, houve uma reflexão do ponto de vista histórico, iniciada nas etapas anteriores à confecção das maquetes, e que permeou todo o percurso formativo. Isto é, desde as primeiras aulas, quando do trabalho em conjunto com os alunos da UFRGS, passando pela análise das fontes selecionadas para a pesquisa, até a construção das maquetes, foram dadas as condições para a constituição de novos conhecimentos sobre a comunidade butiaense e seus patrimônios edificados. Dito de outra forma, é possível perceber, através das representações anteriormente expostas, que os

⁵⁰ No Anexo F, estarão disponíveis todas as maquetes dos patrimônios entregues pelos alunos.

alunos conseguiram compreender que Butiá e seus patrimônios são espaços constituídos por inúmeros segmentos sociais, que ali estabeleceram suas relações, demarcados por inúmeras intersecções de gênero, classe e raça,

Antes de nos encaminharmos para a conclusão, cabe fazer algumas observações, no intuito de prestar certos esclarecimentos ao leitor. Foi demonstrado, no início deste capítulo, o quanto o período de orientações se estendeu para além do previamente delimitado, permeando todo o processo pedagógico. No entanto, alguns alunos, mesmo sabedores das tarefas a serem realizadas, não entregaram as atividades propostas. De 31 alunos, 22 deles entregaram as maquetes. Ou seja, dos 47 alunos, a maioria foi orientada e pouco menos da metade finalizou a atividade ao final do processo.

Alguns destes alunos frequentavam a sala de recursos (para alunos com dificuldades de aprendizagem por inúmeros motivos). Foram feitas adaptações para que eles pudessem realizar as atividades propostas, junto à professora responsável. No entanto, os objetivos em relação a eles não foram plenamente alcançados, sendo que somente alguns entregaram o roteiro de pesquisa, não ocorrendo, porém, a entrega da maquete solicitada⁵¹. Outros, inseridos na modalidade de atividades impressas, e alguns deles acessando a proposta via plataforma, também não concluíram as tarefas.

Por fim, é necessário afirmar o quanto as maquetes foram bem quistas por aqueles que as visualizaram. Tanto que, aqueles da comunidade política que se fizeram presentes, divulgaram em suas páginas pessoais do Facebook fotos da exposição se realizando, com indicações positivas para a escola, professor e alunos. Ao mesmo tempo, na mesma rede social, professores e direção também divulgaram fotos e observações sobre a mostra. Inclusive, houve o convite do Coordenador da Equipe de Desportos, Turismo e Cultura de Butiá (EDTC) para a exposição das maquetes na região central da cidade, ao lado da coordenadoria, após o evento na escola, levando a ocorrência de uma segunda exposição, na semana posterior.

⁵¹ Haja vista diálogos estabelecidos com a professora da sala de recursos, foram feitas as seguintes adaptações: o patrimônio delimitado foi a própria Escola Venceslau Brás; disponibilizou-se somente uma fonte para pesquisa, qual seja, o vídeo do Projeto Memória; os alunos deveriam responder unicamente a parte do roteiro de pesquisa concernente ao vídeo; por fim, confeccionariam a maquete em grupo, com auxílio da professora, presencialmente na escola.

Figura 41 – Postagem da Escola Venceslau Brás no Facebook, sobre a primeira exposição de maquetes



Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

Figura 42 – Postagem da Escola Venceslau Brás no Facebook, sobre a segunda exposição de maquetes, realizada ao lado da EDTC



Fonte: Exposição de Maquetes – 25/10

Um fato interessante a se apresentar foi uma situação ocorrida nesta segunda exposição das maquetes. Segundo informações da monitora colaboradora que cuidava da exposição no momento (o professor responsável não se encontrava então presente) quando as maquetes estavam expostas para a comunidade butiaense, um senhor se aproximou e passou a visualizá-las com afimco e atenção. Em um determinado momento, a maquete da Sociedade Recreativa Ouro Preto chamou sua atenção, a ponto dele claramente se emocionar, o que levou ao seguinte comentário: “Foi neste local que conheci o amor da minha vida”.

Esta manifestação, aparentemente “pouco relevante” haja vista os objetivos propostos, mostra-se significativa porque demonstra o apreço da sociedade pelos patrimônios, quanto percebidos em sua diversidade, independentemente de quais sejam os pilares que o fundamentam. O mesmo sentimento pode levar, em muitos casos, a desenvolvimentos cognitivos e afetivos mais elaborados, o que, por consequência, resulta na estruturação de novos conhecimentos que deem conta da complexidade sócio-histórica dos espaços edificados. Em outras palavras, tais desenvolvimentos podem contribuir para percebermos, por exemplo, as intersecções de classe, raça e gênero, princípios que estão para além da pura materialidade, mas que a condicionam e perpassam.

Não tenho certeza se será este o caso do senhor acima referido, mas o simples fato deste trabalho contribuir para uma maior aproximação com o patrimônio municipal já é de todo expressivo e gratificante. Este estreitamento é profundamente necessário e importante para o desenvolvimento de projetos e pesquisas de educação patrimonial e ensino de história, que possibilitem o aprofundamento das compreensões sobre a sociedade butiaense, seu patrimônio histórico, sua diversidade social e cultural.

4.5 - Considerações sobre um projeto de educação patrimonial e ensino de história

Desde o início da aplicação da dimensão propositiva, iniciada com as reflexões sobre Butiá, em maio e junho de 2021, já detalhadas anteriormente, até a produção das maquetes, confeccionadas entre os meses de setembro e outubro do mesmo ano, expostas neste capítulo, inúmeras reflexões se desenvolveram, propiciando a constituição de novos conhecimentos e a estruturação de percursos alternativos, desviando-se assim de determinadas concepções, tais como a do “conhecer para preservar”, premissa clássica da educação patrimonial consolidada no Guia básico de educação patrimonial (2006), e

daquelas visões que entendem o município enquanto constituído somente por determinados segmentos (principalmente homens brancos de origem europeia), hegemônica em meio aos memorialistas locais.

Nas etapas iniciais desta dimensão propositiva, instituiu-se um cenário que permitiu a estruturação de debates sobre a conjuntura histórica da vila/cidade de Butiá entre os anos de 1936 e 1964, nos quais reflexões sobre a principal atividade econômica da localidade, a mineração do carvão, sua importância a nível regional e nacional, bem como sobre a classe trabalhadora aí estabelecida, os mineiros, estes divididos nas mais diversas atividades profissionais, se estabeleceram como pontos centrais das discussões. Este início de percurso permitiu a compreensão da sociedade onde se constituíram os espaços públicos ou privados posteriormente formatados enquanto patrimônios do município, focos do presente trabalho.

Posteriormente, com o início do processo de constituição de maquetes, propiciou-se as condições para que os alunos pudessem se colocar enquanto pesquisadores/historiadores, quando da análise do arcabouço documental, fotográfico e audiovisual disponibilizado pelo professor orientador. Eles, ao se debruçarem sobre as fontes, responderem a um roteiro de pesquisa e, conseqüentemente, ao produzirem maquetes, percorreram um dos caminhos possíveis para aqueles que constituem conhecimentos em história.

Por fim, com a finalização dos trabalhos, quando das exposições das maquetes, consolidaram-se ambientes propícios a novas reflexões sobre os espaços edificados, permitindo assim, a elaboração de novas compreensões, não restritas à premissa de única e exclusivamente conhecê-los e incentivar sua preservação, buscando, por sua vez, compreendê-los enquanto locais formatados a partir de uma conjuntura diversa e complexa.

Importante dizer que a rota trilhada por alunos e professor não foi destituída de problemas e desafios. Mas estes não foram, de forma alguma, impeditivos intransponíveis para a concretização do processo. Ao contrário, contribuíram para qualificar as reflexões realizadas ao longo do caminho. Ao fim e ao cabo, os objetivos propostos no preâmbulo da estruturação da pesquisa foram alcançados. A partir de agora, se mostra necessário

olhar em perspectiva todo percurso trilhado até este momento, o que se fará ao longo das considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS DE UM PROJETO DE MAQUETES EM UMA CIDADE CARBONÍFERA

Quando iniciei o primeiro trabalho com maquetes na Escola Estadual de Ensino Fundamental Venceslau Brás, nos idos de 2019, o fiz a partir de uma perspectiva bastante diferenciada daquela que busquei pôr em prática na presente dissertação. Pensava, em minhas reflexões superficiais por assim dizer, que uma maior valorização da cidade por parte dos alunos era algo fundamental e, para que isso acontecesse, conhecer o patrimônio e a história de Butiá seria um passo fundamental. Ou seja, minhas ideias iam de encontro à premissa do “conhecer para preservar”.

De todo modo, as maquetes foram realizadas, outras atividades complementares foram estruturadas com a colaboração do corpo docente da escola, e uma exposição aberta à comunidade butiaense foi feita no Espaço Cultural (atual Secretaria de Educação) do município.

Eu nunca imaginaria que um ano depois, já dentro do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ao mesmo tempo em que pensava no meu projeto de pesquisa, seria este trabalho de maquetes anteriormente constituído a base para toda a trajetória que se encerra nestas considerações. Não passava pela minha cabeça que algo aparentemente tão “simples” com turmas do ensino fundamental seria o alicerce para algo tão significativo quanto um mestrado.

Aliás, antes do ProfHistória, eu acreditava que o mestrado era algo extraordinariamente complexo, pressupondo que o projeto, para ser levado à frente, teria que ser um estudo com “profunda” e “estrondosa” relevância acadêmica e social. Consequentemente, com base em minhas distorcidas e idealizadas convicções, para ser levado a sério pela universidade, seria necessário produzir um trabalho realmente “chocante” em sala de aula. O que seria este “chocante”, com o perdão da redundância, acredito que nem eu mesmo sabia direito, mas com certeza não seria um trabalho com maquetes.

Mas, e não é que o meu orientador propôs, em uma de nossas primeiras conversas, depois é claro de algum tempo, que eu realizasse novamente um trabalho com maquetes? Não seria o mesmíssimo trabalho, obviamente, mas um projeto estruturado a partir de premissas diferentes. Quais premissas?

Primeiramente, eu deixaria de lado a noção do “conhecer para preservar”. Lembro-me muito bem do professor Benito me falando que a educação patrimonial não mais caminhava orientada por esse preceito teórico. Agora não seria mais o “conhecer para preservar”, mas sim, sinteticamente, “conhecer para problematizar”. Ou seja, única e simplesmente ter ciência de um conjunto arquitetônico, paisagístico, imaterial, etc. não era suficiente para promover um processo educativo, e não necessariamente levaria à preservação.

Vou ser sincero, por mais que eu não tivesse total consciência disso no momento, foi realmente algo impactante para o meu projeto. A questão que se colocava a partir daí era como executar uma dimensão propositiva em sala de aula que não recaísse na premissa agora entendida enquanto em desuso. Elementos teóricos para enfrentar este desafio foram sendo angariados ao longo do caminho, e não tenho certeza se o produto final aqui exposto conseguiu realizar esta tarefa com total êxito.

O segundo ponto importante: não seria um projeto construído sem a utilização de fontes documentais, fotográficas, audiovisuais, etc. No primeiro trabalho, de 2019, indiquei os patrimônios aos alunos, solicitando que realizassem a pesquisa em locais como a biblioteca pública, ou mesmo, com pessoas que estivessem ligadas direta ou indiretamente aos espaços representados. A partir daí, com base nesta busca, constituiriam as maquetes solicitadas.

Não posso dizer que as atividades entregues pelos alunos naquele momento, no prazo solicitado, foram ruins ou destituídas de relevância. Ao contrário, muitas delas receberam considerações elogiosas de pessoas da comunidade⁵², sendo que a exposição como um todo teve repercussão bastante positiva. No entanto, olhando para trás e de posse

⁵² Inclusive, uma das maquetes produzidas naquele momento, aquela relacionada ao Sindicato dos Mineiros, foi entregue como presente para a instituição, haja vista solicitação feita pelo seu presidente.

de renovado arcabouço conceitual, a questão da pesquisa seria abordada, a partir de agora, de forma diferente.

Primeiramente, não teríamos mais uma pesquisa pretensamente totalizante, buscando-se fontes que possibilitassem única e exclusivamente uma fiel representação das edificações, em sua pressuposta completude. Ao contrário, seriam buscados outros materiais, além, é claro, dos vídeos do Projeto Memória, e haveria uma seleção de alguns deles, disponibilizando assim um conjunto documental em separado sobre cada espaço para os alunos. Ou seja, eles já partiriam de uma fundamentação específica, devidamente preparada, para percorrerem os caminhos da dimensão propositiva.

Ao mesmo tempo, estas fontes selecionadas não teriam por função somente fornecerem dados e informações sobre o conjunto patrimonial, mas sim darem condições para o estabelecimento de reflexões sobre os espaços edificados, bem como a respeito da sociedade butiaense de então. Com auxílio do roteiro de pesquisa, uma análise apurada seria realizada, dando assim condições para a posterior construção das maquetes.

Ainda, haveria um conceito norteando a análise das fontes, a resolução dos questionários e a constituição das maquetes: o de Interseccionalidade entre classe, raça e gênero. O que seria isso? Resumidamente, haja vista que já existem considerações nos capítulos 2 sobre o conceito e como ele se insere neste trabalho, trata-se de uma compreensão que pressupõe perceber como determinadas opressões, tais como, exploração capitalista, racismo, machismo, misoginia, etc., se entrecruzam, condicionando a constituição das relações sociais. A questão, ao fim e ao cabo, seria buscar perceber como estas intersecções se correlacionaram para estruturar a sociedade butiaense no período de 1936 a 1964, como exposto no capítulo 1, tendo-se por foco alguns espaços edificados constituídos ao longo deste período.

Neste sentido, é importante delimitar a importância das pesquisas realizadas no Museu do Carvão e na ACUB. Nestas duas instituições, encontrei grande parte das fontes utilizadas posteriormente ao longo do trabalho. Sem estes materiais, provavelmente professor e alunos teriam mais dificuldades para estruturar as maquetes dos espaços edificados.

Para além desta documentação, é essencial afirmar a relevância fundante do Projeto Memória. Os depoimentos estruturados pela EDTC, da Prefeitura de Butiá, com a minha inteira colaboração, são os pilares para o percurso estabelecido até aqui. Inicialmente, o então coordenador de cultura referiu-me que desejaria constituir uma série de vídeos, nos quais fossem apresentados depoimentos de pessoas correlacionadas com determinados patrimônios edificados da cidade. Complementarmente, seriam inseridas fotografias, documentos, etc., mas o essencial seriam as palavras proferidas pelos entrevistados.

Este tipo de trabalho não é totalmente estranho a minha pessoa, haja vista que a produção de entrevistas é algo, hoje em dia, cotidiano na historiografia. Inclusive, temos uma série de arcabouços teóricos para atividades com história oral, que permitem aos pesquisadores produzirem conhecimentos com algum nível de segurança. Obviamente, ter ciência não significa que eu tivesse a totalidade das habilidades necessárias à realização do projeto. No entanto, como disse, não me era estranho aquilo que estava sendo proposto⁵³.

Contudo, hoje reconheço que não tinha total consciência da relevância que as entrevistas adquiriram ao longo do processo. Por exemplo, no caso em específico da Sociedade Recreativa Ouro Preto, posso dizer que colaborei, modestamente, para a visibilização de uma parte da memória da comunidade negra butiaense. Como assinalado nos capítulos anteriores, não havia, ou pelo menos era o que se colocava, até aquele momento o conhecimento de outras fontes que fornecessem maiores indicações sobre esta associação. Assim, o projeto contribuiu para não termos o total apagamento da trajetória desta sociedade, bem como dos segmentos que nela promoveram sua sociabilidade. Da mesma forma, esta entrevista⁵⁴ colaborou para a abertura de novos caminhos para a compreensão das formas de lazer e sociabilidade da comunidade negra das minas de carvão.

⁵³ Importante dizer que os conhecimentos adquiridos ao longo do mestrado contribuíram para a qualificação do projeto. No ano de 2021, iniciou-se a segunda temporada do Projeto Memória, que se beneficiou dos aprendizados adquiridos

⁵⁴ Importante informar que a realização das entrevistas contou, sem sombra de dúvida, com a colaboração essencial de outras parcerias, como as da EDTC, da assessoria de imprensa da Prefeitura de Butiá e da ACUB.

Sendo assim, os materiais acima indicados se estruturaram como um dos pilares fundamentais para a realização da dimensão propositiva da dissertação. Sem eles, dificilmente seria possível a sua concretização dentro dos parâmetros inicialmente propostos no projeto.

Destaca-se também o quanto as reflexões sobre Butiá, anteriores à efetiva constituição das maquetes, detalhadas no capítulo 3, foram produtivas. Vendo agora, percebo que a colaboração com os graduandos da UFRGS qualificou ainda mais as discussões, fornecendo uma compreensão mais aprofundada sobre a conjuntura da vila/cidade operária. Sobre isso, é interessante dizer o quanto os alunos da escola se envolveram com as reflexões, questionando, fazendo considerações e resolvendo as atividades solicitadas.

Lembro-me até hoje de um debate que ocorreu em uma das aulas, em torno das condições de trabalho dos mineiros de carvão. Muitos questionavam, por exemplo, os motivos que levavam a que estes trabalhadores aceitassem condições de trabalho tão precárias. Ao mesmo tempo, eu e os graduandos, que coordenavam a atividade, nos desdobrávamos para responder às questões. Inclusive, ao final da aula, quando todos os alunos já tinham se retirado, eu, a professora e os graduandos da UFRGS conversamos, trocando ideias, apontando o quanto aquela aula tinha sido produtiva, no sentido de que houve grande envolvimento de todos os presentes com as tarefas propostas. Aliás, este envolvimento não foi somente algo específico deste dia, mas, felizmente, parte de todo o processo, desde o início até a constituição e exposição das maquetes.

De todo modo, o trabalho se realizou em meio a uma conjuntura marcada por uma série de adversidades, como detalhado nos capítulos 3 e 4, alcançando-se, dentro do possível, os objetivos inicialmente propostos. As reflexões foram realizadas; as fontes, analisadas; os roteiros, percorridos; as maquetes, entregues. No entanto, não posso negar que, em minha consciência, ainda permanecem dúvidas sobre a execução do projeto. Não no sentido do que foi concretizado, mas do que poderia ter sido feito.

Entendo que é contraproducente falar sobre o “se” em qualquer trabalho acadêmico, mas não consigo deixar de refletir sobre como alguns aspectos poderiam ter sido levados a cabo de forma diferente. Alguém pode colocar que, neste momento, nada do que já ocorreu pode ser alterado. No entanto, ao meu ver, talvez um “olhar para trás”

possa ser produtivo para a minha própria qualificação enquanto professor/pesquisador e, por que não, para contribuir em novos projetos, que se correlacionam com educação patrimonial e história.

Para além das questões relacionadas à aplicação de uma dimensão propositiva em meio a uma pandemia, que se mostraram bastante complexas e desafiadoras, percebo que, por exemplo, faltaram, a meu ver, mais momentos de reflexão sobre as fontes documentais. Dediquei a maior parte do meu tempo para orientação e resolução de problemas sobre a constituição das tarefas e atividades propostas. Como indicado no capítulo 4, a construção das maquetes se deu em meio a três modalidades de ensino, levando a que existissem percalços entre professor e alunos. Sendo assim, me vi obrigado a estabelecer vários destes momentos de “diálogo preparatório” até a última semana.

Não que, nestas inúmeras conversas, não tivesse havido reflexões e trocas de ideias. Inclusive, quando do início da constituição das maquetes, em 22/09, fiz a apresentação das fontes para os alunos, dando algumas orientações, respondendo dúvidas e questionamentos sobre como fazer a sua leitura. Estas conversas, se desenvolveram mais no sentido de auxiliar os alunos na análise do arcabouço documental, para que assim pudessem dar seguimento aos trabalhos.

Em última instância, faltaram mais espaços de conversa entre as turmas, posteriormente ao momento inicial de orientação, para que os alunos pudessem tecer, conjuntamente, considerações sobre a leitura analítica das fontes. Em verdade, havia a proposta no cronograma para uma reunião com convidados especiais, através do Google Meet, com intuito de debater o tema da pesquisa com os alunos, dando destaque para questões de gênero, raça e classe em Butiá. Possivelmente, a documentação teria sido trazida para o debate. Porém, novamente, as problemáticas cotidianas relacionadas à constituição das maquetes se apresentaram como urgentes, sendo todo tempo direcionado para a resolução delas.

Sobre o ponto anterior, importante destacar que, para além da questão das fontes, outras discussões sobre gênero, raça e classe na sociedade butiaense poderiam ter sido realizadas. Como comentei, havia indicativo de espaço para isso no cronograma, não sendo possível, entretanto, sua plena execução.

O grande desafio, possivelmente, seja constituir um projeto que possibilite congregação e auxílio em questões práticas que envolvem o cotidiano da construção de maquetes e reflexões individuais e conjuntas sobre problemáticas e conceitos que permeiam o processo pedagógico. Talvez eu esteja sendo duro demais comigo mesmo e isso tenha sido feito com algum nível de qualidade ao longo do processo.

Para todos os efeitos, fica a provocação para aqueles que venham, por alguma razão, a fazerem trabalhos nesta área, valendo-se desta metodologia, qual seja, produzir maquetes de patrimônios históricos em condições adversas, semelhantes ou com aspectos que se correlacionam com a conjuntura atual, desenvolvendo, ao longo do percurso, atividades que envolvem pesquisa e análise de fontes documentais, constituição conjunta ou individual de maquetes, reflexão e debate de conceitos e problemáticas relevantes para o tema da pesquisa, como, por exemplo, as questões de gênero, raça e classe, a exposição e avaliação das maquetes, etc.

Importante deixar claro que estas colocações não são feitas com intuito de deslegitimar o meu trabalho ou dos meus alunos, mas, como indiquei anteriormente, apresentar possíveis problemáticas a serem enfrentadas por aqueles que queiram se utilizar desta metodologia, seja em condições ditas “normais”, seja em contextos adversos, como aquele em que estamos inseridos. Não tinha, e ainda não tenho intenção de esgotar as possibilidades pedagógicas envolvendo maquetes, ensino de história e educação patrimonial, mas fornecer, como afirmei acima, alguns apontamentos teórico-metodológicos e pedagógicos como forma de contribuir para futuros projetos que trilhem caminhos semelhantes.

Apesar da minha autocrítica, talvez um pouco rígida ou distorcida demais, não deixo de ter orgulho de tudo o que foi feito ao longo destes quase dois anos de trabalho, dentro e fora do âmbito da escola. Trazendo novamente o exemplo das pesquisas sobre a Sociedade Recreativa Ouro Preto, tenho até hoje boas recordações do momento em que descobri documentos sobre esta sociedade no Arquivo Histórico da Mineração: sua nomenclatura, data de fundação, relação com o CADEM, etc., enfim, dados e informações que, até aquele momento, eu e muitos que eu conhecia não tinham. Encontrá-las, e, posteriormente, poder mostrá-las para a senhora que entrevistei no vídeo do Projeto Memória foi algo emocionante e sem igual. Sem falsa humildade ou arrogância, meu

sentimento foi que eu tinha feito algo relevante para um segmento da comunidade butiaense normalmente invisibilizado nas narrativas históricas sobre o município.

Também perceber que alunos do sexto e sétimo ano conseguiram analisar documentos, muitos deles difíceis de compreender à primeira vista, e, a partir deles, produzir maquetes, foi algo bastante significativo para mim. Denota, minimamente, que cumpri as minhas obrigações. Demonstra que todo o trabalho dedicado a conversas através do Whatsapp, Google Meet, na entrada da escola, ou mesmo na porta da sala de aula, foi de alguma forma frutífero.

Por fim, não consigo deixar de pensar nas minhas reflexões iniciais realizadas lá nos idos de 2019, ainda antes da estruturação do primeiro trabalho de maquetes. Todas as ideias confluíam no sentido de executar algum projeto que pudesse levar os meus alunos a valorizarem mais a sua cidade, cultura e história. Movendo estas digressões estava um sentimento de pertencimento, de alguém nascido e criado ouvindo conversas e histórias sobre mineiros que vagavam pelas entranhas da cidade. Não desejava que tudo que tinha ouvido sobre estes trabalhadores caísse, ao longo dos anos, no esquecimento, sendo apagado pelas areias do tempo.

Possivelmente era um desejo romântico, semelhante, talvez, àqueles que moveram inúmeros professores e memorialistas que dedicaram parte de suas vidas ao resgate das “memórias do carvão”. Sentimento este que não é de todo errado ou equivocado. Muitas produções, como estas realizadas por pessoas da comunidade ou da região, constituídas na esteira de anseios de pertencimento, foram e são relevantes, inclusive para este trabalho.

Enfim, movido por estas reflexões “românticas”, desenvolvi o primeiro trabalho, movendo-me, a partir daí, por outros caminhos para este projeto com maquetes. As ponderações passaram a ser feitas a partir de outros pressupostos e conceitos que qualificaram o meu olhar, permitindo-me visualizar aspectos nunca antes vistos. Por exemplo, não bastava somente conhecer a cidade e os patrimônios para que tudo, meio que em um passe de mágica, melhorasse. Deveria haver uma reflexão mais acurada, buscando-se perceber as distintas nuances que envolvem o quadro social, problematizando-se inclusive, o porquê de se conhecer ou de se preservar.

Agora não existiam somente “os mineiros”, mas mineiros brancos, negros, com distintas origens étnicas e sociais, trabalhando no escritório ou diretamente na extração, habitando diferentes espaços em meio a uma vila operária. Esta última, não habitada somente por homens, mas por mulheres, negras ou brancas, também marcadas pela diversidade sociocultural, que ocupavam e detinham espaços na sociedade. Todos eles, ao fim e ao cabo, marcados por relações de poder interseccionais de gênero, classe e raça.

Esta ampliação do quadro permitiu-me produzir um trabalho em bases diferentes daquele anteriormente realizado. O desejo, o sentimento permaneceu, mas remodelado e modificado. Estas alterações, junto a outras estruturadas ao longo do caminho, deram condições para que se chegasse diferentemente ao fim da jornada. Um percurso cheio de desafios e dificuldades, mas não menos produtivo e edificante. Caso um dia me perguntassem se me arrependo, diria que não, complementando que faria tudo de novo.

De todo modo, sei que aquelas histórias de mineiros, de seus espaços de trabalho, vivência, lazer e sociabilidade, que ouvia de pessoas como o meu avô, não vão ser apagadas. Elas são agora colocadas dentro de um contexto muito maior, em outros termos e com outras significações, dentro de um processo que permanece em andamento.

Acredito que o meu trabalho se encontra neste caminho, não sendo o primeiro, nem o último a ser desenvolvido. Porém, para além do que veio ou do que virá pela frente, sei que, em algum nível, meus alunos puderam conhecer alguns locais da sua cidade, na sua, parcial diga-se, complexidade e diversidade. O que eles farão ou deixarão de fazer com este conhecimento, eu ainda não sei. No entanto, somente a ideia da possibilidade de as maquetes terem aberto alguma nova trilha para o futuro, mostra que tudo valeu a pena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Gênero, Raça, Classe: Opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. Londrina: Revista Mediações, Vol. 20, Nº 2, p. 27-55, jul/dez de 2015.

CAROLA, Carlos Renato. Dos Subterrâneos da História: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina e Ciências Humanas; Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis, 1997.

CIOCCARI, Marta. Ecos do Subterrâneo – estudo antropológico do cotidiano e memória da comunidade de mineiros do carvão de Minas do Leão (RS). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2004.

DEMARCHI, João L. O que é, afinal, a educação patrimonial? Uma análise do guia básico de educação patrimonial. Rev. CPC. São Paulo, v. 13, n. 25, p.140–162, jan./set. 2018.

DEMARCHI, João L. Educação, patrimônio, sujeitos: diálogo democrático. In: TOLENTINO, Átila B.; BRAGA, Emanuel O. (Org.). Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas (Caderno Temático 5). Iphan-PB/Casa do Patrimônio da Paraíba, João Pessoa, p. 49-56, 2016.

FLORENCIO, Sonia R. R.. Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos. Brasília: Iphan, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 44^a Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006

FREITAS, Tassiane Mélo de. De complexo carbonífero a museu: o processo de patrimonialização dos remanescentes do antigo complexo carbonífero de Arroio dos Ratos, Rio Grande do Sul, Brasil (1983 – 1994). Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

FREITAS, Tassiane Mélo de; Das minas de carvão para os clubes de futebol e sociedades recreativas: as experiências de classe entre o operariado da indústria carbonífera do Rio Grande do Sul; Santa Maria, 2021.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; PACIEVITCH, Caroline. Patrimônio e ensino no profhistória: discussões teórico-metodológicas. Porto Alegre, Revista Eletrônica Documento/Monumento, Vol. 26, nº 1, , 2019.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; POSSAMAI, Zita Rosane. Educação Patrimonial: Percursos, concepções e apropriações. Revista Mouseion, Canoas, Unilasalle, n. 19, p.13-26, dez. 2014.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. Revista Mediações, Londrina, v. 20 n.2, p.97-128, 2015.

HOFF, Gertrudes Novak. Butiá em busca de sua história. Arroio dos Ratos: PBS, 1992.

HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Q. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -Museu Imperial, 2006.

KIMMEL, Michael S. A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Unicamp, 2003.

LOPES, Willian Molinos. SOARES, André Luis Ramos. A cultura negra através da educação patrimonial: maquetes como ferramenta para o ensino de valores humanos. Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 2, p. 179 - 186, jul./dez. 2009.

MORENO, Renata (org.) Reflexões e práticas de transformação feminista. São Paulo: SOF, 2015.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. Revista Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128, dez. 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. Projeto História, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

SANTOS, Isabela Leite; SANTANA, Wêndeu. Estratégias de aprendizagem: a utilização da maquete no ensino e história. Anais do 10º Encontro Internacional de Formação do Professores. Anais do 11º Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 2017.

SOARES, A. L.; SANTOS, J. R. O uso de maquetes na história ensinada: elaborando a história e pré-história do Rio Grande do Sul. Revista Labirinto, Rondônia, v. 24, n. 1, p. 224-237, 2016.

SILVA, Cristina Ennes da. Nas profundezas da terra: um estudo sobre a região carbonífera do Rio Grande do Sul (1883/1945).: Tese (Doutorado), Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

SILVA, Fernanda Oliveira. As lutas políticas nos clubes negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960). Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, 2017.

SCIFONI, Simone. Desafios para uma nova educação patrimonial. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 18, Nº 48, 2017.

SPERANZA, Clarice Gontarski. Cavando direitos. As leis trabalhistas e os conflitos entre mineiros de carvão e seus patrões no Rio Grande do Sul (1940-1954). São Leopoldo: Editora Oikos, 2014.

SPERANZA, Clarice Gontarski. Imigração e Etnicidade entre mineiros de carvão no Rio Grande do Sul (1850-1950): solidariedade, assimilação e conflito. Anais do XII EEH da ANPUH/RS, São Leopoldo, p. 1-13, 2014.

TOLENTINO. Átila. O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre o conceito e sua prática. TOLENTINO, Átila B.; BRAGA, Emanuel O. (Org.). Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas (Caderno Temático 5). João Pessoa: Iphan-PB/Casa do Patrimônio da Paraíba, p. 49-56, 2016. Disponível em: Acesso: 9 dez. 2016.

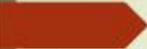
WITKOWSKI, Alexsandro; FREITAS, Tassiane Mélo de. Sobre os homens desta terra: a trajetória de fundação do Sindicato dos Mineiros de Butiá - RS. Porto Alegre: Evangraf, 2006.

ZALLA, Jocelito. O Centauro e a Pena: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção das tradições gaúchas. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, 2010.

ANEXOS

ANEXO A – APRESENTAÇÃO DE POWERPOINT REALIZADA NO DIA 14/05 PELO PROFESSOR DA DISCIPLINA PARA AS TURMAS 60 E 70 SOBRE “A CIDADE DE BUTIÁ E A MINERAÇÃO DE CARVÃO”





Os primórdios da exploração do carvão mineral no RS

- A existência de carvão no Rio Grande do Sul é mencionada pela primeira vez no final do século XVIII, quando, segundo conta a tradição oral, por volta de 1792, um soldado anônimo português, que era ferreiro por profissão, vagava pelos lados da localidade de Curral Alto. Lá teria encontrado carvão de pedra e levado amostras ao General Rafael Pinto Bandeira, na localidade de Rio Pardo, onde este morava.



O início, de fato, da exploração do carvão mineral no RS.

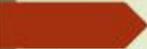
- A exploração de fato só começou em 1853 quando o presidente da província, Conselheiro Luiz Vieira Cansação de Sinimbu, conseguiu liberação e aporte financeiro do Império para iniciar a exploração de carvão, sendo delegado os trabalhos ao engenheiro James Johnson, mineiro de origem inglesa, que seria assim, o precursor da indústria do carvão no RS.



James Johnson

A Primeira empresa de mineração de carvão mineral do RS

- James Johnson só conseguiu criar uma companhia para exploração do carvão mineral em 1872, quando foi fundada a "The Imperial Brazilian Collieries Co. Limited", primeira empresa do gênero no Brasil. Para esta tarefa, contou com auxílio de mineiros e capitais ingleses.



James Johnson sai de cena: uma nova etapa na exploração do carvão mineral

- A empresa de James Johnson não logrou êxito e ele se afasta da exploração do carvão mineral, bem como, temos a saída de cena dos capitais ingleses, e a entrada de investimentos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Nele também temos a fundação de uma das principais companhias de mineração, que iria ter importante papel na indústria carbonífera brasileira: a Companhia Estradas de Ferro e Minas de São Jerônimo (CEFMSJ).

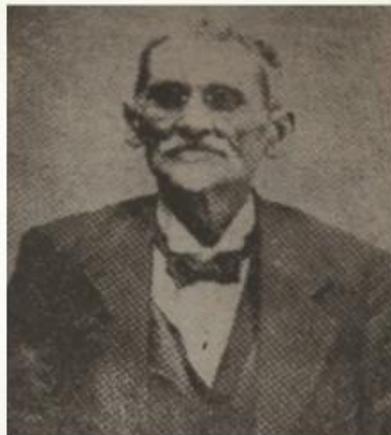


A exploração do carvão mineral no RS, na primeira metade do século XX

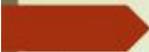
- O crescimento da indústria carbonífera gaúcha a partir da primeira metade do século XX se deu de forma gradual e contou com inúmeros auxílios dos governos estadual e federal, em forma de empréstimos, isenções ou mesmo delimitando percentual de compra de carvão nacional.

A mineração de carvão e a cidade de Butiá

- "Em 1881, Antonio Patrício de Azambuja, Nicácio Teixeira Machado e Gaspar Menezes iniciaram os trabalhos de exploração e lavra nas terras de Butiá, diante da concessão imperial. O engenheiro Dr. Eugênio Dahme foi o técnico que se ocupou dos estudos e do início dos trabalhos. Aberto um poço com 16 m de profundidade foi extraído excelente carvão. Essas explorações se passavam para leste do Cerro do Clemente rumo ao Arroio dos Cachorros e Ratos. Os concessionários estenderam suas investigações, encontrando ótimo carvão e ferro perto do Arroio dos Cachorros" (HOFF, 1992, p.26).

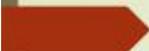


Nicácio Machado



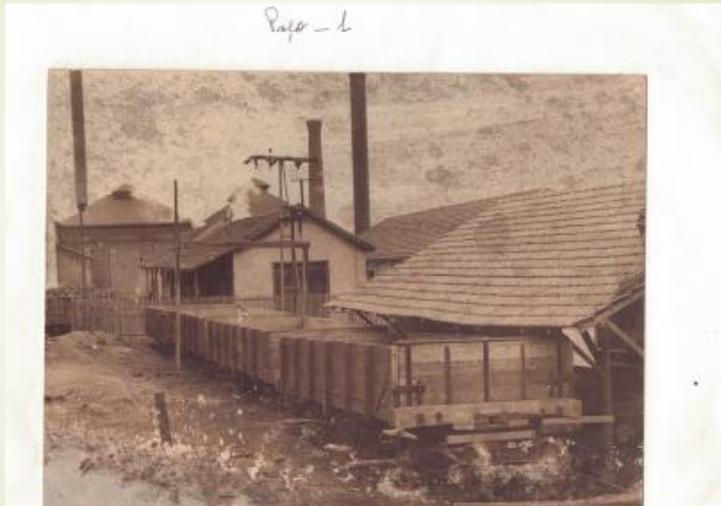
A mineração de carvão e a cidade de Butiá

- Em 1882, por decreto imperial, a concessão feita a Nicácio era anulada, mantendo-se o monopólio da exploração na região à empresa Holtzweissig e Cia. (que tinha recebido o direito da exploração anteriormente concedido à "The Imperial Brazilian Collieries Co. Limited", de James Johnson).



A exploração de carvão em Butiá na primeira metade do século XX

- Mais tarde, em 1915, Alfredo Wiedmann associou-se a Nicácio Machado e assim criaram a companhia Hulha Rio-Grandense. A empresa passou por inúmeras dificuldades, até que, em 1917, Buarque de Macedo assumiu a administração da empresa, reorganizando-a. Também, mudou-se o nome dela para Companhia Carbonífera Rio-Grandense.
- Também em 1917, foi aberto um novo poço de exploração de carvão mineral: O Borges de Medeiros.



A exploração de carvão em Butiá na primeira metade do século XX

- As explorações em Butiá, entre muitas oscilações, idas e vindas que se deram ao longo do início do século XX, só ganhariam um definitivo impulso em 1932 com a aquisição pelo Grupo Martinelli, de São Paulo, da Companhia Carbonífera Rio-Grandense, que tinha posse das minas desta localidade. Esta companhia seria agora administrada por um executivo do grupo Martinelli: O Dr. Roberto Cardoso.



A criação do CADEM

- A CEFMSJ e a Companhia Carbonífera Rio-Grandense em 1936, dariam um passo definitivo, com a criação do Consórcio Administrador de Empresas de Mineração (CADEM). Este seria administrado a partir daí por um executivo do Grupo Martinelli, Roberto Cardoso

CONSORCIO ADMINISTRADOR DE EMPRESAS DE MINERAÇÃO

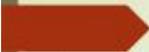
"CADEM"

•
Minas de carvão de
São Jerônimo e Butiá
Estado do Rio Grande
do Sul.
•



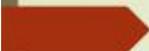
Instalação de beneficiamento e lavagem de carvão, com capacidade para 100 toneladas

ESCRITÓRIO CENTRAL: PRAÇA MAHATMA GANDHI, 2 — 11.º and. — RIO DE JANEIRO



A expansão da mineração de carvão em Butiá durante a Segunda Guerra Mundial

- Durante a década de 1930, a produção de carvão mineral em Butiá expandiu-se consideravelmente, tendo um impulso vertiginoso durante a Segunda Guerra Mundial.
- Durante a Segunda Guerra, o CADEM era líder absoluto no mercado de carvão em todo o Brasil.
- A expansão da atividade econômica na região gerou efeitos em Butiá, que desde a década de 1930 vinha aumentando paulatinamente a sua contribuição para a produção de carvão que iria abastecer a indústria nacional, principalmente a partir de 1936.



Expansão da produção de carvão e os novos equipamentos urbanos

- Clube Butiá
- Cine-Teatro Butiá
- Casa das professoras
- SENAI (Antigo fórum)
- Cooperativa dos Mineiros



Fig. 11- Cine Butiá
Fonte: Associação Cultural Butiaense - ACUB



Fig. 12 - Antigo SENAI, hoje - FORUM
Fonte: Associação Cultural Butiaense – ACUB



Imigrantes em Butiá

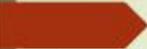
- Antes, durante e após a Segunda Guerra houve a imigração de populações para Butiá, atraídas pelo trabalho nas Minas de Carvão.



Imigrante ucranianos em Butiá

Decadência da Mineração de carvão no RS

- Após a Segunda Guerra Mundial, a Indústria carbonífera do RS entra em decadência.
- Alguns motivos para a decadência da mineração de carvão no RS foram:
 - A volta da concorrência do carvão estrangeiro
 - A concorrência do carvão oriundo de Santa Catarina
 - A concorrência de outras fontes de energia (Óleo Combustível)
 - A perda pela CADEM do monopólio da extração do carvão mineral – Criação da DACM (posteriormente CRM).



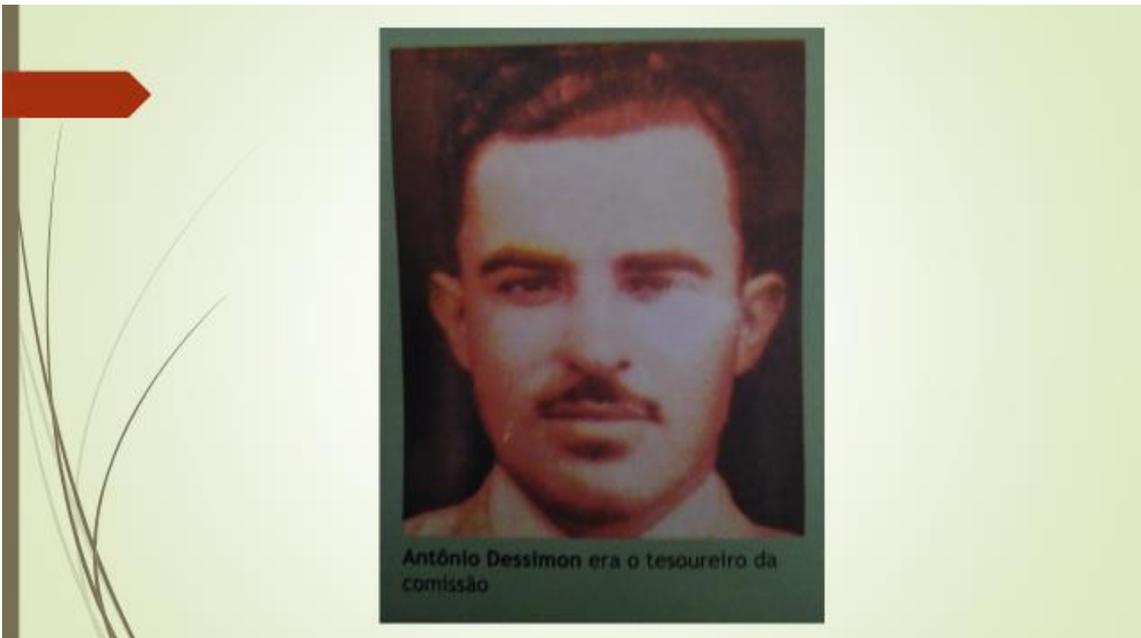
A Emancipação Política

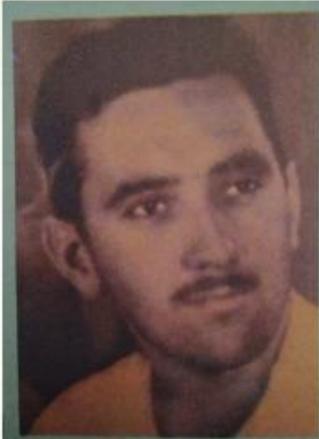
- Em Butiá, a decadência da mineração de carvão, levou a que se estabelecesse uma nova realidade. Lentamente, a sua principal atividade econômica, perdia a relevância que antes detinha, provocando mudanças no então distrito.
- Estas mudanças levaram a que surgissem reflexões sobre a possibilidade da emancipação política.



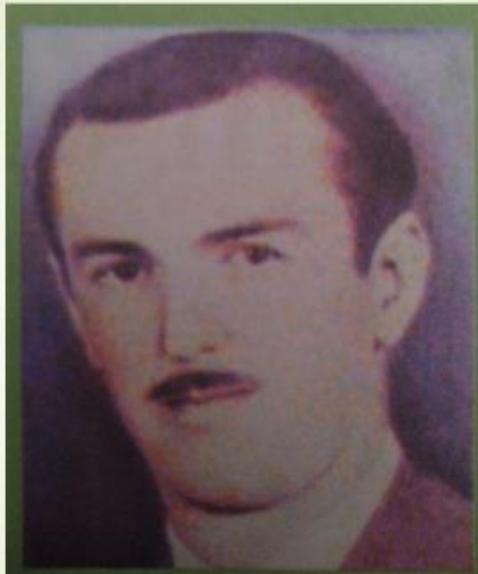
A Emancipação Política

- A partir do início da década de 1960 temos a mobilização de personalidades do município, como Gastão Hoff, Achylles Coletto, Procópio Farinha, Plínio Secker, Luiz Villodre, Antônio Desimon, dentre outros.
- Eles “venceram inúmeros obstáculos” , tais como a mobilização de políticos de São Jerônimo que vinham a Butiá “fazer palestras contra a emancipação.





Pinio Seckler era o 1º Secretário e é o único dos emancipacionistas ainda vivo.



Gastão Hoff

Dia da Emancipação

- Em 09 de outubro de 1963, se consolida a emancipação da cidade, conseguindo-se assim a tão sonhada autonomia política



Uma nova realidade em Butiá

- A emancipação não conseguiu fazer reverter o quadro geral de decadência da mineração de carvão e da agora cidade, que se acelerou a partir da década de 1960. Em 1964, o espólio do CADEM é incorporado pela Companhia de Pesquisas e Lavras Minerais (COPELMI).
- As minas de subsolo de Butiá fechariam definitivamente em 1976, permanecendo, a partir daí, somente as de superfície.



Mineração de carvão em superfície – Butiá - RS

Uma nova realidade em Butiá

- Butiá, antes uma vila mineira se transformava em cidade, buscando novos rumos para a sua existência.

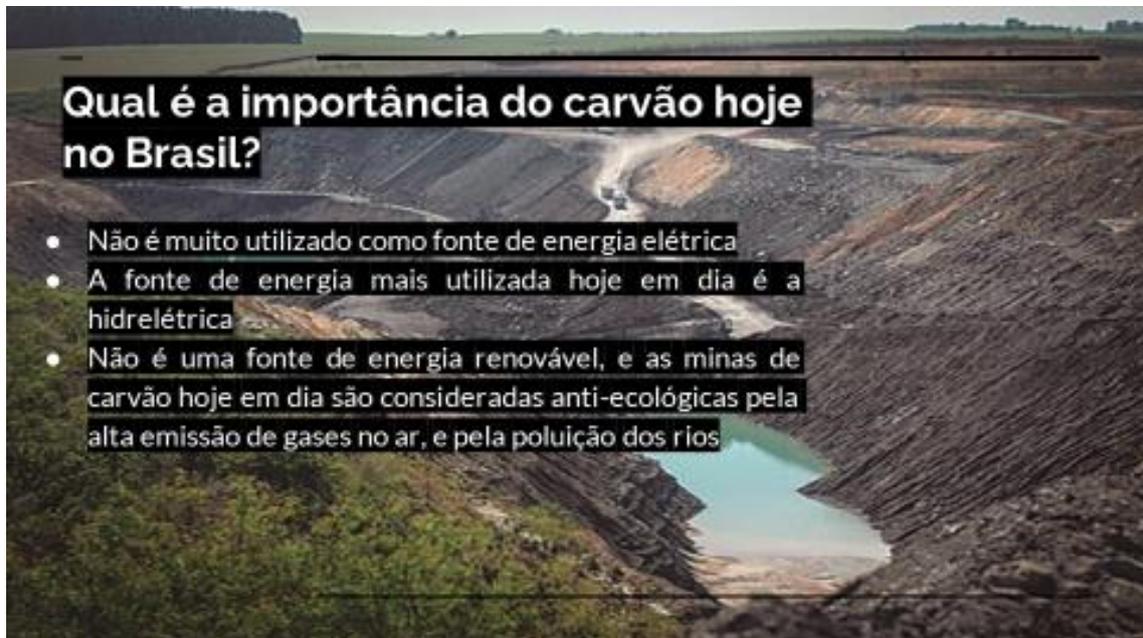
Fontes

- Edição histórica do Jornal Sobral (2013, Butiá/RS)
- Livro "Butiá em busca de sua História", de Gertrudes Novak Hoff.
- Livro Cavando direitos. As leis trabalhistas e os conflitos entre mineiros de carvão e seus patrões no Rio Grande do Sul (1940-1954), de Clarice Gontarski Speranza.
- Fotografias, relacionadas direta ou indiretamente ao tema da pesquisa, pertencentes à Associação Cultural Butiaense - Butiá, RS.

Referências Bibliográficas

- SILVA, Crisfina Ennes da. **Nas profundezas da terra: um estudo sobre a região carbonífera do Rio Grande do Sul (1883/1945)**. 2007. 392 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- SPERANZA, Clarice Gontarski. Cavando direitos. **As leis trabalhistas e os conflitos entre mineiros de carvão e seus patrões no Rio Grande do Sul (1940-1954)**. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2014.
- HOFF, Gertrudes Novak. **Butiá em busca de sua história**. Arroio dos Ratos: PBS, 1992.

ANEXO B – APRESENTAÇÃO DE POWERPOINT REALIZADA NO DIA 18/05 PELOS GRADUANDOS DA UFRGS, JULIANA RENCK BIMBI E ROGÉRIO CORDELLA JR., SUPERVISIONADOS PELA PROFESSORA DA FACED (UFRGS) MELINA KLEINERT PERUSSATO, PARA AS TURMAS 60 E 70, SOBRE “AS MINAS DE CARVÃO E OS TRABALHADORES NA REGIÃO DE BUTIÁ”



Qual era a importância do carvão naquela época? (Anos 1940 e 1950)

- Era a maior fonte de energia do país
- Tinha grande importância econômica no Rio Grande do Sul
- A Usina do Gasômetro foi uma das primeiras usinas térmicas a carvão, e era abastecida pelo carvão produzido na região de Butiá
- O país dependia do carvão para abastecer as ferrovias e indústrias

Como eram as condições de trabalho nas minas de carvão dos anos 1950?

- Naquela época, não havia nenhuma máscara de proteção contra a inalação da poeira do carvão.
- Os problemas de saúde mais comuns dos trabalhadores eram doenças do pulmão, pois as minas subterrâneas não tinham ventilação adequada, e eles ficavam muitas horas no subterrâneo.
- A jornada era de 8 horas diárias, e as empresas podiam estender para até 10 horas diárias.
 - Não existia água potável no subsolo das minas, e existia uma chance muito grande de ocorrer algum acidente.
 - A "fábrica-vila"

As minas de Butiá e região



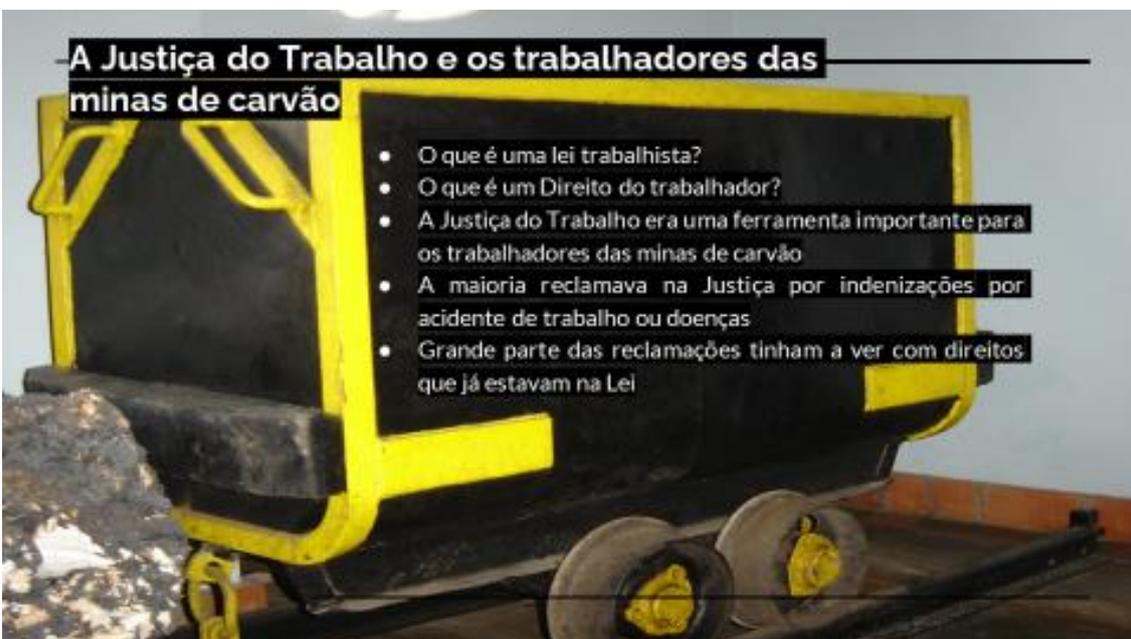
Na época, a região se desenvolveu como uma das maiores produtoras de carvão do Brasil

O carvão era fundamental para alimentar as vias férreas do estado

A vila de Butiá precisou expandir-se para atender à demanda de pessoas que chegavam procurando um emprego

A cidade foi reconhecida como "Capital Nacional do Carvão"

A Justiça do Trabalho e os trabalhadores das minas de carvão



- O que é uma lei trabalhista?
- O que é um Direito do trabalhador?
- A Justiça do Trabalho era uma ferramenta importante para os trabalhadores das minas de carvão
- A maioria reclamava na Justiça por indenizações por acidente de trabalho ou doenças
- Grande parte das reclamações tinham a ver com direitos que já estavam na Lei

Os desertores

O Brasil queria aumentar a produção de carvão na época, pois havia entrado na Segunda Guerra Mundial em 1942. Os mineiros eram considerados soldados da reserva pelo governo, pois o país havia entrado em estado de guerra. Isso aumentava a pressão sobre os trabalhadores, que poderiam ser demitidos caso faltassem ao trabalho. "Desertor", naquela época, significava quem abandonasse ou fugisse da pátria na guerra. Isso era considerado injusto do ponto de vista dos trabalhadores.

**ANEXO C - APRESENTAÇÃO DE POWERPOINT REALIZADA NO DIA 25/05
PELO PROFESSOR DA DISCIPLINA PARA AS TURMAS 60 E 70, COM O
TEMA “O QUE É PATRIMÔNIO?”**

O que é Patrimônio?

TURMAS 60/70

PROFESSOR ALAN NUNES BICA



O que é o Patrimônio?

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
 - II - os modos de criar, fazer e viver;
 - III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
 - IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
 - V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.
- 



O que é o Patrimônio material?

O patrimônio material protegido pelo Iphan é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme os quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas.

O Patrimônio cultural material está associada aos elementos materiais e, portanto, é formada por elementos palpáveis e concretos, por exemplo, obras de arte e igrejas, etc.







O que é o Patrimônio arqueológico?

São considerados sítios arqueológicos os locais onde se encontram vestígios positivos de ocupação humana, os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, "estações" e "cerâmicos", as grutas, lapas e abrigos sob rocha, além das inscrições rupestres ou locais com sulcos de polimento, os sambaquis e outros vestígios de atividade humana.







O que é o Patrimônio imaterial?

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).







O que é o Patrimônio natural?

Os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico; as formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação; os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, conservação ou beleza natural (unesco, 1972, p. 2).







Atividade avaliativa

- **Produzir um vídeo de no mínimo 01 minuto, respondendo as perguntas colocadas abaixo:**
 - O que é Patrimônio para você? Selecione um objeto ou mesmo um momento da sua vida, que você considera seu patrimônio pessoal.
 - Você conhece o patrimônio de Butiá? Selecione um patrimônio da cidade (Material, imaterial, arqueológico ou natural) e conte uma história e/ou momento de sua vida (ou mesmo de sua família), onde você relacionou-se com ele.

Fontes

- <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>
- <https://cv.unesco.org/cultura/patrimonio-materia#:~:text=O%20Patrim%C3%B4nio%20Cultural%20pode%20ser,modo%20de%20ser%20das%20pessoas>
- <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1376/>
- <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>
- https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp
- <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/138007/147320>
- <https://www.momondo.com.br/discover/patrimonios-naturais-brasil>

ANEXO D – DOCUMENTO COM ORIENTAÇÕES E A RELAÇÃO DE MATERIAIS NECESSÁRIOS PARA A CONSTITUIÇÃO DE MAQUETES

Professor: Alan Bica

Disciplina: História

Tema: Constituição de Maquetes – Patrimônios de Butiá

Constituição de Maquetes

O que é uma Maquete?

Maquete ou **modelo** é uma representação (completa) em escala reduzida de um objeto, sistema ou estrutura de engenharia ou arquitetura, ou ainda, o esboço.



Materiais Necessários

- Isopor;
 - Cartolina;
 - Palitos de sorvete;
 - Garrafas pet;
 - Canetinha Idrocor;
 - Lápis de cor;
 - Tinta Guache;
 - Tesoura;
 - Cola normal ou cola quente;
 - Barbante;
 - Palito de dente
 - Caixa de Fósforo;
 - Rolos de papel higiênico;
 - Régua;
 - Caixa de Papelão;
 - Caixa de Leite;
 - Papel Pardo;
 - Argila;
- Entre outros.

Sites para Consulta sobre Maquetes

<https://www.melhorescola.com.br/artigos/aprenda-como-fazer-uma-maquete-escolar-de-maneira-facil-e-criativa>

<https://www.estudokids.com.br/como-fazer-uma-maquete-escolar/>

<https://www.vivadecora.com.br/pro/estudante/como-fazer-uma-maquete/>

Videos do Youtube sobre Maquetes

Como fazer MAQUETE ESCOLAR - TUTORIAL PASSO A PASSO:
https://youtu.be/piX_oVzI-ZM

MOLDES PARA MAQUETE ESCOLAR - PAPELARIA PERSONALIZADA:
https://youtu.be/KcS_SPwbFnk

MAQUETE SUSTENTÁVEL PARA TRABALHO ESCOLAR.:
<https://youtu.be/VYYhvVyAXbc>

ANEXO E – DOCUMENTO CONTENDO ROTEIRO DE PESQUISA PARA ANÁLISE DAS FONTES DOCUMENTAIS, FOTOGRÁFICAS E AUDIOVISUAIS, PREVIAMENTE SELECIONADAS PARA ESTE TRABALHO

Nome:

Turma:

Data:

Professor: Alan Nunes Bica

Disciplina: História

Tema: O Patrimônio Histórico de Butiá

Atividade: Análise de fontes históricas e produção de maquetes

Escola: Venceslau Brás

ROTEIRO DE PESQUISA – O Patrimônio Histórico de Butiá

Descrição: Segue abaixo um roteiro de pesquisa, a ser feito com base na análise das fontes históricas entregues pelo professor da disciplina, haja vista a produção de maquetes sobre patrimônios históricos de Butiá. Este, se divide em três partes: documentos, fotos e vídeo, estando assim em consonância com a classificação proposta na apresentação das fontes. Solicita-se analisar os materiais disponibilizados, e, posteriormente, responder as questões abaixo, de forma simples e objetiva.

1- Documentos

A) Quais informações constam nos documentos? Apresente duas informações que você acredita que são importantes sobre eles.

B) São citadas pessoas nos documentos?

Caso a resposta para a questão acima seja sim, responder as questões abaixo:

C) São aparentemente homens ou mulheres?

D) Caso algum dos grupos acima (homens ou mulheres) estejam ausentes, subentende-se que não participavam do cotidiano da cidade? Apresente, com suas palavras, uma justificativa para sua resposta.

E) É possível saber se são negros ou brancos ou de outra raça/etnia?

F) Caso algum dos grupos acima (negros, brancos ou outra raça/etnia) estejam ausentes, subentende-se que não participavam do cotidiano da cidade? Apresente, com suas palavras, uma justificativa para sua resposta.

G) Eles/as estão fazendo exatamente o que? Estão se comunicando? Relatando alguma coisa? Fazendo alguma descrição? Explique, objetivamente, com suas palavras.

H) Alguma outra coisa lhe chamou a atenção? Caso a resposta seja sim, apresente, objetivamente, abaixo.

2- Fotos

A) Quantas fotos foram disponibilizadas? Quais as informações que elas apresentam? Descreva-as, de forma objetiva.

B) Pessoas aparecem nas fotos?

Caso a resposta para a pergunta acima seja sim, responda as questões abaixo:

C) São homens ou mulheres?

D) São negros ou brancos ou de outra raça/etnia?

E) Caso algum dos grupos acima (homens ou mulheres; negros ou brancos) estejam ausentes, subentende-se que eles não participavam da vida da cidade? Explique, objetivamente, com suas palavras.

F) Eles/as estão fazendo o que? Faça uma pequena descrição.

I) Alguma outra coisa lhe chamou a atenção? Caso a resposta seja sim, apresente, objetivamente, abaixo.

3- Vídeo:

A) Quem é a pessoa entrevistada no vídeo?

B) Qual a sua profissão?

- C) Qual a sua idade aproximada?
- D) Quando foi feita a entrevista?
- E) É aparentemente homem ou mulher?
- F) É negro ou branco ou de outra raça/etnia?
- G) Qual a relação dele/a com o patrimônio abordado?
- H) Em que período/momento ela atuou/participou do espaço que foi transformado em patrimônio?
- I) Em quais atividades ele/a participava, quando atuante no espaço que foi transformado em patrimônio?
- J) Alguma outra informação colocada na entrevista, lhe chamou a atenção? Apresente de forma objetiva.

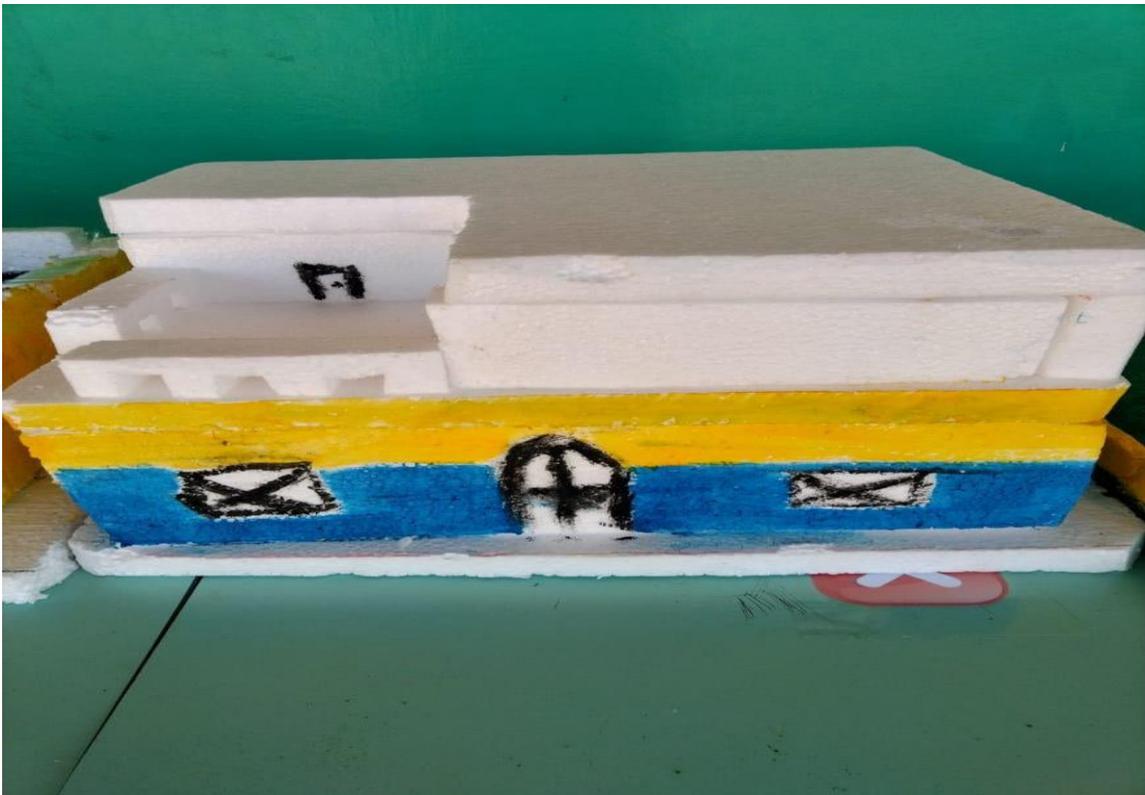
**ANEXO F – RELAÇÃO DE MAQUETES DE PATRIMÔNIOS DE BUTIÁ
REALIZADAS PELOS ALUNOS DAS TURMAS 60 E 70 DA ESCOLA
ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL VENCESLAU BRÁS**

MAQUETES DA SOCIEDADE RECREATIVA OURO PRETO





MAQUETES DA ESCOLA VISCONDE DE MAUÁ







MAQUETES DO COLÉGIO DAS IRMÃS





MAQUETES DO CTG SAUDADES DO PAGO





MAQUETES DO BRASIL FUTEBOL CLUBE





MAQUETE DO BUTIÁ FUTEBOL CLUBE



MAQUETES DO CINE-TEATRO BUTIÁ





MAQUETES DO POÇO 2 (POÇO FARROUPILHA, POPULARMENTE CONHECIDO POR ESQUELETO)





ANEXO G – FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DIRECIONADO AOS ALUNOS DAS TURMAS 60 E 70 DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL VENCESLAU BRÁS

Quem sou eu? Formulário de identificação das Turmas 60 e 70 da Escola Venceslau Brás de Butiá/RS

Qual a profissão dos seus responsáveis?

17 respostas

Mãe:Auxiliar de Estoque
Pai: Motorista Profissional

Minha mãe é dona de casa, e meu pai é caminhoneiro

Minha mãe: professora
Meu pai: técnico de concerto de máquinas pesadas.

Mãe: dona de casa. pai: caminhoneiro.

Mae (do lar) pai (supervisor florestal)

Dona de casa. Mecanico

Minha mãe é baba e meu pai é motorista

Qual a profissão dos seus responsáveis?

17 respostas

meus pais são caminhoneiros, minha vó é autônoma, meu vô também é e trabalha como assistente das coisas que ela faz.

Operador de máquina

Nenhuma

Mãe diarista e o Pai servente de obra

Manicure

Limpeza

limpeza

Cozinheira e supervisor da florestal

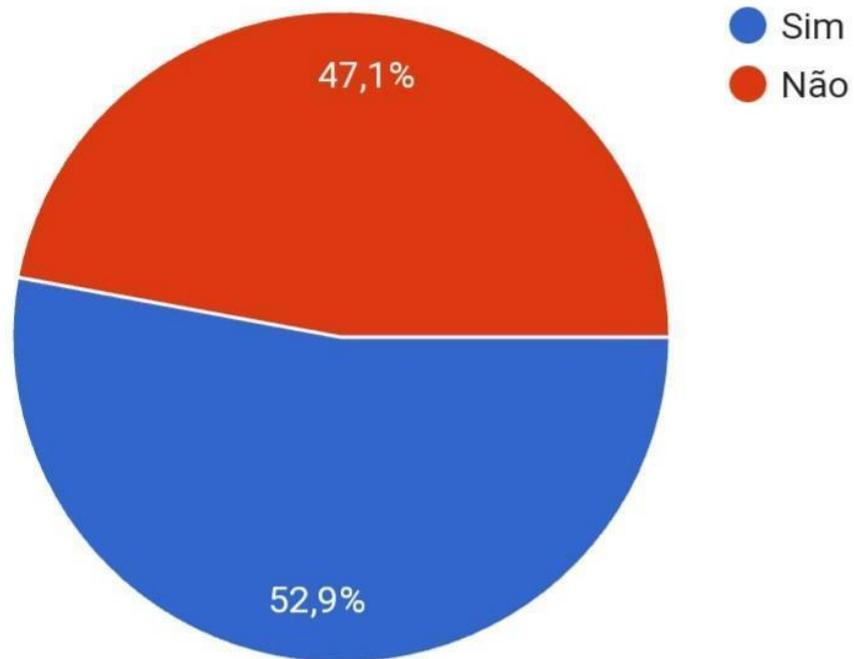
Como você identifica a sua raça / cor? (Caso não queira responder a esta questão, coloque "Prefiro não dizer").

17 respostas



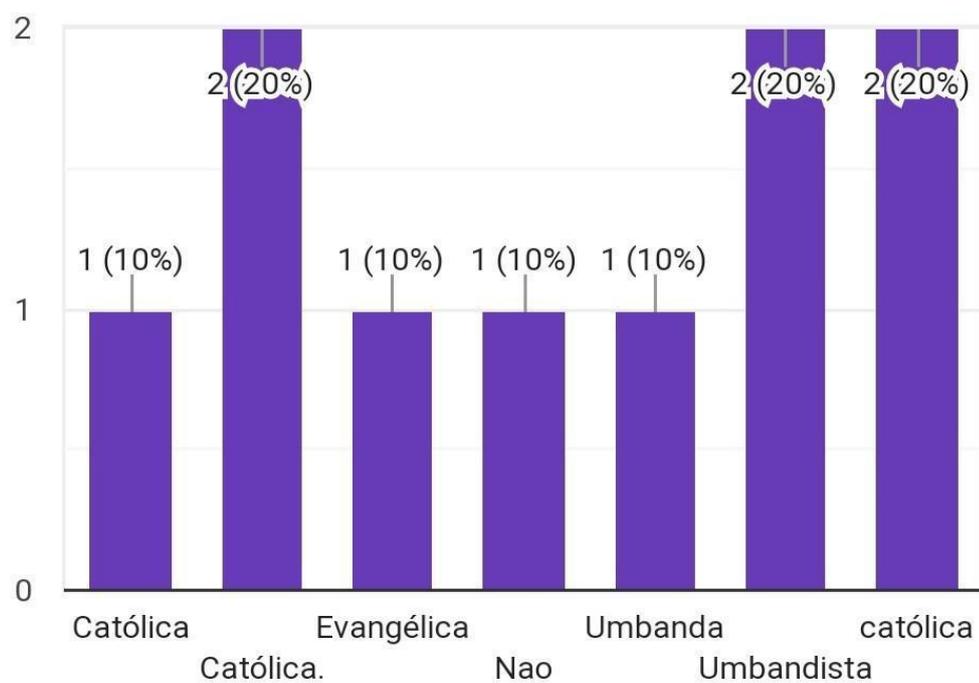
Você é ligado/a a alguma religião?

17 respostas



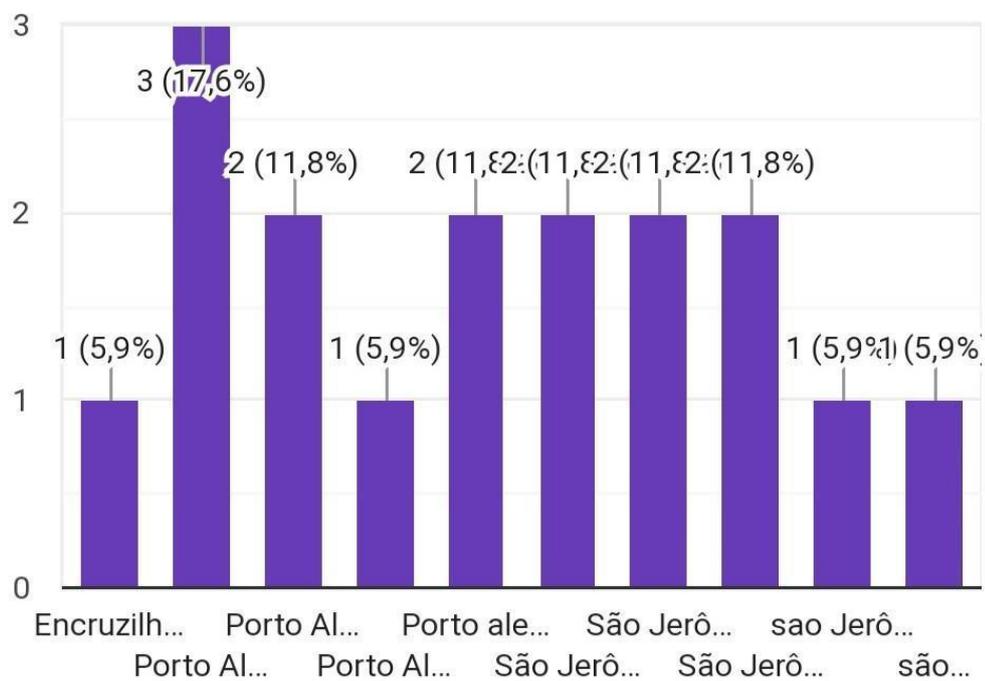
Se respondeu sim para a questão anterior, qual?

10 respostas



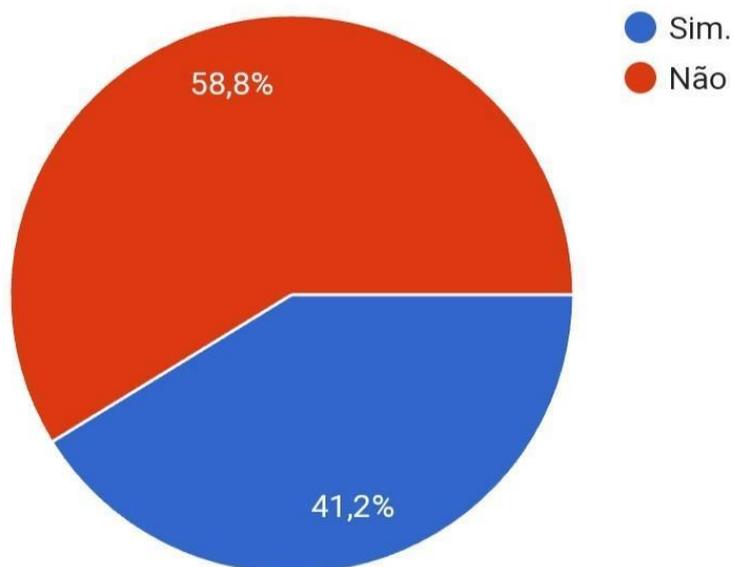
Em qual cidade você nasceu?

17 respostas



Você teve ou tem parentes que trabalharam na mineração?

17 respostas



Se respondeu sim para a questão anterior, quais/qual? (Se possível, identificar em que setores trabalhou).

11 respostas

Meus dois avôs,porém um já morreu

Não

Meus avôs e meu pai.

.

Meu falecido avo era mineiro

Meu pai, motorista

Meus pais.

Meu avô era tocador de carro

Não tenho

Se respondeu sim para a questão anterior, quais/qual? (Se possível, identificar em que setores trabalhou).

11 respostas

Meus avôs e meu pai.

.

Meu falecido avo era mineiro

Meu pai, motorista

Meus pais.

Meu avô era tocador de carro

Não tenho

não

nao

Quais os lugares da cidade que você mais gosta de frequentar? Por quê?

17 respostas

Minha escola,mas porém no ano que vem já vou mudar de escola,bom,fico com meus colegas e acabo me "ocupando" lá, é legal

Praça verde é legal e calmo durante o dia

O centro da cidade. Porque é bastante movimento.

Lojas comprar.

Nenhum,porq é longe as pracas de onde eu moro

Igreja

Pastelaria do Largo do comércio e o duzeca

Quais os lugares da cidade que você mais gosta de frequentar? Por quê?

17 respostas

Não tenho um lugar

Praça e legal

Sorveteria porque adoro tomar sorvete.
Praças adoro brincarealmente, casa da
minha vó porque ela nos mima.

Ginásio,praça Verde,o laguinho dos pedaços
e a sorveteria

escola pra estudar

escola pq Gosto de aprender as coisas

Eu gosto de frequentar a pizzaria e a
sorveteira por que é divertido

Quais os lugares da cidade que você menos gosta de frequentar? Por quê?

16 respostas

A casa da minha vó, bom, não tem internet lá, aí é um pouco chato também porque não tem criança, então eu fico meio sozinha lá, os adultos conversando e eu só sentada na roda da conversa calada.

Não gosto de ir em lugares movimentados, não me sinto bem

Praça Dr. Roberto Cardoso.

Hospital o cheiro me enjoa.

Mercado é muita marca muita gente

Batuque

Não gosto muito de ir na praça verde

Quais os lugares da cidade que você menos gosta de frequentar? Por quê?

16 respostas

Colégio

não sei.

Não tenho um lugar

Todos eu gosto

Postos de saúde, porque não gosto de ficar doente ou ver alguém doente.

mercado pq não gosto muito

praça Mauá não me sinto bem lá

eu menos gosto de frequentar é a praça porq tá acontecendo muitas brigas e mortes

Em sua opinião, qual o lugar mais bonito de Butiá? Por quê?

17 respostas

Praça Roberto Cardoso, é uma praça bem arrumada, e bem bonita

Tênis clube, é calmo e bonito

O Parque de exposição. Porque me dá lembranças boas.

Praça Verde não sei me sinto bem lá.

A praça verde por causa das árvores

Praça verde

Largo do comércio, lá é muito legal e bonito

Nenhum

Em sua opinião, qual o lugar mais bonito de Butiá? Por quê?

17 respostas

A praça Verde eu acho mais bonito

Butiá tênis clube, acho legal o açude e os patinhos.

Praça Verde

PRA MIM SÃO TODOS

A praça Verde, porque tem muitas árvores

O laguinho

praça verde

Gastão off pq tem uma imagem linda

É a sorveteira por eu gosto de ir lá

Em sua opinião, qual o lugar mais feio de Butiá? Por quê?

16 respostas

Esqueleto, não sei .. é meio desarrumado, meio antigo, e não é tão bonito, mas isso é importante, mas de aparência não acho bonito.

Acho que nenhum lugar

A entrada da cidade. Porque é suja e bagunçada.

Pracinha perto do Webber ela não tem brinquedo não tem o que tu fazer ali e é feio.

O calcamento do centro porq nao da pra andar de bicicleta é cheio de buracos desnivelado demais

Praca da caio da minha vila

Em sua opinião, qual o lugar mais feio de Butiá? Por quê?

16 respostas

A caiu do céu, por causa do pouco saneamento.

Não sei

Nenhum

Antigo esqueleto, porque é um patrimônio histórico e infelizmente esquecido, lugar onde se encontra muito lixo.

a balança

na praça do Mauá não gosto muito pq lá nao e legal não me sinto bem la

esqueleto

A pracinha perto do Mauá é muito suja

FOTOS



Poco 2



Poco - 2



Poco 2



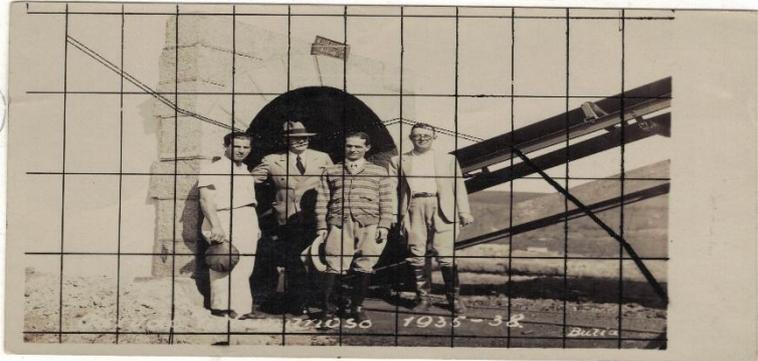
Poco
2

ACUB
009



POÇO FARROUPILHA - 1935
PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE BUTIÁ - ACUB

010
ACUB
Poco - 2



POÇO 1935-38 Butiá



Poco - 2

ACUB
011

VÍDEO – PROJETO MEMÓRIA



Link: <https://youtu.be/BgdqMLL87RE>

CTG SAUDADES DO PAGO

DOCUMENTOS

Nova Diretoria do C.T.G. SAUDADES DO PAGO, eleita a 17 | dez. | 61

PATRONOS: Dr. Elias do Amaral Souza e Dr. Mauré Stoltenberg

PATRONES DE HONRA - Dr. Ney Webster Araujo e Alcides F. Silva

PATRÃO - Luiz Villore Serrano

1º CAPATAZ - Moacyr Arruda Ilha

2º CAPATAZ - Ilo Demam, n

1ª SOTA-CAPATAZ - Aracy G. Farinha

2ª SOTA-CAPATAZ - Romalino Rodrigues da Silva

1ª QUAIACA - Joaquim F. de Souza Ferreira

2ª QUAIACA - Ilo Lenzi

1ª AGRÉGADO DAS FALAS - Ibraim Charão

2ª AGRÉGADO DAS FALAS - Ivo Florisbal

CONSELHO DE VAGUEANOS - José Padilha, Joaquim Albegnaz, Ivo Florisbal, Leonardo Dias e Joao Dias.

POSTEIROS DAS INVERNADAS:

CULTURAL - José Kalata

ARTISTICA - Ibraim Charão e Telmo Rocha

DA DIVULGAÇÃO - Ibraim Charão

DA POESIA - Flavio Carvalho e Maria Helena Porto

DOS TROVADORES - Manoel C. Pinto

DOS GAITEIROS - Elizabeth Gerber Lenzi

CAMPESINA - Antonio Poeta

DE GALPAO - José Santos, Pedro L. Francisco e Pedro C. Pinto

DA INVERNADA MIRIM - Roberto G. Farinha e Arlete F. Silva

.....

28 | dezembro | 1961

15 de maio de 1961

Prezado amigo Dr. Elias:

CTG "SAUDADES DO PAGO"

Consoante sua autorização, firmei a 9 do corrente contrato com o Sr. Luiz Villodre Serrano para cessão do terreno destinado a sede do Centro de Tradições Gauchas "Saudades do Pago".

Seguí, no caso, as instruções transmitidas em sua carta E-M-27, relativamente ao corredor de acesso ao local da sede do CTG, como se observa do contrato cuja copia anexo com a respectiva planta.

Devo esclarecer a V.S. que após se proceder a uma conferência do terreno cedido, a planta que instruiu o contrato acusou uma área de 1.450 m², menor, portanto, do que a informada anteriormente.

Quisira aceitar um afetuoso abraço do auxiliar e amigo

c. Sr. Lupinacci
Dr. Sinval.

LB.

C.T.G. SAUDADES DO PAGO-FUNDAO EM 2 DE JANEIRO DE 1.960.
RANCHO PROVISÓRIO: RUA DA COOPERATIVA, S/Nº - MINAS DE BUTIÁ
LEMA: "A TRADIÇÃO É DO RIO GRANDE, CULTUAR É ENGRANDECÊ-LA"

Minas de Butiá, 27 de Dezembro de 1.960.

Ilmo. Sr.
Dr. Mauré Stoltenberg
Esta Localidade

Pelo presente levamos ao conhecimento de V.S. que em data de 11 do fluente, foi eleita a nova Diretoria que dará de aos nas redas deste Centro, no periodo de 61/62, ficando a mesma assim constituída:

PATROES DE HONRA: DR. MAURÉ STOLTENBERG e NEY W. ARAUJO

PATRAO: Ibrahim da Silva Charco

1º CAPATAZ: Alcides F. Silva

2º CAPATAZ: Moacyr de Arruda Ilha

1º SOTA CAPATAZ: Jose Sony Simoes

2º SOTA CAPATAZ: Italo Lenzi

1º GUAYACA: Mario Krumel

2º GUAYACA: Ilo Lenzi

1º ACREGADO DAS PALAS: Luiz Villodre Serrano

2º ACREGADO DAS PALAS: Ivo R. Florisbal

1ª PRENDA:

CONSELHO DE VAQUEANOS: Aco Pereira Cardoso, José Padilha, Jorge D. Pires, Joaquim T. Albernez e Evaristo Jucoski

POSTEIROS DAS INVERNADAS:

INVERNADA CULTURAL: Luiz Villodre Serrano

INVERNADA ARTISTICA: Ivo R. Florisbal, Aracy G. Farinha, Telmo Rocha e Carlos Zinelli Sobrinho

INVERNADA DA DIVULGACAO:

INVERNADA DA POESIA: Flavio C. Carvalho e Adão Sérgio Luiz

INVERNADA DOS TROVADORES:

INVERNADA CAMPEIRA: Antonio Poeta, Oracy J. Luiz, Nerci Andrade, Armin do S. da Silva e Anildo S. da Silva

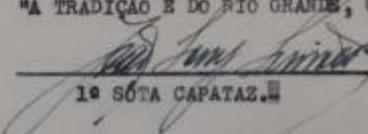
INVERNADA DO GALPÃO: Romeu Valle, Pedro Ramos da Silveira, Italo Lenzi, Almiro J. Gamalho e José Santos

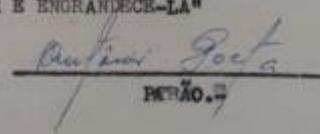
INVERNADA HISTÓRICA - (MUSEU): João Tavares e Olmiro Gonçalves

POSTEIROS DA INVERNADA MIRM: Roberto G. Farinha e Arlete Terezinha F. Silva

Outrossim, temos o prazer de convidá-lo para um macanudo fandango a realizar-se em data de 7 de Janeiro p.vindouro, em nossa sede provisória, ocasião da posse da nova Diretoria, para o que desde já contamos com a vossa presença.

Sendo o que se nos apresenta de momento, firmamo-nos, enviando um forte abraço costelas, sempre com o nosso lema:
"A TRADIÇÃO É DO RIO GRANDE, CULTUAR É ENGRANDECÊ-LA"


1º SOTA CAPATAZ.


PATRAO.

* CONTRATO DE COMODATO *

Firmado em 9/Maio/1961 entre

Companhia Carbonífera Minas de Butiá - COMODANTE

e

Sr. Luiz Villodre Serrano - COMODATÁRIO

relativo à cessão de terreno para construção da sede do
CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS "SAUDADES DO PAGO" .

* CONTRATO DE COMODATO *

ENTRE a COMPANHIA CARBONÍFERA MINAS DE BUTIÁ, sociedade anônima, com sede na Capital da República, a Praça Mahatma Gandhi, nº 2, estabelecimento industrial no 3º distrito deste Município, daqui por diante mencionada apenas como a "COMODANTE", neste ato representada pelo seu Engenheiro-Chefe, Dr. Mauro Stoltenberg, brasileiro, maior, casado, residente nesta Vila de Butiá, de uma parte; de outra, o Sr. LUIZ VILLODRE SERRANO, também brasileiro, maior, casado, alfabetizado, residente nesta mesma localidade, daqui por diante referido apenas como "COMODATÁRIO", fica justo e contratado o seguinte:

PRIMEIRA

A COMODANTE cederá ao COMODATÁRIO, nos termos dos artigos 1.218 e 1.250 e seguintes do Código Civil, um terreno de propriedade da primeira, localizado nesta Vila, com frente voltada para a Rua Cooperativa e fundos para terrenos da Rua Assisio Baldino, confrontando a Oeste com terreno baldio pertencente a COMODANTE e a Leste com o estádio da entidade esportiva BUTIÁ FOOT-BALL CLUB, medindo a área de 1.450 m², conforme as especificações do "croqui" assinado pelas partes, que fica fazendo parte integrante do presente instrumento. O acesso ao terreno ora cedido por esgrimalha fazer-se-á por um "corredor" de 6,00 metros de largura por 16,70 metros de comprimento, limitado a Oeste pelo terreno baldio supra mencionado e a Leste pela divisa do estádio de BUTIÁ FOOT-BALL CLUB, não podendo o COMODATÁRIO esgrimalhar-se fora de tais confrontações.

SEGUNDA

O empréstimo é feito por prazo indeterminado, podendo sobre o terreno edificar o Comodatário um prédio misto de madeira e alvenaria, a sua expensa exclusiva. No prédio cuja edificação e tolerada nenhuma atividade industrial ou comercial poderá ser exercida, a qualquer título, seja pelo COMODATÁRIO, pessoalmente e por interposta pessoa, seja por terceiros, assim fica vedada sua locação total ou parcial sem prévia anuência, por escrito, da COMODANTE. CONTUDO, ao Comodatário fica assegurada a faculdade de autorizar, sob sua exclusiva responsabilidade, o uso do local como sede do Centro de Tradições Gaúchas "Saudades do Pago", ressalvada a Comodante de quaisquer riscos legais decorrentes de ações e omissões dos responsáveis e frequentadores do mencionado Centro de Tradições.

TERCEIRA

A comodante fica resguardada de quaisquer danos eventualmente acarretados ao prédio a ser construído no local, em virtude da utilização da mesma carbonífera no subsolo da aludida área ou

SEXTA

O Comodatário se obriga, ainda, a vender à Comodante o prédio construído, na base do custo histórico, se a última manifestar interesse em adquiri-lo, assim como poderá vendê-lo a terceiro mediante anterior autorização, por escrito, da Comodante. Na hipótese de concorrência, a Comodante fica assegurado o direito de preferência, na base do custo histórico da construção, embora maior preço seja ofertado pelos demais concorrentes.

SÉTIMA

Na hipótese de violação do presente contrato, o infrator se obriga a pagar ao outro contratante a multa de Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros), bem como todas as despesas, judiciais ou não, a que der causa.

ÓTAVA

Para quaisquer dúvidas ou demandas resultantes do presente convenio, elegem as partes o foro da Comarca de São Jerônimo para sua apreciação.-

E, por assim estarem certos e ajustados, após lido o presente instrumento e achado conforme, o assinam em duas vias de igual teor e para um só efeito, perante as testemunhas também no fim assinadas.-

Minas de Butiá, 9 de Maio de 1961 .-

(s) Mauré Stoltenberg

(s) Luís Villoira Serrano

Comodatário

TESTEMUNHAS:

s) Leonardo Dias

s) José Kalata

Nova Diretoria do C.T.G. SAUDADES DO PAGO, eleita a 17/ dez. 61

PATRONOS: Dr. Elias do Amaral Souza e Dr. Mauré Stoltenberg
PATRONOS DE HONRA - Dr. Ney Webster Araujo e Alcides F. Silva
PATRIÃO - Luiz Villodre Serrano

1º CAPATAZ - Moacyr Arruda Ilha

2º CAPATAZ - Ilo Demamun

1º SOTA-CAPATAZ - Aracy G. Farinha

2º SOTA-CAPATAZ - Romalino Rodrigues da Silva

1º GUALACA - Joaquim F. de Souza Ferreira

2º GUALACA - Ilo Lenzi

1º ADESSADO DAS PALAS - Ibraim Charão

2º ADESSADO DAS PALAS - Ivo Florisbal

CONSELHO DE VAGABUNDOS - Jose Padilha, Joaquim Alberguez, Ivo Florisbal, Leonardo Dias e Joao Dias

POSTEIROS DAS INVERNADAS:

CULTURAL - José Kalata

ARTISTICA - Ibraim Charão e Telmo Rocha

DA DIVULGAÇÃO - Ibraim Charão

DA FORTIA - Flavio Carvalho e Maria Helena Porto

DES TROYADORES - Manoel C. Pinto

DES GATEIROS - Elizabeth Gerber Lenzi

CAMPESINA - Antonio Poeta

DE GALPAO - Jose Santos, Pedro L. Francisco e Pedro C. P.

DA INVERNADA MIRIM - Roberto G. Farinha e Arlete F. Silva

.

28 | dezembro | 1961

FOTOS







VÍDEO – PROJETO MEMÓRIA



Projeto Memória - EP3 - CTG Saudades do Pago

Link: <https://youtu.be/sdQJ-zIjWE>

BUTIÁ FUTEBOL CLUBE

DOCUMENTOS

BUTIA' FUTEBOL CLUBE

FUNDADO EM 8 - 8 - 1928
CAMPEÃO EM 1942 - BI-CAMPEÃO 1954 - 55
ESTÁDIO - RUA DA COOPERATIVA - MINAS DE BUTIÁ

Minas de Butiá, 7 de Agosto de 1956.

Ilmo.(s) Sr.(s)

Temos o prazer de participar-vos que em sessão realizada no dia de ontem foi eleita e empossada a diretoria que regerá os destinos desta agremiação no período de 1956/7.

A nova diretoria do BUTIÁ FUTEBOL CLUBE, ficou assim constituída:

PRESIDENTE DE HONRA	Dr. REY WERTER ARAUJO
PRESIDENTE	SAMUEL GOLDENBERG
1º VICE-PRESIDENTE	HONORIO LUIS FRANCISCO
2º " "	ROSEU VALE
3º " "	JOSE MARIA GONÇALVES
1º SECRETARIO	OSVALDO BELLID MAYER
2º " "	EDER PEREIRA
1º TESOUREIRO	ARI DA SILVA TAVARES
2º TESOUREIRO	MANOEL BATISTA
DIRETOR ESPORTIVO	Dr. CARLOS C. RODRIGUES
DEPARTAMENTO MEDICO	JOSE JANOSTIAK
DEPARTAMENTO JUVENIL	PAULO YUGENIOS
DEPARTAMENTO DE PROPAGANDA	JOSEMO PEREIRA
TECNICO	CONRADO CARDOZO
TECNICO AUXILIAR	FRANCISCO MARTINS
GUARDA-ESPORTE e MASSAGISTA	

CONSELHO FISCAL

JOSE PADILHA-ANTONIO SILVA-ALVARO PEREIRA-MARIO CUNHA-OLMAR QUINTA
JOÃO CARNEIRO, RAIMUNDO DE SOUSA JOÃO.

Aproveitando a oportunidade que se nos apresenta vos enviamos,

Cordiais saudações esportivas

Samuel Goldenberg
Samuel Goldenberg-Presidente

Osvaldo E. Mayer
Osvaldo E. Mayer-1º Secretario

*Homagem a entidades da
comunidade, com uma
sua lista de nomes para
na globo.*

16.

Ilmo. Sr.

Dr. Fernando Lacourt

Mãta

Chapa da Diretoria do Butiá F. B. Club,
para o biênio de 1.953/54.-

	Presidente	Snr.	Direceu Baptista
1ª	Vice	Snr.	Heber Moraes da Silva
2ª	"	Snr.	José Souto Lais
	Secretario	Snr.	Joaquim F. Ferreira
2ª	"	Snr.	Waldomiro Azevedo
	Tesoureiro	Snr.	Homem V. Sereiva
2ª	"	Snr.	Gustavo Buch
	Diretor tecnico	Snr.	Rigino Conter
	auxiliar "	Snr.	Jessi de Deus e Silva

Conselho fiscal

Snr. Néo P. Cardoso
Snr. João Dias
Snr. Pedro Silva

Suplentes

Snr. Oscar Alves
Snr. Olegaria Silva
Snr. Leopoldo Beckler

Minas de Butiá, 9 de abril de 1.953.-

Joaquim F. Ferreira
Jo. Secretario.-

H. P. F. C.

BUTIÁ FOOT-BALL CLUB

Fundado em 6-9-1925

Minas do Butiá, 6 de março de 1940.-

Ilm^{as} Srs.
Dr. FERNANDO LACOUT
Engenheiro-Chefe
ESTA NINA

Tenho a honra de levar ao vosso conhecimento que foi eleito e assumido a Diretoria que regerá os destinos deste Clube no corrente exercício, e aqui ficam suas constituições:

- Presidente:- Benjamim Milton Leticia
- 1^o Vice:- Francisco Moreira Das Lencas
- 2^o Vice:- Dr. José Barbosa e Silva
- 1^o Secretário:- João Damasceno Filho
- 2^o -" - Antônio Alves de Silva
- 1^o Tesoureiro:- Diler Ilha
- 2^o -" - Ernani C. Costa
- Diretor Técnico:- Eustachio M. Ferreira
- Conselho Fiscal:- Dr. Carlos C. Rodrigues
Alfonso Almeida
Alfredo Hoff
Francisco Rudolph
Leopoldina Alves
Aliprando Gontier
Eugênio Gerber
João P. Maciel
Severino L. Silva.-

Valendo-as de modelo para apresentar nossos protestos de elevada estima e distinta consideração, e firmo-me

Atenciosamente.-

Assinatura

Benjamim Milton Leticia
Presidente

João Damasceno Filho
1^o Secretário.



B. F. B. C.

BUTIÁ FOOT-BALL CLUB

Fundado em 2-9-1926

N.º 12

Mina do Butiá, 11 de Junho de 1.946

Ins. gar.
Dr. Fernando Lacerda
En. engenheiro chefe
Mina de Gisa

Respeitosa sondação:

Com o grato prazer de comunicar-lhe que, em sessão de Assembleia Geral, realizada aos 23 de Maio de 1946, foram eleitos e nomeados os diversos poderes que regerão as actividades do clube durante o ano social 1.946 / 1.947, achando-se assim constituído:

Presidente	:	Mário C. Gonçalves
1.º vice	:	Alberto A. Fernandes
2.º "	:	Dr. José S. e Silva
1.º secretário	:	Elmano de Almeida
2.º "	:	Barbosa Martins
1.º tesoureiro	:	José Maria
2.º "	:	Othello Ferreira
Director técnico	:	Amador Martins Ferreira

Conselho Fiscal :

Artur de Sá
Benjamin M. Lacerda
Amador Gomes
Ant. Domingos Pereira
Higino Costa

Esperando continuar a merecer o vosso apoio de V.ª, subscrevo-me com elevada apreço.

BUTIÁ FOOT-BALL CLUB

[Handwritten Signature]
Presidente

[Handwritten Signature]
Secretário



N.º = * * *

Mimo do Butiá, 29 de Junho de 1945

RELACÃO DOS JOGADORES DEBETE CLUB DE FOOT-BALL

- 1 Eustach M. Ferreira
- 2 Valdemar Silva Flores
- 3 Adão Souza
- 4 Pedro Helano da Silva
- 5 Tomas M. Oliveira
- 6 João R. Machado
- 7 Eugenio Seia
- 8 Amaro Griagolo
- 9 Rígino Conter
- 10 Agenor Pereira de Silva
- 11 Pedro L. Francisco
- 12 Waldor F. Kersting
- 13 Valtér Figueiro
- 14 Adão M. Santos
- 15 Claudionor Carneiro
- 16 Orestes Martines
- 17 Antonio Diniz
- 18 Nonoy Krusel
- 19 Admir Diniz
- 20 Vergilio Pereira
- 21 Olairo H. de Castro
- 22 Olairo Silva
- 23 Nel Krusel
- 24 Dirceu Batista
- 25 Tulio Conter
- 26 Mario Miller Pedross
- 27 Americo Rosa Dias
- 28 Francisco Vargas Filho
- 29 Diamantino Rodrigues
- 30 Hilton J. Tomé
- 31 Conrado Cardoso
- 32 Antonio Espinosa
- 33 Luiz Neto Espinosa
- 34 Leonardo Neto Espinosa
- 35 Luiz M. Oliveira
- 36 João Cyivs Santos
- 37 Henrique Cardoso
- 38 Stanislat Wanick
- 39 Jeronimo Machado
- 40 Osvaldo R. Almeida
- 41 José Cunha
- 42 Adão Marquesda Silva
- 43 Antonio Laguna de Souza
Presidente:
- 44 José de Souza Moraes

n/Cop: = = =
 Suf. Eng. Chêfe
 Brasil F.B. Club
 Arch. Secretaria

[Handwritten Signature]
 Presidente

[Handwritten Signature]
 Secretario

[Handwritten Signature]
 Ralles Zilladre

B. F. B. C.

Butiá Foot-Ball Club

FERRADO Nº 1-1-13

Nº 39

Missa do Butiá, 20 de Março de 1.945

Ilmo.Snr.
Dr. FERNANDO LACOURT
ED.Engenheiro Chefe
Nestas Minas

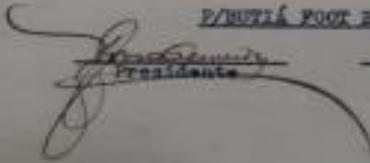
Respeitosas saudações:

Temos o grato prazer de comunicar-lhe que, em sessão de Assembleia Geral Ordinária, realizada á 4 do mes em curso, foram eleitos e esposados os diversos poderes que regerão os destinos deste club durante o ano social de 1.945, e que assim se acham constituídos:

Presidente	Afonso Almeida
1º Vice	Adão Machado Medeiros
2º "	Miguel Roland Silva
1º Secretario	Plinio de Araujo
2º "	Manic Batista
1º Tesoureiro	Francisco Sales Neto
2º "	Aliprando Conter
Diretor Técnico	Francisco Moreira dos Santos
Conselho Fiscal:	Dr. José Barbosa Silva
	Antonio Segura
	Alcides Conter
	Cevaldo Firpo
	Houéiro G.Sinões

Esperando continuar a merecer o valioso apoio de V.S., subscrevemo-nos com elevado apreço.

P/BUTIÁ FOOT BALL CLUB


Presidente


Secretario

Recebido em 27/3/45

Resposta em 27/3/45

B. F. B. C.

BUTIÁ FOOT-BALL CLUB

Fundado em 6-9-926

N.º 23

Minas do Butiá, 4 de Abril de 1944

Ilmo-Sr.
Dr. Fernando Lacourt
D. J. Eugenio de Saes
Nestas Minas

*Recebido
4-4*

Saudações cordiais:

Na qualidade de Presidente do "BUTIÁ FOOT BALL CLUB" sirvo-me da presente para fazer chegar ao conhecimento de V. S. a urgente necessidade de ser concedido ao Club um auxílio totalizado em cr. \$10.000,00, correspondentes a \$1000,00 mensais a partir de Março até Dezembro vindouro.

Considerando a situação precaríssima que pela Diretoria antecessora se foi entregue o Club, a urgente necessidade de completa liquidação das dividas contractadas também pela antiga Diretoria, a urgente substituição e reparo de materiais de uso indispensavel para o bom andamento do "time" e ainda mais a escassez de tempo que dispomos para dirigir e regularizar a situação do Club, pois findar-se-a impreterivelmente á 15 de Janeiro do ano vindouro, o mandato da actual Diretoria, sem ter sido a receber, a V. S. na absoluta certeza de que mais uma vez o "BUTIÁ F.C." poderá contar com seu grande amigo e benfeitor, para que se concretize essa auxilio que virá repar o nosso querido Club no lugar que realmente merece, afastando assim para sempre as negras nuvens da duvida e do insuccesso que infelizmente, por descuido e má administração de outras, pairaram ofuscando a gloria e a reputação do "BUTIÁ FOOT BALL CLUB".

Agradecendo pela suas grandes efições, anticipo meus melhores agradecimentos pela attenção dispensada, e aproveitando o ensejo para reiterar meus elevados protestos de estima e distinta consideração, subscrevo-me attecivamente.

P/ "BUTIÁ FOOT BALL CLUB"

[Handwritten signature]

B. F. B. C.

BUTIÁ FOOT-BALL CLUB

© Fundado em 1942

N.º 11

Minas do Butiá, 2.º de Set. de 1.943

ILMO. SR. SR.ª H. CASTRO LIMA
Id. Enx.ª Chefe das Linhas do Butiá

S.ª Vila

Resp. saudações.-

Tenho o prazer de comunicar-lhe que, em data de 31 de agosto pp. foi exposta a Diretoria que norteava os actos nos deste clube no periodo de 1.941/42, ficando a mesma constituída da forma seguinte:-

- | | |
|-------------------|--------------------|
| Presidente | Afonso Almeida |
| 1.º Vice | José I. Rodrigues |
| 2.º " | Adão Machado |
| 1.º secret. | Mário C. Gonçalves |
| 2.º " | Romeo Pratas |
| 1.º Desembargo | José Chisen |
| 2.º " | Alipanda Genter |
| Instrutor tecnico | Orvaldo Firgo |
| Cont. fiscal | Cesaris Aldir |
| | Leonardo Dias |
| | Orsio Galpico |

Na expectativa de continuarmos a sermos o apoio de V. S. firmamos-nos atenciosamente.-

Butiá Footból Clube
Mário C. Gonçalves
Secretario

LIGA JERONIMENSE DE FUTEBOL

SÃO JERÔNIMO - Rio Grande do Sul - Brasil

Butia, 20 de Novembro de 1959

Ilmo. Sr. Dr. Mauré Stoltenberg
MD. Engenheiro Chefe

NECA

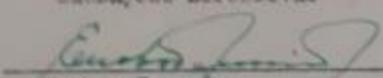
Prezado Sr.

O Delegado da F.R.G.F. e a Diretoria do Butia F.C., tem o inenso prazer de convidar V.Excia. para assistir a partida que se realizará no Campo do Butia, entre as equipes do BUTIA F.C. e o GREMIO ESPORTIVO FORÇA E LUE de Capital do Estado, ocasião em que será homenageado o sr. Dr. Prefeito Eleito.

Agradecendo vossa honrosa presença domingo proximo, aproveitamos o ensejo para subscrevermos com elevada estima e alta consideração.

ATENCIOSAS

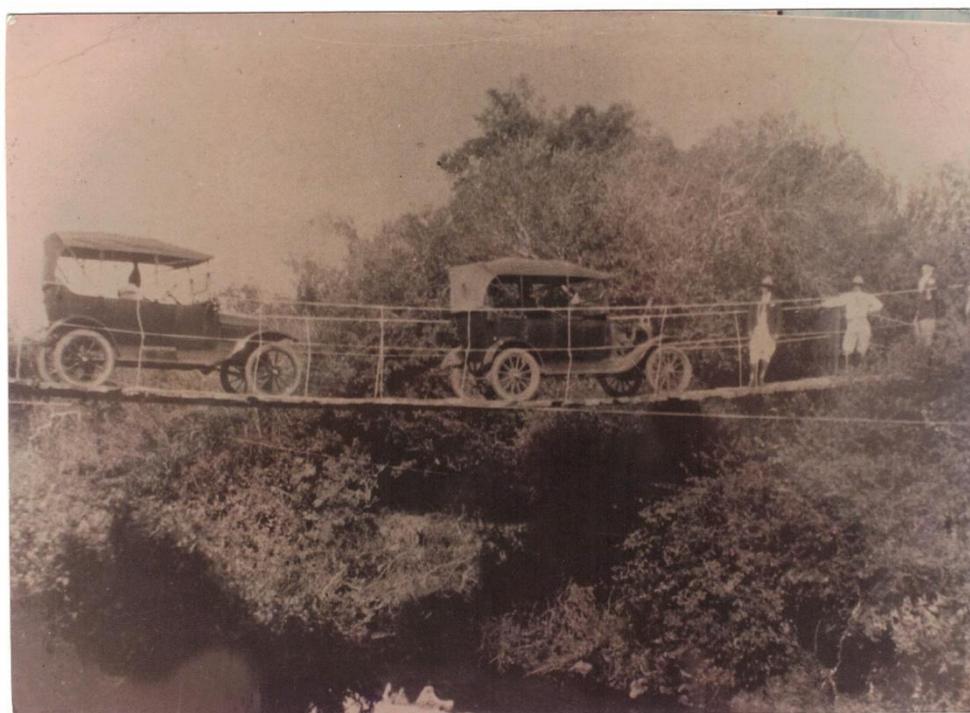
SAUDAÇÕES ESPORTIVAS


Enobar Ferreira

Delegado da F.R.G.F.

FOTOS





PONTE DE ARAME SOBRE O ARROIO DOS RATOS
PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE BURIA- ACUB



VÍDEO – PROJETO MEMÓRIA

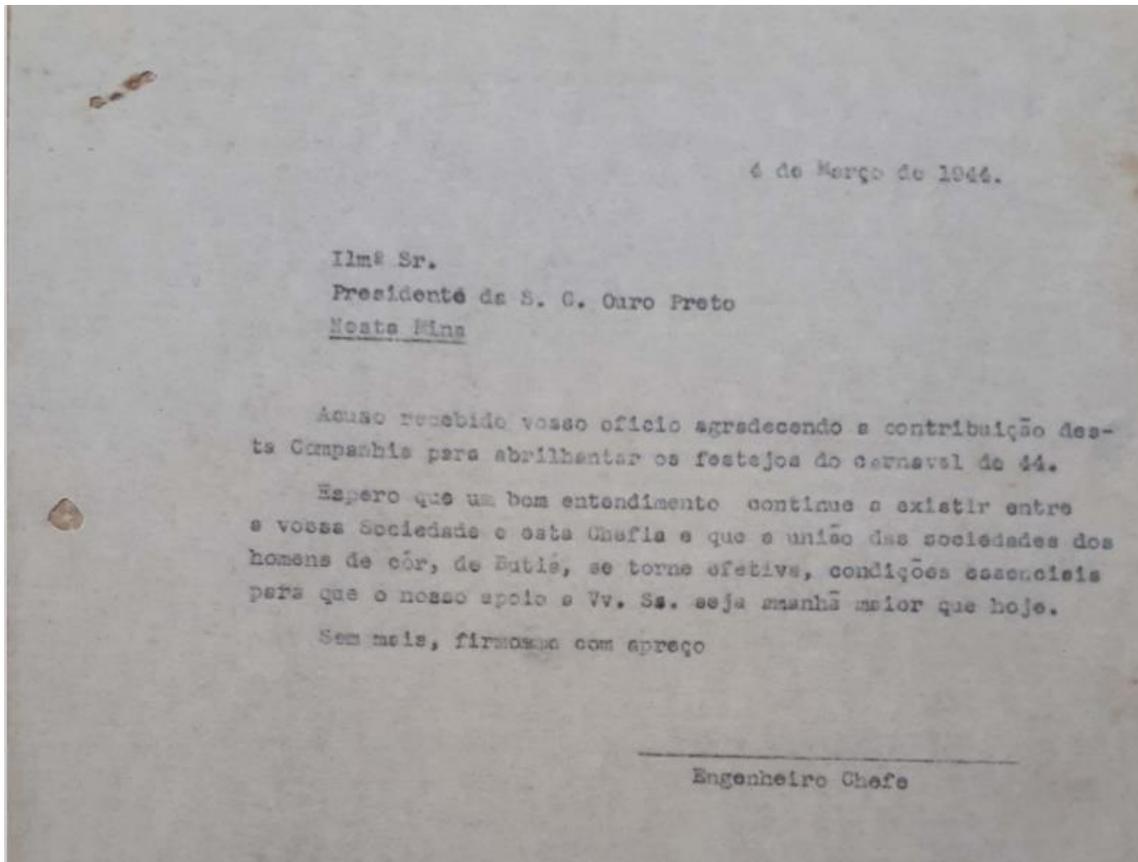


Projeto Memória - EP9 - Butiá Futebol Clube

Link: <https://youtu.be/qrROkerG94M>

SOCIEDADE RECREATIVA OURO PRETO

DOCUMENTOS



Nº 159/51

2o de abril de 1.951

À Sociedade Recreativa OURO PRETO

N/LOCALIDADE

Tem êste o fim especial de desculpar-me perante a Diretoria desta Sociedade por não haver comparecido ao baile do dia 14 do corrente para o qual fui, gentilmente convidado.

Motivou minha falta o fato de haver, por motivos de força maior, de ordem particular, ter tido necessidade de permanecer em minha residencia.

Certo de que minhas razões serão compreendidas prometo, na primeira oportunidade, resgatar a minha divida.

Agradecendo a atenção dispensada a esta, firmo-me atenciosamente

Sociedade Recreativa Ouro Preto

FUNDADA EM 3-2-1944

MINAS DE BUTIÁ - SÃO JERÔNIMO

Ilmo. Sr. Dr.

Mauri Stoltenberg

Realizando-se na noite de 29 do mez em curso em vossa sede uma festa, a qual temos a honra de oferecer à digníssima chefia desta cidade, com o presente, a direção desta sociedade, toma liberdade de vos considerar oficialmente. Sem outro, contando com vossa honrosa presença. Respeitosamente agradecemos.

Pela Diretoria:

João A. Lima
Presidente

Butiá, julho de 1950

Sociedade Recreativa Ouro Preto

FUNDADA EM 3-2-1944

MINAS DE BUTIÁ - SÃO JERÔNIMO

Illm. Sr. Dr.

Mauri Stoltenberg.

Ab. D. Eng. Chiff

Minas do Butiá

Eu abaixo assinado João Arthur Lima, tendo sido eleito presidente desta veterana Sociedade em assembleia geral realizada realizada em 14-4-49 venho por meio deste, antes de assumir o programa de minha presidência, venho muito respectivamente pedir a V.ª S.ª, consider-me uma entrevistado, juntamente com meus colegas de diretoria, cujo o dia e a hora V.ª S.ª marcará.

Se mais certo que serei honrado com vossa atenção e acolhimento, fico inteiramente agradecido.
Vosso criado agradecido

50 - feing - pf.
9.00 dol. 2/5/50.
Mauri

João Arthur Lima 643

Butiá 26-4-1950



C Ó P I A

Minas do Batistá, 28 de Fevereiro de 1944.

Ilm^o Sr. Dr. Fernando Leocart

Engenheiro Chefe desta Mina

A Diretoria da S. C. "Ouro Preto", e todos os demais sócios, vem por meio desta atenciosamente agradecer V. S. a generosidade de tão grande oferta, que a nós foi feita para que possamos dar mais um passo para procedermos um pouco de convívio social, que em nossa vida penosa é tão restrita.

Cheios de reconhecimento de vossa benevolência pare com os pequeninhos e humildes, apresentamos a vossa sincera e inarredável gratidão.

E desde já pela Diretoria e componentes da Sociedade "Ouro Preto" subscrevemo-nos de V. S. credos e agradecidos.

(Ass.) Domingos Idelino
Presidente

(Ass.) Ernani Conceição
Secretário

Minas do Prata 28 de Fevereiro de 1944

Illm. Sr. Dr. Fernand Lacourt.

D.D. Engenheiro Chefe desta "Mina."

A' Directoria da S. E. "Curo Preto," e todos os demais socios, vem por meio desta atenciosamente agradecer V. S. a generosidade de tão grande offerta, que a nós foi feita para que possamos dar mais um passo para procurarmos um pouco de convivio social, que em nossa vida penosa e tão restricta. Cheios de reconhecimento de vossa benevolencia para com os pequerruchos, e humildes, apresentamos a vossa sincera, e immedida gratidão.

E de de fã pela directoria, e componentes da sociedade "Curo Preto" subscrevemo-nos de V. S.
"Creados, Agradecidos."

Spingor Sider
"Presidente"

Ernani Bonciao
"Secretario"

Minas do Prata 28 de Fevereiro de 1944

Illm. Sr. Dr. Fernand. Lacourt.

D.D. Engenheiro Chefe desta "Mina"

A' Directoria da E. C. "Curo Preto", e todos os demais socios, vem por meio desta atenciosamente agradecer V.ª E. a generosidade de tão grande offerta, que a nós foi feita para que possamos dar mais um passo para procurarmos um pouco de convivio social, que em nossa vida penosa e tão restricta. Cheios de reconhecimento de vossa benevolencia para com os fugueirinhos, e humildes, apresentamos a vossa sincera, e imorredora gratidão.

E de de "fi" pela directoria, e componentes da sociedade "Curo Preto" subscrevemo-nos de V.ª E. "Creador, Agradecidos."

Spinoza Sales
"Presidente"

Ornani Loucaço
"Secretario"

110^o, 21.

Dr. Fernando Leccurt

R. D. Engenheiro-Oliver de Cia. Carb. Minas de Itiú

R/Localidade.-

A Diretoria de C. R. "OURO BRANCO" vem por
intermédio do presente, muito respeitosamente, convidar V. S.,
para o grandioso baile que será realizado no próximo sábado,
ou seja dia 21 de corrente, com início às 20 horas.

Desde já, agradecendo vossa honrosa compare-
cimento, reiteramos os melhores cumprimentos.-

Minas de Itiú, 15 de Janeiro de 1900

A Diretoria.

FOTOS





Recordação do carnaval de 1964

Serviçano Oliveira Costa

Duro Preto

Dia 8 Fevereiro 64

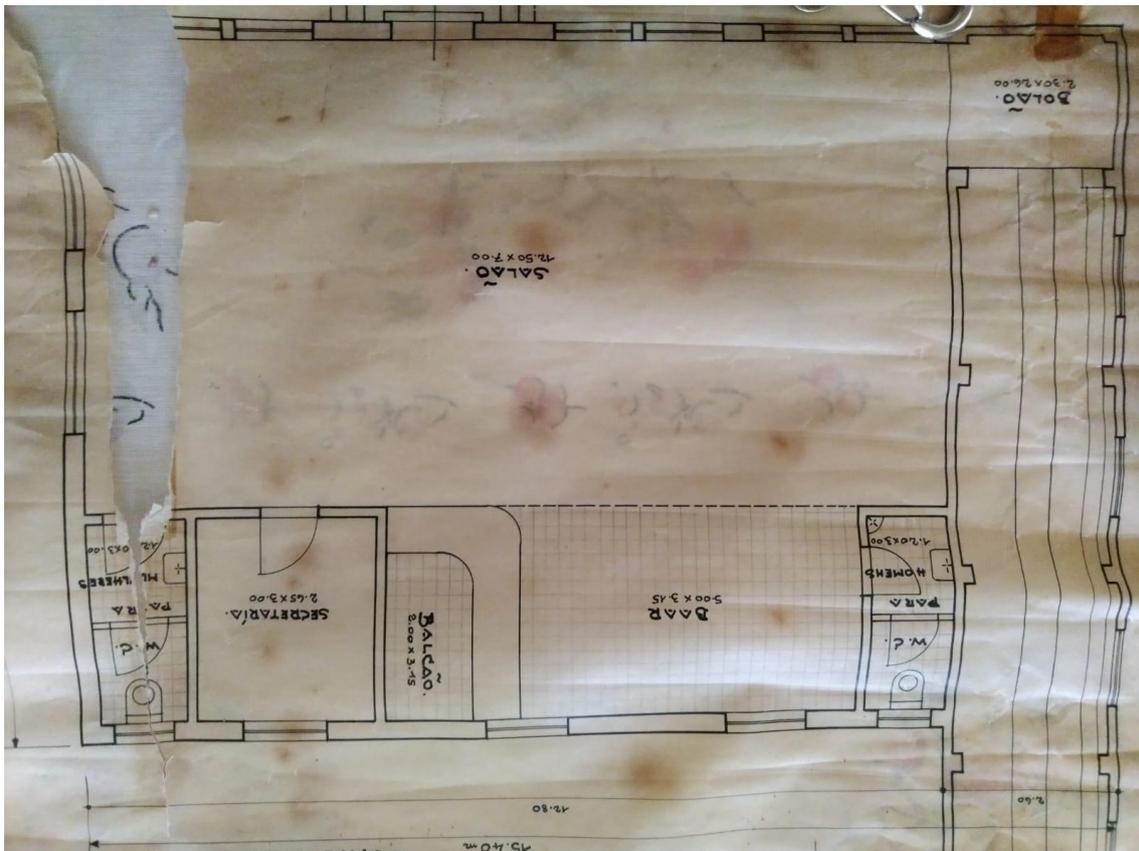


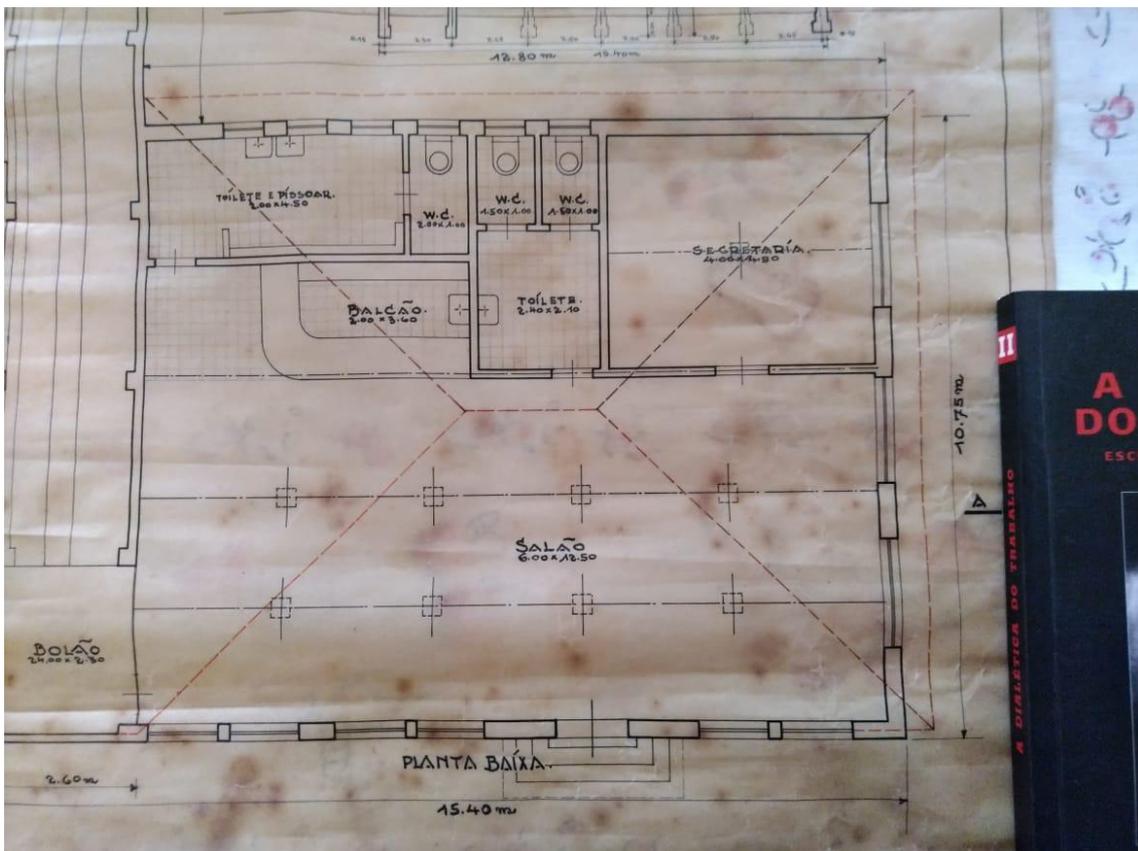
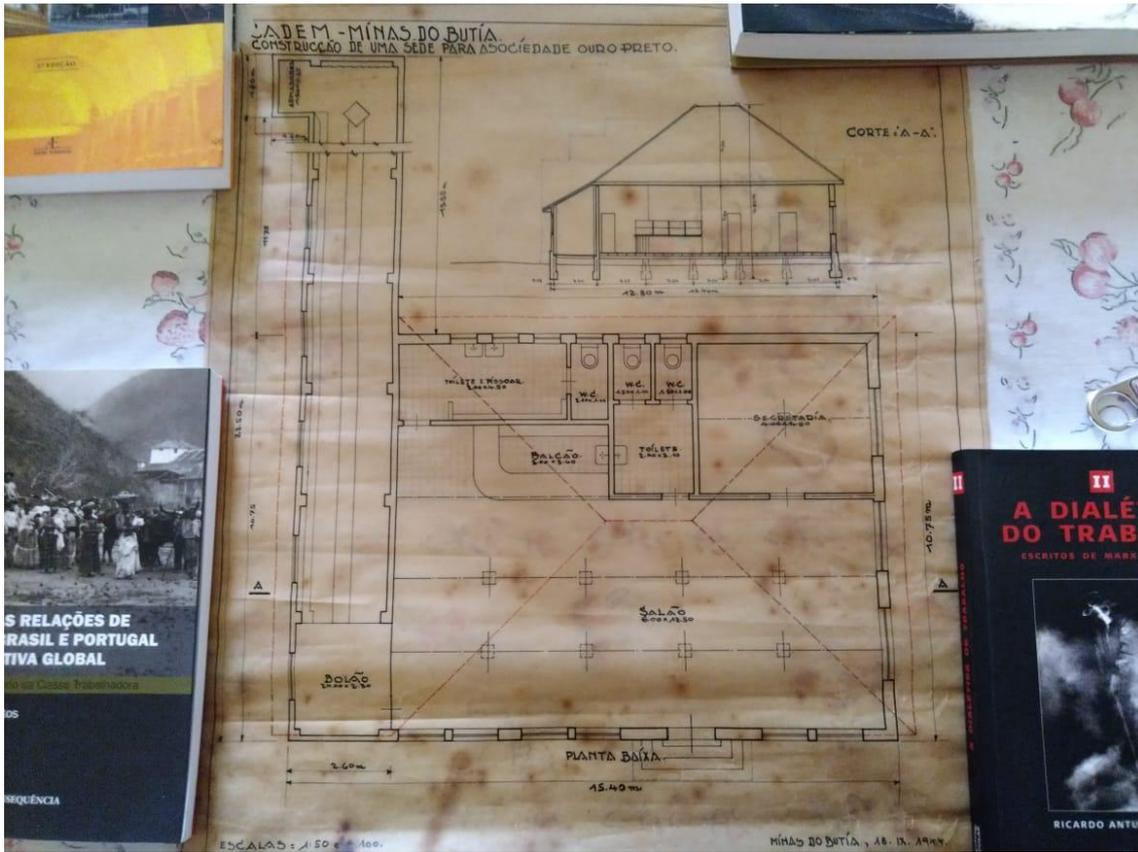
Sede da Sociedade Ouro Preto - Butiá.

Escala: 1:50



Fachada.







VÍDEO – PROJETO MEMÓRIA



Link: <https://youtu.be/vruPKSgGiOo>

BRASIL FUTEBOL CLUBE

DOCUMENTOS

Relação dos atletas do Brasil F. C. que trabalham
na Cia. Carbonifera Minas de Butiá:

146	-	Nilton Fonseca de Oliveira	-	Poço	3
3.775	-	Manoel P. F. de Oliveira	-	"	3
2.970	-	Raul Almeida da Silva	-	"	3
2.725	-	Boenerges R. Lopes	-	"	3
3.060	-	Americo F. Gomes	-	"	3
3.220	-	Pedro Pels	-	"	R.1
5.038	-	Heitor Pels	-	"	R.1
2.210	-	Rui Teixeira	-	"	R.1
3.136	-	Maurício Cabral	-	"	R.1
3.890	-	Valdir Souza	-	M. Recreio	
2.391	-	Antonio Silveira	-	Poço	5
712	-	Anetelicio Strada	-	"	5
2.378	-	Adroaldo Strada	-	"	5
3.867	-	Genaldo M. Mendes	-	"	5
456	-	Juvenal B. de Cunha	-	"	R.1
2.244	-	Rony B. Azzi	-	"	1
91	-	Ademar Ferreira	-	"	1
167	-	Domingos N. Rodrigues	-	"	1
3.122	-	Carlos Borba	-	"	1
1.354	-	Francisco Vargas Filho	-	"	5

+ + + + +

Minas de Butiá, 13 de fevereiro de 1.961.-

José Felício

Presidente Brasil F. C.

Minas do Sul, 18 de Janeiro de 1961

Ilmo. Sr.
Sr. Mauré Stoltenberg
D.S. Despedeiro Chefe da Cia Carbonifera Minas do Sul S/A
Localidade

Prezado Senhor:

Vimos por meio de presente, comunicar-lhes que em assembléa geral ordinária foi eleito e supostado a nova Diretoria da BRASIL F.C. com regerem os destinos da agremiação por um período de um ano e que ficou assim constituída:

- Presidente ----- José Tolatti
- Vice " ----- Alcides Marques
- 1º. Secretário ----- Helder Piratto
- 2º. " ----- Tasso Medeiros
- 3º. " ----- Antonio Spatti
- 1º. Tesoureiro ----- Sr. Francisco Vas
- 2º. " ----- Artur Alves
- Diretor de Futebol ----- Gastão Hoff
- Diretor Técnico ----- Domingos W. Rodrigues
- Crazer Oficial ----- Carlos Pratinetti
- Conselho Fiscal: Cestum Ramos, Nilo Gasparves, Alberto Lopes, Nelson Quadros e Hilton Quadros,-

Sem mais para o momento, agradeço-vos e etc

Atenciosamente

Antonio Spatti
Secretário

José Tolatti
Presidente



BRASIL FC

Ilhas de Buíá, 3 de dezembro de 1960

À

Chefe do CADEM

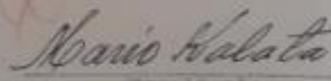
R/Localidade

Prezado Sr.,

Vimos por meio do presente, muito respeitosamente, dirigirmo-nos com a finalidade de convidar Vv.Ss., e suas famílias, para um grandioso baile que o Brasil FC., levará a efeito na data de 17 do corrente, na Sociedade Recreativa - Bandoeiros, onde será eleita a Rainha do Baile, sendo que a vencedora receberá um valiosíssimo prêmio, a'uma gentil oferta do Sr. Rui Carneiro.

Certo de que Vv. Ss., se farão presentes para maior brilhantismo dessa noite, antecipadamente agradecemos e subscrevemo-nos

Atenciosamente


Mario Kalata

Presidente.-

Batistá, 18 de Fevereiro de 1.960.-

ESMIL F.C.

ESMIL F.C.

Ilmo.Sr.

Eng.Chefe de Cia.Carb.Minas de Batistá

ESMIL

Vimos pelo presente comunicar-vos que, em reunião realizada em 5.7.60. foi eleita a nova Directoria do ESMIL F.C. que ficou assim constituída.

Presidenta da Honra	Ruy Carneiro Espírito
1º Presidente	Maria Kalata
2º " " " "	Antonio Bastião
1º Tesoureiro	Alcides Marques
2º " " " "	Atelino Aguiar
1º Secretario	Samu Carlos Leite
2º " " " "	Tasso Malhada
Director de Esporte	Armando Hoff
Preparador Tecnico	João de Deus Rodrigues Sen.
Crafor Oficial	Gastão Hoff
Conselho Fiscal:	Luiz Villalva Ferrano,

Alberto Sagara Fernandes, Ilho de Moman, Ass. Pereira Cardoso.-

Agradecemos e acolhido que V.C. dispensar ao presente e subse-
vamos com Atenciosas Saudações Esportivas.-


Maria Kalata
Presidenta


Atelino Aguiar
Secretario

11111111
11111111
11111111

Minas de Botúá, 9 de fevereiro de 1.935.-

Ilmo. Sr.
Dr. Mauró Stoltenberg
MD. Eng^o Chafe Bento Siqueira

Carta

Prezado Senhor

Senhores

Tenho a subida honra de comunicar a V. S., que, em 30 de Janeiro 1935, em Assembleia Geral, o "Grupo Fil. C.", elegou a seguinte nova Diretoria, a qual está assim constituída:

- Presidente de Honra - Antonio Desinan
- Presidente - Gaston Hoff
- Tice-Presidente - Alípio Medina
- 2º Tice-Presidente - Pedro Silva
- Secretarios - Ademar Ferreira e Manoel S. Leite
- 1º Secretari - Antonio Silva
- 2º " - Ilse Damascos
- Tesalio - Domingos Neves Rodrigues
- Guarda Esparta - Julia Spott

Conselho Fiscal:

- Jão Cardoso
- Alfonso Hoff
- Maric Dalato
- Edoardo Ferreira
- Valdeir Alves
- Antonio Costa
- Luiz Willers

Em outro particular, subscrive-se

Atenciosamente

Ademar Ferreira
Sec.

Gaston Hoff
Presidente.



BRASIL FOOT-BALL CLUBE

FERRAS 20 DE MAIO DE 1914
 RUA: MINAS DO DIAMANTE - 1º DISTRITO DE SÃO JERÔNIMO
 CIDADANIA FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Senhor Sr. Fernando Lacout
 S. D. Eug. Chefe da Comanhia
 Carbonifera Minas do Sul
 S. D. Eug. esta
 S. D. Eug. esta

Em face de ter a Federação
 Riograndense de Foot Ball em sessão
 de 5 de Abril do corrente solicitado
 nos um relatório dos jogadores inscri-
 tos com a discriminação de seu estado
 desempenho, suas atividades e visto ter-
 mos em nosso quadro a maioria de
 jogadores de S. D. Eug. com o pre-
 sente em nome da Diretoria venho meu
 respeitosamente pedir e requerimento a
 S. D. nos seja fornecida a referida relação
 com o nome dos jogadores abaixo e per-
 tencente a Comanhia Carbonifera

Informo a S. D. que o fim de nosso
 pedido é regular a inscrição de jogado-
 res do Brasil conforme exigencia do fede-
 ração para assim podermos contribuir
 na disputa do campeonato do tempo de
 andamento

Leute de seu mo atencido, aggra-
 deo e subscrevo-me com alta a tua
 muito Comandação

Alvaro Pereira Leite
 1º Secretário

Relatório dos jogadores:

Alcides de Sá
 Manoel Franco
 João de Sá
 Ary
 Gustavo Pereira Leite
 Orlando

Adão Ferreira do Santos
 Joaquim
 Galvão
 Luiz
 Luiz

Fam. Leite
 Leite
 Leite
 13/4
 1914

"BRASIL F. C."

Minas de Butiá, 22 de agosto de 1.959.-

Ilmo Sr.
Dr. Maure Steltenberg
MD. Engº Chefe Destas Minas

Maria

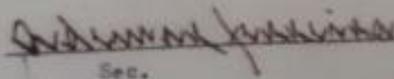
Prezado Sr.

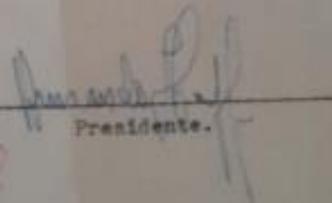
Pelo presente vimos comunicar V.S., que, dia 30 do corrente, realizaremos um torneio de futebol, onde tomarão parte diversas agremiações de nosso Município, data essa em que faremos a inauguração do muro de nosso gramado.

Aproveitamos a oportunidade para convidar V.S. e demais administradores da Cia. Carbonifera para assistirem as disputas daquela tarde, que terão início às 13 horas.

Certos de que V.S., para maior brilhantismo de nossas festividades, se fará presente em nossa praça de esportes, subscrevemo-nos

Atenciosamente


Sec.


Presidente.

30 de maio de 1961 .-

Ilmo. Snr.

José Toletti

Nesta Vila

Prezado senhor:

Acuso o recebimento de seu ofício datado de 25 de mgs de maio em curso, em que V.S. se comunica a sua demissão da Presidência do "Brasil Foot-Ball Club".

Nesta oportunidade, desejo expressar que foi sempre com a maior satisfação que tratei com V.S. dos assuntos de interesse do esporte na nossa Vila.

Agradecendo a atenção de sua comunicação, subscrevo-me

atenciosamente.

CIA. CARBONÍFERA MINAS DE BUTIÁ

[Assinatura]
Engenheiro - Cia. C.

FOTOS









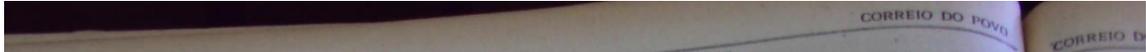


VÍDEO – PROJETO MEMÓRIA



Projeto Memória - EP2 - Brasil FC

Link: https://youtu.be/zGx8_a-Dh3o



SABADO, 19 DE JANEIRO DE 1946

"SEGURANÇA" NO CONSELHO DE SEGURANÇA

Realização de "Correio do Povo" no Rio Grande do Sul - Reprodução total de um parcial rigorosamente imparcial...

OS MINEIROS DENUNCIAM ARBITRARIEDADES EM BUTIÁ

Recentemente, como então tinham oportunidade de noticiar, os mineiros que empregam suas atividades nas minas do Butiá, em São Jerônimo, entraram em greve...

OS PROCERES DO P.S.D. TRA E GOIS MONTEIRO

Esta, dentro dos limites do que o gal. Miguel do Paes deve ser uma obra de confiança de boa vontade das forças do partido...

Descontentes os produtores com os preços fixados para o trigo nacional

Informamos, ontem, que a esquadra estava ameaçada de ficar sem pão, devido ao fato de se estar estagnado o estoque de trigo argentino e de continuar prepo da farinha de origem rio-grandense...

O MOMENTO POLITICO O TEMPO NECESSARIO PARA A ELABORACAO DA NOVA CONSTITUICAO

RIO, 18 (C. P.) - O momento político brasileiro, segundo o Sr. Fernando Moura, não é o momento de se discutir a possibilidade de se convocar uma Assembleia Constituinte...

HAVERA ELEGICAO NO SUPLENTO TRIBUNAL FEDERAL

RIO, 18 (C. P.) - publica

OS MINEIROS DENUNCIAM ARBITRARIEDADES EM BUTIÁ

com evidente propósito de provocar a reação. Temos sabido, felizmente, manuseio a seriedade necessária. Muitos trabalhadores estão dispostos, em vista dos últimos acontecimentos de ordem econômica, a aceitar o trabalho, como sinal de justo protesto...

O CASO DO PAO

(Continuação da última pág.) Cr\$ 0,20 em quilo, deixando ainda, entretanto, e descoberto Cr\$ 0,10 em quilo, mas dias depois, o sr. cel. coordenador, por meio de portaria, determinou que todos os grãos de primeira necessidade, baixassem aos preços vigentes em 10 de novembro...



PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 5 DE FEVEREIRO DE 1946



NEGRÃO DE LIMA

MINISTRO DO EXTERIOR - JOAO NEVES



MINISTRO DA VIAÇÃO - MACEDO SOARES

MINISTRO DE EDUCAÇÃO - SIOUZ CAMPOS



GENERAL NO ESTADO O SR. CILON ROSA

Interventor federal, recebeu no Rio Grande do Sul o Perceval Cilon Fernandes Rodrigues Silva. Fica assim, pois que já transmitimos a quem o presidente da República simpatia e assim, assinando o sr. Cilon Rosa, chefe do governo do



SIVAS, ACANSE- ABS STEWIA

sem traçado algum... que tudo isto até agora

O sr. Cilon Rosa é o novo interventor federal no Rio Grande do Sul, nomeado por ato de ontem do presidente Dutra. No clichê aparece a s., ao lado do então candidato do P. S. D., que apontara em propaganda eleitoral no Estado...

Os clichês acima reproduzem cinco flagrantes que caracterizam o ato de posse de cinco titulares do novo governo brasileiro, realizado na capital da República sexta-feira da semana recém finda. São eles: os srs. Carlos Luz, Negrão de Lima, João Neves da Fontoura, cel. Macedo Soares e Silva e Ernesto de Souza Campos.

GENERALIZOU-SE A "PAREDE" MINEIRA INTERROMPENDO TODOS OS SERVIÇOS EM BUTIÁ E ARROIO DOS RATOS

A greve deflagrada nas Minas de Carvão do município de São Jerônimo agravou-se consideravelmente, desde domingo último, pois os mineiros resolveram apoiar, unanimemente, a "parede" que havia começado quinta-feira última, em algumas poucas poças das minas de Butiá. E assim, o surto grevista ganhou extensão, atingindo a totalidade dos serviços naquelas jazidas, os quais estão completamente paralizados, advindo dessa situação serios prejuízos.

Conforme noticiamos, quando interrompeu o movimento grevista, parte dos mineiros não havia aderido ainda, e, assim, apenas foi suspensa a atividade em certos poços de Butiá. Contudo, já a uma hora da madrugada de sexta-feira, os operários dos demais poços entraram também em greve. E mais

tor federal, desembargador Símei Figueiredo da Silva, e o chefe de Polícia, desembargador Honório Batista, foram identificados do que ocorreu nas Minas, assestando-se então uma reunião conjunta, que se realizou ontem à tarde, com a presença destas altas autoridades federais e do sr. desembargador Alves Nogueira, secretário do Interior; sr. Luis Assunção, delegado regional de Trabalho; outras autoridades e as comissões de grevistas de Butiá e Arroio dos Ratos.

Após o dr. Artur Stangherter narrado os fatos ocorridos durante sua estada nas Minas e os entendimentos havidos, houve ampla troca de ideias sobre a possível solução da greve. Foi salientado, sugerido, pelo interventor, que uma comissão de grevistas viajasse para a capital da República, onde tratasse

ANO 5
PRO
SO
MO
NAZ
O U
LOND
embas
chen de
está m
Tridat
de que s
le aos
autism
Nacemb
e Amos
res. Us
Secreta
coll e
te inter
são des
pial. E
Castil
A SIT
MIHA
NUE
Pontes
mente
velas
vies os
se Te
is em
são
A OC
DA
NUE
Por E
solha
Malas
falas
prof
trun

STRO DA VIAÇÃO • MACEDO SOARES

CILON ROSA



grande do Sul, nomeado por s. ao lado do então canal ao Estado que, poucos n uma votação maiscula.

O PROGRAMA DO DORNELES

portagem do "Correio do Povo", que dois nomes se apresentam para ocupar a Secretaria do Interior: os srs. Valter Jobim e Frederico C. Buys; e o dos srs. Oscar Fontoura, para a Fazenda; J. Coelho de Souza, para a Educação e Cultura; Homero Oliveira, para as Obras Publicas; Desidério Finamor, para a Agricultura; para a Prefeitura deverá ser reconhecido o sr. Clovis Pestana, enquanto o sr. Roque da Grande, estaria indicado para assumir a chefia da Polícia e o sr. Alvorino Xavier dirigiria o Departamento Estadual de Saúde.

ACAO A D.O.P.S

GOROSA CAMPANHA CONTRA AS INEDA

Os clichés acima reproduzem cinco flagrantes que corroboram o ato de posse de cinco titulares do novo governo brasileiro, realizado na capital da Republica sexta-feira passada, recem finda. São eles: os srs. Carlos Luz, Negrão de Lima, João Neves da Fontoura, cel. Macedo Soares e Silva e Ernesto de Souza Campos.

GENERALIZOU-SE A "PAREDE" MINEIRA INTERROMPENDO TODOS OS SERVIÇOS EM BUTIÁ E ARROIO DOS RATOS

A greve deflagrada nas Minas de Carvão do município de São Jerônimo agravou-se consideravelmente, desde domingo ultimo, pois os mineiros resolveram apoiar, unanimemente, a "parede" que havia começado quinta-feira ultima, em apenas alguns poços das minas de Butiá. E assim, o surto grevista ganhou extensão, atingindo a totalidade dos serviços naquelas jazidas, os quais estão completamente paralizados, advindo dessa situação serios prejuizos.

Conforme noticiamos, quando irrompeu o movimento grevista, parte dos mineiros não havia aderido ainda, e, assim, apenas foi suspensa a atividade em certos poços de Butiá. Contudo, já a uma hora da madrugada de sexta-feira, os operarios dos demais poços entravam também em greve. E, mais tarde, recebiam também a solidariedade dos seus colegas de Arroio dos Ratos, completando-se a "parede" que interrompeu totalmente o trabalho de mineração.

São amplas as reivindicações pleiteadas pelos mineiros, no movimento em que se empenham, abrangendo benefícios diversos, além de aumento de salários.

As autoridades imediatamente iniciaram demarques no sentido de resolver o impasse, tendo viajado para as Minas o dr. Artur do Prado Sampato, delegado auxiliar da Repartição Central de Polícia, e, mais tarde, o sr. Luiz Assunção, delegado regional do Trabalho, que buscaram um entendimento com os grevistas.

Os esforços destas autoridades, porém, não lograram exito, permanecendo os mineiros inabaláveis em seu proposito de continuar em greve, até a solução das suas reivindicações.

Retornando a esta capital, domingo pela manhã, aquelas autoridades foram acompanhadas por comissões de mineiros do Butiá e de Arroio dos Ratos, a fim de prosseguir nesta capital o estudo da questão.

Domingo mesmo, o interven-

tor federal, desembargador Samuel Figueiredo da Silva, e o chefe de Polícia, desembargador Homero Batista, foram identificados do que occorria nas Minas, assentando-se então uma reunião conjunta, que se realizou ontem à tarde, com a presença destas altas autoridades federais e do sr. desembargador Alves Nogueira, secretário do Interior; sr. Luiz Assunção, delegado regional do Trabalho; outras autoridades e as comissões de grevistas de Butiá e Arroio dos Ratos.

Após o dr. Artur Sampato ter narrado os fatos ocorridos durante sua estada nas Minas e os entendimentos havidos, houve ampla troca de idéias sobre a possível solução da greve. Foi, afinal, sugerido, pelo interventor, que uma comissão de grevistas viajasse para a capital da Republica, onde trataria diretamente das suas reivindicações com o ministro do Trabalho.

No entanto, os grevistas preferiram conferir essa missão ao sr. Luiz Assunção, delegado regional do Trabalho, a quem expuzeram suas reivindicações mínimas para retornar ao trabalho.

Acceptando a incumbencia, o sr. Luiz Assunção viajou ontem, pela manhã, por via aérea, para a capital da Republica, levando consigo completo "dossier" de informações sobre o que pretendem os mineiros de São Jerônimo. No Rio de Janeiro, avistar-se-á imediatamente com o ministro Negrão de Lima, a quem exporá a gravidade da situação e cujos bons officios solicitará, para que a mesma seja resolvida no mais breve prazo.

A SITUAÇÃO NAS MINAS

Havendo começado pacificamente a greve dos mineiros, a situação nas Minas, porém, foi se tornando tensa, em virtude da atitude assumida por grupos de grevistas, que resolveram apagar os fogos da Usina. As autoridades tiveram, então, que tomar providencias para reprimir esse intento, estabelecendo cordões de precaução.

Por medida natural necessaria à manutenção da ordem, o policiamento foi aumentado, passando a ser realizado por uma força da Brigada Militar, com cerca de duzentos homens. Outrossim, o delegado de Poli-

NAZIS O URUGUAI

LONDRES 5 (A.P.) - O embaixador Roberto Macena declarou que o Uruguai não se solidariza com os nazistas, mas que se seja dada pena de morte aos nazistas que assassinaram sendo julgados. O pedido para a Assembleia se manifesta. Isto foi entregue ao Secretariado da O.N.U. O embaixador que chegou considera a pena de morte severa do que se menos severa e que a pena não é permitida pela Constituição uruguaia.

A SITUAÇÃO DE MIHAILOVICH

NUREMBERG 5 (A.P.) - Fontes autorizadas e ligadas aos russos afirmam que os promotores do Tribunal de Viena em 1941, Mihailovitch, presidente dos nazis

A OCUPAÇÃO DA BELGICA

NUREMBERG 5 (A.P.) - Por Daniel de Luce - chefe de Defesa do Exército alemão, ataques de depolimento professor belga sobre a Biblioteca de Vain e o extermínio na ofensiva das Ardenas fosse o mesmo dos anais do julgamento advogado Hans Warou: "Este depolimento conduz à verdade". O professor Edgar Esser, que trouxe o termo "bunale", declarou que é membro da Corte de Crimes de Guerra e que suas declarações baseadas em fatos pela mesma, nas que levou a efeito e Faure disse que fornecer ao Conselho alguns dados como por exemplo da 140 civis em St. Omer, Panzer SS, der Essen já relatou.

O advogado da defesa, particularmente não manifestada em Essen de que "existia total de atrocidades de Rundstedt Lawrence declarou o depoimento do Iria examinado ma pediu a Faure q

NOTA SIR

noites serão mais...
os dias mais curtos. Mas — e
a inevitável "mas" da
história — os dias e as noites
passam na sequência eterna do
tempo e crescem os espínguis.
transformam as valas, novas
águas paradas recebem no
solo acobarder as larvas todas
de todos os insetos que tor-
nam os dias um inferno e as
noites um suplício...

**D.E.S. E PREFEITURA NO
MESMO CAMINHO**
Ela que novamente somos

deste último trabalho...
necessidade de uma limpeza
imediate, ainda que superficial,
que o Departamento Estadual
de Saúde e a Prefeitura Mu-
nicipal deram as mãos num
trabalho que não dispensa a
cooperação de esforços.

portanto, D.E.S. e Prefeitura
estão com a palavra numa
campanha que a todo benefi-
ciará. Não será difícil, dessa
maneira, conseguir bons re-
sultados.

OS MINEIROS VOLTARAM ONTEM AO TRABALHO, EM S. JERONIMO E BUTIÁ

Chegou a seu término ontem,
felizmente, a greve deflagrada
há varias semanas pelos mi-
neiros de São Jerônimo e que
tanto perturbação trouxe à vi-
da econômica e social do Es-
tado.

Sob a promessa de que suas
reivindicações seriam resolvi-
das pelo governo federal dentro
de trinta dias, os "paralela-
das" resolveram retornar ao
serviço renunciando-se, assim,
os trabalhos nas minas de Bu-
tiá e do Atroio dos Ratos e
normalizando-se o afluxo de
abastecimentos de carvão para
a capital e outras cidades rio-
grandenses.

A noite de ontem, uma co-
missão de mineiros esteve em
visita ao "Correio do Povo",
afim de externar seus agrace-
cimentos pela divulgação, por
parte desta folha, de notícias
de interesse para a classe e,
também, tornar publica a gra-
tidão dos grevistas à população
porto-alegrense que generosa-
mente os auxiliou com donati-
vos em dinheiro, generos ali-
mentícios, roupas e medica-
mentos.

Faziam parte da comissão
que nos visitou os srs Argemi-
ro Dorneles, presidente do Sin-
dicato dos Trabalhadores na
Indústria e Extração do Car-
vão; João Merg, Adão Vilson
Soares, Elvino Graça Rola e
Rafael Garcia.

Esclareceram os nossos vis-
tantes que a greve cessou no
30.º dia após seu início, em
consequência de uma proposta
do capitão Ebeneger Cabral de
Melo, administrador militar nas

minas e aceita pela comissão
representativa dos grevistas,
presidida pelo sr. Argemiro
Dorneles.

Aquele oficial prometeu que
dentro de 30 dias o caso seria
resolvido pelo governo federal
e que seguiria incontinentem-
te para o Rio de Janeiro, em
companhia do presidente do
Sindicato dos Trabalhadores na
Indústria e Extração do Car-
vão, afim de conferenciar com
o ministro do Trabalho e deci-
dir de vez sobre as pretensões
dos trabalhadores de S. Jerô-
nimo.

"O retorno ao trabalho —
informou-nos o sr. Argemiro
Dorneles — deve ser conside-
rado como uma especie de ar-
mistício condicionado à pro-
missa de que o governo resolver-
á a nossa situação dentro
de trinta dias". Ficou estabele-
cido, como condição também
para a volta ao trabalho, que
nenhum grevista sofreria per-
seguições por parte da admi-
nistração das minas.

MARITIMOS SOLIDARIOS COM OS MINEIROS

Os tripulantes do S/S "Tam-
baú", a exemplo do que tem
acontecido com outras classes,
resolveram organizar uma lista
de contribuições em favor dos
mineiros em greve e de suas
familias.

Em poucas horas, foi arrecada-
da a importância de Cr\$.
282,00, que será encaminhada à
Comissão de Ajuda aos Minei-
ros.

50 MIL SACOS DE TRIGO ARGENTINO SERÃO REMETIDOS PARA O BRASIL

RIO, 7 (C. P.) — O em-
baixador da Argentina, sr.
Nicolas Arcamé, foi recebido
ontem pelo chanceler João
Naves de Fontoura, a quem
comunicou a decisão do go-

vernamento argentino de
dificuldades que atravessa o
transporte do mesmo na Ar-
gentina, assim como terdo em
vista diversos compromissos
assumidos em seu tempo por

ARMAZENS LO

Desde ante-ontem, encon-
tra-se nesta capital o contra-
almirante Porteira Pereira Al-
ves inspetor do Loide Brasi-
leiro.

Ontem, à tarde, quando se
encontrava na agencia local
daquella importante empresa
de navegação, em companhia
do sr. João de Oliveira Castro,
a reportagem do "Correio do
Povo" teve occasião de ouvir
p.s. por alguns momentos, so-
bre os objetivos da viagem que
realiza atualmente. Disse-nos,
então, o nosso entrevistado:
"Venho, desde Manaus, ins-
peccionando as varias linhas
mantidas pelo Loide e as con-
dições de trabalho das respec-
tivas agencias. Em cada porto
costumo me demorar por va-
rios dias, afim de conhecer de
perto as suas necessidades
mais prementes, verificando a
sua aparelhagem e auscultan-
do, também, as aspirações do
comercio e da industria, no
tocante à navegação marítima.
Em todas as agencias te-
nho encontrado grande dose
de dedicação não só de parte
dos respectivos agentes como
do funcionalismo, em geral,
que tudo envida no sentido de
demonstrar que o Loide Brasi-
leiro está vivamente empe-
nhado em ampliar e tornar
mais efficientes os seus servi-
ços.

Na minha passagem pelo
Rio de Janeiro, de regresso do
norte do país, tive oportuni-
dade de expor verbalmente ao
sr. presidente da Republica
as minhas impressões, consta-
tando, então, que s. excia.
mostra-se disposto a dotar o
nosso país de uma frota mer-
vi-

ASSEMBLEIA NACIO

Na sessão de Pilla, sobre

RIO, 7 (C. P.) — A Constitu-
te abriu seus trabalhos com a
presença de 122 representantes.
Lida a ata, o deputado comunis-
ta Jorge Amadeu enviou à mesa
a nota da Comissão Executiva
do Partido Comunista do Brasil,
em que se accusam os senadores
e deputados da maioria de terem,
sem a feição das indicações
da UDN e do Partido Comunis-
ta, cometido um grave erro
político, de pretender legalizar,
pelo seu voto, a carta caduca
de 37. A nota do Partido Comu-
nista os acusa, ainda, de reac-
cionarios e facistas e de conspi-
rarem contra a ordem e pregar a
necessidade da união de todos os
democratas, patrões e operarios,
governados e governantes, para
enfrentar a situação. Foi, assim,
graças aqulle ardil do represen-

ENTREVISTA DO PRESIDENTE EULIO DUTRA

DEFININDO A POSIÇÃO DO GOVERNO EM FACE DOS

"Todos os direitos do trabalhador devem ser assegurados — Não somos tolerantes, porém, para com os 'profiteiros' da desordem e para os que se transacionam para as barricadas da luta de classes"

RIO, 3 (C. P.) — O presidente Eulio Dutra encontrou um repórter estrangeiro para uma entrevista de caráter exclusivo, a primeira de sua espécie, desde que assumiu a Presidência da República. O repórter, de nome desconhecido, chegou ao Brasil há alguns dias e foi recebido no Palácio do Catete, onde se realizou a entrevista.

De acordo com o repórter, Dutra falou sobre o governo e o mundo econômico. Ele afirmou que o Brasil não é um país de classes, mas sim um país de trabalhadores. Ele disse que o governo não é tolerante com os 'profiteiros' da desordem e com aqueles que se transacionam para as barricadas da luta de classes.

Dutra também falou sobre a situação econômica do Brasil e sobre a importância de assegurar os direitos do trabalhador. Ele afirmou que o governo não é tolerante com os 'profiteiros' da desordem e com aqueles que se transacionam para as barricadas da luta de classes.

D.E.S. E PREFEITURA, EM COOPERAÇÃO, DÃO COMBATE SEM TREGUAS AOS FOCOS DE MOSCAS E MOSQUITOS

PRATA DE BELÉM

A Prefeitura de Belém e a Diretoria de Saúde Municipal, em cooperação, dão combate sem treguas aos focos de moscas e mosquitos. Para isso, os funcionários de ambas as instituições estão trabalhando incansavelmente para eliminar os pontos de reprodução desses insetos.

Os serviços de limpeza pública, a coleta de lixo e a manutenção das ruas são prioridades. Além disso, há campanhas de conscientização para a população sobre a importância de manter o ambiente limpo e saudável.

Essas medidas são essenciais para prevenir a propagação de doenças transmitidas por moscas e mosquitos, garantindo a saúde pública da cidade.

Reiniciado o alistamento eleitoral

RIO, 3 (C. P.) — Reiniciado hoje em todo o Brasil o alistamento eleitoral. Os cidadãos brasileiros devem comparecer aos locais designados para o alistamento, apresentando os documentos necessários.

Essa medida visa garantir a participação cidadã no processo eleitoral e assegurar a legitimidade das eleições. O alistamento é obrigatório para todos os cidadãos brasileiros maiores de 18 anos.

FOI HOMENAGEADO,

Flagrante de homicídio

Como informado, no domingo, dia 2 de março, foi assassinado em Curitiba o senador estadual, Sr. João de Deus. O crime ocorreu em um local público, e o autor ainda não foi identificado.

O caso está sendo investigado pelas autoridades competentes, e o Brasil inteiro acompanha com preocupação o desenrolar das investigações.

FASE DE RENOVAÇÃO NO LOIDE BRASILEIRO

AS LINHAS PARA O SUL E A INSUFICIÊNCIA DOS ARMAZENS LOCAIS - OS ROUBOS NOS PORTOS

Desde antes, encabeçada por Luiz Bráulio, a Comissão de Trabalho e Indústria do Congresso Nacional está trabalhando para a renovação do Loide Brasileiro. O objetivo é melhorar a infraestrutura e a eficiência dos serviços prestados.

As principais preocupações incluem a falta de armazéns locais, a insuficiência de navios para o comércio com o sul, e a ocorrência de roubos nos portos. Essas questões são prioritárias para a melhoria do comércio exterior e a economia nacional.

OS FURTOS DE MERCADORIAS

Como informado, no domingo, dia 2 de março, foi assassinado em Curitiba o senador estadual, Sr. João de Deus. O crime ocorreu em um local público, e o autor ainda não foi identificado.

O caso está sendo investigado pelas autoridades competentes, e o Brasil inteiro acompanha com preocupação o desenrolar das investigações.

OS MINEIROS VOLTARAM ONTEM AO TRABALHO, EM S. JERONIMO E BUTIÁ

Ontem, a greve dos mineiros acabou, e os trabalhadores voltaram ao trabalho em São Jerônimo e Butiá. A greve, que durou alguns dias, foi motivada por questões relacionadas às condições de trabalho e salários.

Após negociações entre as partes envolvidas, chegou-se a um acordo que resolveu as pendências, permitindo o retorno normal das atividades mineiras na região.

ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE

Na sessão de ontem falaram varios deputados, entre o Pilla, sobre o parlamentarismo, e Glicerio Alves atacou o atual sistema.

A sessão da Assembleia Nacional Constituinte foi marcada por debates acalorados sobre o futuro do Brasil. Os deputados discutiram a possibilidade de um sistema parlamentarista e criticaram o atual sistema presidencialista.

Glicerio Alves foi particularmente crítico, atacando o atual sistema e defendendo mudanças radicais na estrutura do governo brasileiro.

50 MIL SACOS DE TRIGO ARGENTINO SERÃO REMETIDOS PARA O BRASIL

50 mil sacos de trigo argentino serão remetidos para o Brasil, segundo acordo firmado entre os governos. Essa medida visa garantir o abastecimento de alimentos e a estabilidade econômica.

O trigo argentino é considerado uma das melhores variedades para o cultivo brasileiro, e sua importação em larga escala é benéfica para a agricultura nacional.

Flagrante de homicídio

Como informado, no domingo, dia 2 de março, foi assassinado em Curitiba o senador estadual, Sr. João de Deus. O crime ocorreu em um local público, e o autor ainda não foi identificado.

O caso está sendo investigado pelas autoridades competentes, e o Brasil inteiro acompanha com preocupação o desenrolar das investigações.

50 MIL SACOS DE TRIGO ARGENTINO SERÃO REMETIDOS PARA O BRASIL

50 mil sacos de trigo argentino serão remetidos para o Brasil, segundo acordo firmado entre os governos. Essa medida visa garantir o abastecimento de alimentos e a estabilidade econômica.

O trigo argentino é considerado uma das melhores variedades para o cultivo brasileiro, e sua importação em larga escala é benéfica para a agricultura nacional.

FOTOS



VÍDEO – PROJETO MEMÓRIA



Projeto Memória - EP8 - Sindicato dos Mineiros

Link: <https://youtu.be/7DDCsVc4x7I>

ESCOLA VENCESLAU BRÁS

VÍDEO



Projeto Memória - EP4 - Escola Venceslau Brás

Link: https://youtu.be/_uibNAHii8E

COLÉGIO DAS IRMÃS

DOCUMENTOS



às crianças e atendimento médico às famílias dos mineiros.

EX - HOSPITAL

Nos tempos áureos da mineração, teve início o nosso primeiro hospital para os mineiros e população butiaense, em que cada operário cooperou com um dia de trabalho para a conclusão do prédio. E já encontrava-se em Butiá todo equipamento para o funcionamento do hospital, uma grande parte do material foi importado. Mas em 1946, nos primeiros dias de janeiro houve uma grande greve dos mineiros, que lutavam por melhores salários e que durou 36 dias. E por represália, os mineiros perderam o tão sonhado hospital.

Por muitos anos esse prédio serviu de Escola para os alunos butiaenses dirigido pelas Irmãs, com o nome de Escola Imaculado Coração de Maria, hoje desativada.

Em 1978, o antigo prédio hospital-escola, foi doado para Mitra, arquidiocese de Porto Alegre.

Os butiaenses jamais esqueceram a perda do tão sonhado hospital e resolveram em 1962 fundar um outro hospital para a população que tanto necessitava de uma casa de saúde.

Felizmente, através de muita luta dos prefeitos e população butiaense, hoje temos o nosso hospital de Caridade atendendo os nossos doentes.

Anexamos as duas atas de fundação do nosso hospital. Uma da fundação em 1962 e a outra de 1963 que foi colocada no momento do lançamento da pedra final.

FOTOS









VÍDEO – PROJETO MEMÓRIA

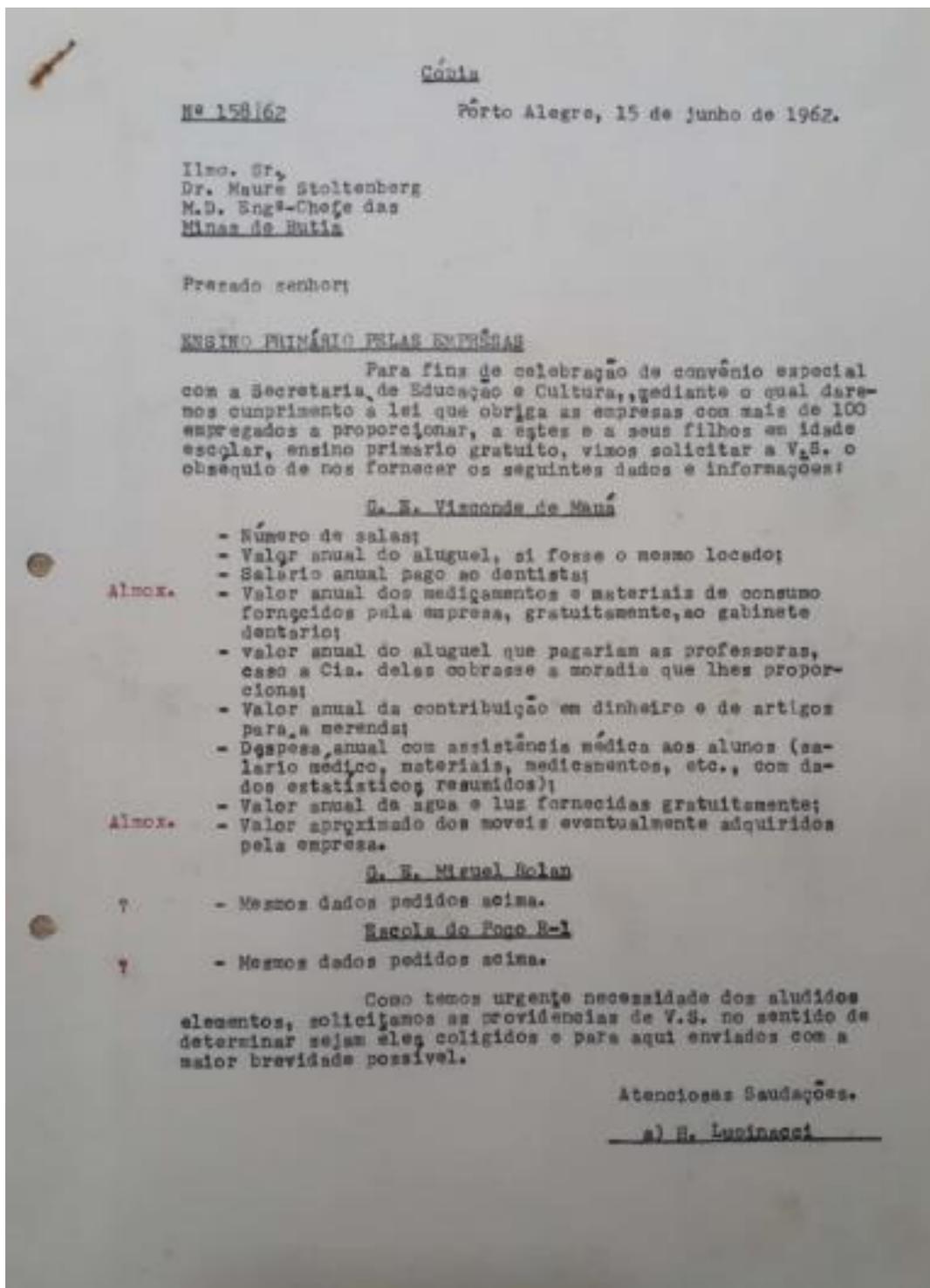


Projeto Memória - EP 10 - Colégio das Irmãs

Link: <https://youtu.be/ycn9Vbq5Ztg>

ESCOLA VISCONDE DE MAUÁ

DOCUMENTOS



CIA. CARBONIFERA MINAS DE BUTIÁ

VILA DE BUTIÁ

G. E. "VISCONDE DE MAUÁ"

Prédio de alvenaria, construído pela Empresa.

Área do prédio : 742,00 m²

Área do terreno : 3.468 m²

Capacidade para 1.400 alunos, em 3 turnos.

Possui gabinete dentário; o salário do dentista - Cr\$ 25.000,00 - é pago pela Cia.

A Cia. fornece, também, os medicamentos e material de consumo do gabinete dentário.

Existia um curso noturno para alfabetização de adultos. Por falta de alunos, foi extinto por determinação da Secretaria de Educação. Pode o curso voltar a funcionar, desde que a Secretaria assim o determine.

G. E. "MIGUEL ROLAN"

Prédio de madeira, construído pela Empresa.

Área do prédio : 145,35 m²

Área do terreno : 1.644 m²

Capacidade para 200 alunos, em 2 turnos.

G. E. "NICÉCIO WACHADO"

Prédio de madeira, construído pela Empresa.

Área do prédio : 165,78 m²

Área do terreno : 1.788 m²

Capacidade para 60 alunos, em 1 turno.

ESCOLA PRÓXIMA AO POÇO R-1

Prédio de madeira, construído pela Empresa.

Área do prédio : 30,25 m²

Área do terreno : 852 m²

Capacidade para 60 alunos, em 2 turnos.

o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o

OBSERVAÇÃO - A Cia. dá merenda gratuita às professoras; as móveis foram adquiridas pela Empresa.

Gratifica, mensalmente, as professoras e zeladoras com o total de Cr\$ 4.250,00.

Contribui com Cr\$ 640,00 mensais para a merenda e soneca escolar.

18 de agosto de 1959

Ilmo. Sr.
H. Lapinacci
DP. Sub-Gerente do "CADEM"
PORTO ALEGRE

Prezado senhor:

No portador desta apresentamos a V.S. o Dr. José Fredo-
lino Leindecker, que viaja para essa Capital com a finalidade
de adquirir os medicamentos e materiais seguintes, destinados
ao gabinete dentario do Grupo Escolar "Visconde de Maua", des-
ta Mina:

3 cxs. Dental
3 " Porcelana S.S. White nº 21 (só o pó)
3 " Cimento para obturações provisória
3 vidros de Eugenol
2 " " Ácido fênico
2 cxs. Pyocidina c/sulfa
500 amp. Novol
1 vidro Clorofinol
6 dúzias Estirpanervos de cabo curto
6 " Limas rabo de rato
1 vidro Mercurio vivo
1 ex. tiras de lixa
100 gramas Iodoform
3 cxs. de gutta-serena.

Solicitamos a V.S. o obséquo de proporcionar ao Dr. Lein-
decker a assistência que se fizer necessaria, pelo que, desde ja,
agradecemos.

Sem outro particular, subscrevemo-nos com

Atenciosas Saudações.
CIA. CARBONÍFERA MINAS DE MTA

[Handwritten signature]
7/1



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

PORTO ALEGRE



G. E. "Vicente de Moraes"

Município de Curitiba, 18/12/55

Mo. Sr. Sr. Dr. Maurício Stoltenberg

É com imensa satisfação que
venho agradecer a V. S. e Esma Espôsa
pelo comparecimento à formatura dos alunos
do 5º ano, bem como as palavras bondosas
com que V. S. me distinguem.
Agradeço também por todos os valiosos me-
lhoramentos introduzidos por V. S. neste G. E.
no corrente ano.

Aproveito a oportunidade para vos
comunicar, que os alunos da "Colônia de Férias
em Guaíba", deverão sair desta localidade, no
dia 3 de Janeiro de 1956 às 9.30 horas

Atenciosas Saudações

Heidy M. Vieira
Diretora

"CADEM" - BUTIÁ

MOVIMENTO DO GABINETE DENTÁRIO DO GRUPO ESCOLAR "VISCONDE
DE MAUÁ", DURANTE O MÊS DE OUTUBRO DE 1952

GRUPO ESCOLAR

1º exame	-	
Consultas	82	
Curativos	17	
Anestésias	12	
Extrações simples	8	
Extrações difíceis	4	
Obturações	<u>34</u>	157

ESCOLA SANTA TERESINHA

1º exame	27	
Consultas	267	
Curativos	36	
Anestésias	31	
Extrações simples	20	
Extrações difíceis	11	
Obturações	<u>52</u>	441

POSTO DE FURRICULTURA

1º exame	4	
Consultas	28	
Curativos	12	
Anestésias	16	
Extrações	16	
Obturações	<u>11</u>	87
TOTAL		688

Minas de Butiá, 26 de novembro de 1952.

José F. Rein de Ker
Dentista.

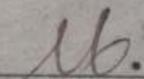
14 de agosto de 1951 .-

Ilms. Srts.
Prof. Ilka A. Bandeira,
M.D. Bibliotecária do Grupo
Escolar "Visconde de Mauá".
NESTA MINA

Acusando o recebimento de seu officio datado de 27 de julho p. passado, tenho o prazer de remeter a V.S., com o presente, a minha contribuição para a Biblioteca "Pelix de Magalhães", dêsse Grupo, e a qual consiste num exemplar do livro HISTÓRIA DO TREM DE FERRO, de Pedro Almeida Moura.-

Sem outro particular, subscrevo-me

atenciosamente.-


Mauré Stoltenberg.

Minas de Butiá, 16 de Abril de 1943.

MINAS DO BUTIÁ
1001
Companhia Carbonifera Rio-Grandense


Srs. prof.

Eva Coutinho de Oliveira

Diretora do Grupo Escolar "VISCONDE DE MAUÁ"
Nestas Minas

Sirvo-me do presente para apresentar-vos o Dr. José Fredolino Leindecker, cirurgião-dentista, que vai assumir a direção do gabinete dentário desse Grupo, em substituição ao Dr. Carlos Langer.

Sem outro motivo, firmo-me

Com o mais elevado apreço.


Engenheiro Chefe



Il^{mo} Sr. Dr. Fernando Jacquot.
E. D. Engenheiro Chefe de Cadem.

A turma de 42, deste Grupo Escolar
"Visconde de Mauá", constituída em sua maioria de
filhos de operários destas Acções, desejando receber
um quadric de formatura para deixar como lembrança
sua, neste estabelecimento de ensino que lhe conferiu
o diploma de curso primário, vem a presença
do representante de Il^{mo} Sr. Dr. Roberto Cardoso,
Sr. J. D'Almeida de Cadem e seu irmão queide
paraninte, saber se pode contar com o vosso apoio
nesta iniciativa.

Os formandos não vacilam em fazer isto
apêlo, pois são conhecedores do magnânimo co-
ração e do grande abnegação de Direitor de Cadem.

Saúde e Fraternidade.
Pelo turma de 42
Célia Gouveia.

Juraz: Diametri - professora de classe
Eva Coutinho de Oliveira - dentista.

Grupo Escolar "Visconde de Mauá"

Batistá, 1º de Outubro de 1941

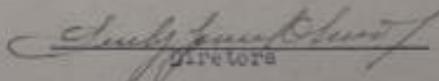
Ilmo. Dr. Castro Lima
M.D. Engº Chefe da Mina
NESTA VILA

A Direção e o Corpo Docente deste estabelecimento de instrução pública, profundamente agradecidos e reconhecidos da cooperação permanente que têm recebido de V.S., resolveram prestar-lhe uma homenagem dedicando-lhe uma mesa na sala de chá de quermesse que realizarão nos próximos dias 4 e 5 do corrente, em benefício da Caixa Escolar.

Confiantes de que V.S. agora, como até aqui, deseja participar do empenhamento patriótico e humanitário que estamos realizando - o engrandecimento da escola, vimos pedir que V.S. se digne emprestar-nos o material necessário à construção das tendas que ornamentarão a referida quermesse.

A falta de outro assunto, é-nos oportuno o encerrar para renovarmos os protestos da nossa melhor gratidão e da mais alta distinção.

Saudé e Fraternidade


Diretora

HAESLER & WOEBCKE LTDA.
PORTO ALEGRE

Porto Alegre, 22 de Outubro de 1940.-

Ilmo. Snr.
Br. Roberße Cardoso
DD. Diretor de Comercio Ad.de Emp. de Mineração.-
Porto Alegre.-

Referente:- Obras Colegio 200 al. BUTIÁ.-

Com a execução de diversos novos prédios para o Estado, observaram-se alguns detalhes interessantes e necessários de serem executados e que as especificações e orçamentos oficiais não cogitaram.-

Esses serviços tem sido feitos para o Estado e, vimos a v/ presença, propor-vos, também, mandeis executá-los.-

Annexamos um orçamento explícito dos trabalhos a que nos referimos.-

Sem outro assunto, firmame-nos atenciosamente.-

(as^o.) Ilegível.

27 de Maio de 1940.-

Ilmo. Sr.
Dr. Augusto Baptista Pereira
S. B. Eng^o Chefe das
MIRAS DE MITIA

Prezado senhor.,

Ref.: CONSTRUÇÃO COLLEGIO ELEMENTAR NAS MIRAS DE MITIA

Temos o prazer de levar ao seu conhecimento, que por determinação do nosso Director Dr. Roberto Cardoso, encarregamos a firma Messaler & Woebcke Ltda. para construir nessa localidade um Collegio Elemental para 200 alunos, pelo preço total de R\$.216:3679000.-

O local onde deverá ser executada a construção já foi indicado a V.S. pelo nosso referido Director e é justamente no ponto onde pretendíamos edificar o hospital.-

A construção desse Collegio deve ser feita de forma a se poder augmenta-lo quando for necessario e deverá ter o espaço sufficiente nos fundos para o preparo de um campo de recreio. (play-ground)

Para seu archiva anexamos a esta copia das cartas de 27 de Março pp^a, acompanhada do seu respectivo orçamento; copia das de 21 e 23 de corrente, que recebemos da firma Messaler & Woebcke Ltda. bem como das cartas que dirigimos a mesma firma em 22 e 27 deste mes, assim como a relação completa dos desenhos da referida construção.-

Solicitamos a attenção de V.S. para a descrição da forma combinada para a realização dos pagamentos a firma Messaler & Woebcke Ltda., cujas condições se acham descritas na carta de nossa, de 23 de corrente e aproveitamos para informar-lhe que os pagamentos serão por nós realizados, sómente, após receberem as contas o visto de V.S.-

sendo o que nos apresenta de momento a respeito, apresentamos a V.S. nossas

Attenciosas saudações.

P.S.- De conformidade com o combinado entre o Dr. Coelho de Sousa, 30. Secretario de Educação e Saúde Pública, e o nosso Director Dr. Roberto Cardoso, e nome do Collegio Elemental, de cuja construção tratamos acima, deverá chamar-se "BARÃO DE MAMÁ".

- C O P I A -

27 de Maio de 1940.-

-GG-WR-N° 339-

Illmos. Snrs.
Haessler & Woebecke Ltda.
Avenida Alberto Bins, 393
NESTA CAPITAL

Saúdações.

Ref. :- CONSTRUÇÃO COLLEGIO ELEMENTAR NAS MINAS DE BUTIÁ

Accusando em nosso poder vossa carta de 23 de corrente, indicando a forma dos pagamentos relativos á construção do Collegio Elemental nas Minas de Butiá, no valor total de Rs:- 216:387\$000, temos o prazer de comunicar-vos que estamos de inteiro accordo em realizar os citados pagamentos, conforme a discriminação feita por VV.SS.-

Sem outro particular nos subscrevemos com o melhor apreço e consideração, de

VV. SS.
Amos. Attos e Obds.

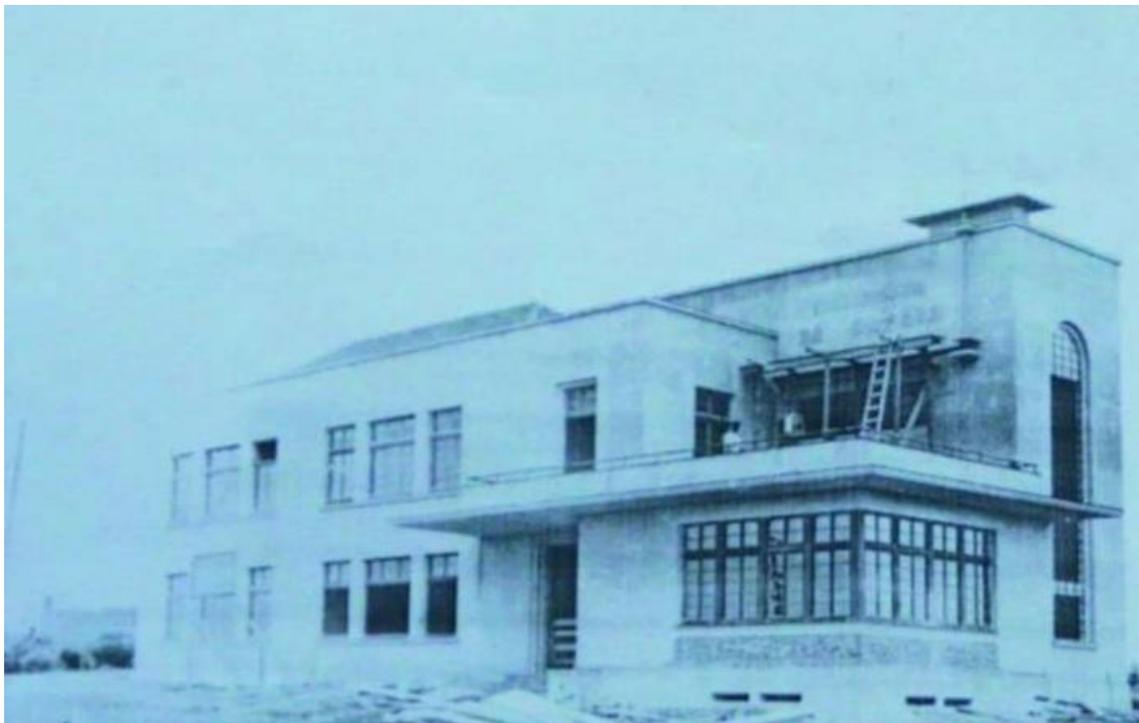
Conselho Administrativo da Imprensa do Município

"CADEM" - BUTIÁ

GRATIFICAÇÕES CONCEDIDAS ÀS PROFESSORAS E FUNCIONÁRIOS DO GRUPO ESCOLAR "VISCONDE DE MAUÁ", EM OUTUBRO PP.:

Maria M. Saraiva	100,00	<i>Maria M. Saraiva</i>
Eleonora Morech	100,00	<i>Eleonora Morech</i>
Vilma Trindade Carvalho	100,00	<i>Vilma Trindade Carvalho</i>
Vilma T. Carvalho	100,00	<i>Vilma T. Carvalho</i>
Nelly Paes	100,00	<i>Nelly T. Paes</i>
Sulamita Tavares	100,00	<i>Sulamita Tavares</i>
Maria Teresinha Jorgens	100,00	<i>Maria Teresinha Jorgens</i>
Lore Ribeiro	100,00	<i>Lore G. Ribeiro</i>
Gladis Paiz	100,00	<i>Gladis Theresinha G. Paiz</i>
Maria Teresinha Pijuan	100,00	<i>Maria Teresinha Pijuan</i>
Dalila de Lourdes Isse	100,00	<i>Dalila de Lourdes Isse</i>
Jacy Ribeiro Pinto	100,00	<i>Jacy Ribeiro Pinto</i>
Maria de Lourdes Kulsynski	100,00	<i>Maria de Lourdes Kulsynski</i>
Dulce Ennes	100,00	<i>Dulce Ennes</i>
Aidé Center	100,00	<i>Aidé Center</i>
Alvacy Bratkowski	100,00	<i>Alvacy Bratkowski</i>
Mair Martini	100,00	<i>Mair Martini</i>
Rony Gochman	100,00	<i>Rony Gochman</i>
Erica Nidbala	100,00	<i>Erica Nidbala</i>
Sônia B. Berni	100,00	<i>Sônia B. Berni</i>
Eloá B. Barcelos	100,00	<i>Eloá B. Barcelos</i>
Norma Gonçalves	100,00	<i>Norma Gonçalves</i>
Maria de Lourdes Fialho	100,00	<i>Maria de Lourdes Fialho</i>
Altiva Rodrigues	30,00	<i>Altiva Rodrigues</i>
Petrolina Pereira	30,00	<i>Petrolina Pereira</i>
Idelmira Teixeira	30,00	
Leonor Zoner	30,00	
José Nascimento	30,00	
Nilta Mota	30,00	
Sueli Leindecker	100,00	<i>Sueli Leindecker</i>
Dolores Nolan	100,00	<i>Dolores Nolan</i>
Odete Barbosa	400,00	<i>Odete Barbosa</i>
Vivaldina F. Vas	50,00	<i>Vivaldina F. Vas</i>
	<u>3.130,00</u>	

FOTOS









VÍDEO – PROJETO MEMÓRIA



Projeto Memória - EP7 - Escola Visconde de Mauá

Link: https://youtu.be/axoCfL_BT-g

CINE-TEATRO BUTIÁ

DOCUMENTOS

CLUBE DO CINEMA

Mensalidades correspondentes a NOVENBRO do c/sno

8	Dr. Mauré Stoltenberg	Cr\$	120,00
7	Dr. Ney W. Araujo	"	100,00
15	Oscar Carlos Ramazzini	"	60,00
16	Dr. Raul Arenovich	"	80,00
17	Carlos Pinto Chaves	"	60,00
25	Antônio Gomes Araujo	"	60,00
26	Ciriaco Souza	"	60,00
35	Ilo J. S. Baptista	"	60,00
37	José Cunha	"	60,00
48	João Demasman F2	"	60,00
52	Dr. José P. Leindecker	"	60,00
241	Antônio M. Silva	"	60,00
247	Antônio José Padilha	"	60,00
256	Frederico Richter Weiss	"	60,00
293	Antônio Ogendo Rodrigues	"	60,00
312	Aliprando Conter	"	60,00
395	Walter Cabeda	"	60,00
415	Severino Lopes da Silva	"	60,00
987	Jose Pedro Medeiros	"	60,00
1.009	Hilton Job Thome	"	60,00
1.204	Leonardo Biss	"	60,00
1.750	Romeu Valle	"	60,00
3.046	Lautério R. Silva	"	60,00
3.103	Mário Melero	"	60,00
3.173	Ubirajal Domingos da Silva	"	60,00
3.825	Adão Silva	"	60,00
	Dr. Carlos C. Rodrigues	"	60,00
	Francisco Salles	"	60,00
	Joaquim Santiago Perez	"	60,00
	Johan Otto Ulrich	"	60,00
	Jose Perez Rodrigues	"	60,00
	René Lombard	"	60,00
		Cr\$	2.040,00

Minas de Butiá, Novembro / 1957 .-

RECEBI

Minas de Butiá, _____ de _____ de 1957

Filmes exibidos no CINEA DO CINEMA

	T í t u l o	Dia	Desenvolvida	
			em	para
<u>JANEIRO/1956</u>				
	"Viva Vile", com Wallace Beery	3	6	Metro
	"Ódio no Coração", c/Tyrone Power e Gene Tierney	6	9	Fox
	"Princesa do Nilo", c/ Debra Paget (Colorido)	12	13	Jer.
	"Gênio na Televisão", c/Ginger Rogers, Clifton Webb, Ann Francis	15	16	Fox
	"Eva na Marinha", c/ Esther Williams e Joan Evans	19	20	Jer.
	"Marcha Triunfal" (Colorido), c/ Debra Paget e Clifton Webb	22	23	Fox
	"O Preço de um Homem", c/James Stewart e Janet Leigh	26	27	Jer.
	"Lágrimas Amargas", c/ Bette Davis e Sterling Hayden	29	30	Fox
<u>FEBREIRO/1956</u>				
	"Os Saltibancos", c/Fredrich March e Glória Grahame (c/ Leslie Caron, Pier Angeli, Farley	2	3	Fox
	"A História de 3 Amores"(Granger, James Masson e Noira Shearer	5	6	Metro
	"A Cêia dos Veteranos", c/ Oliver Hardy e Stan Laurel	9	9	Rádio
	"Vingança de Irmãos"	12	12	Rádio
	"Joe Sapato Não é de Briga"	16	16	Rádio
	"Meu Amigo o Leão", c/ Janet Leigh e Charleton Carpenter	19	20	Metro
	"O Rádio da Morte", c/ Charlie Chan	23	23	Rádio
	"Glória de um Covarde", c/ Andy Murphy	26	27	Metro
<u>MARÇO/1956</u>				
	"No Velho Colorado", c/ Glenn Ford e William Holden	1	3	COL.
	"Tensão em seus Lábios", c/ Linda Darnell e Garry Merrill	4	5	Fox
	"Espiões", c/ Louis Hayward e Louise Allbritton	8	9	COL.
	"Mergulho no Inferno", c/ Tyrone Power e Ann Baxter	11	12	COL.
	"O Grande Babe Ruth", c/ William Bendix e Claire Trevor	15	16	Rádio
	"Armadilha de Aço", c/ Joseph Cotten e Theresa Wright	18	19	FOX
	"Pecado Mexicano", c/ Dally Moreno	22	23	PRIMEX
	"Anjo do Mal", c/ Richard Widmark e Jean Peters	25	26	FOX
	"Família Lero-Lero" duplo c/ "Tico-Tico no Fubá" (Nac.) Charles Laughton, Anne Baxter, Farley	29	30	COL.
	"Páginas da Vida", c/Granger, Richard Widmark, Marilyn Monroe e Jean Peters	1º	2	Jer.

Filmes exibidos no CLUBE DO CINEMA

	T í t u l o	Dia	Devolvido	
			em	para
<u>ABRIL/1956</u>				
	"Sinhá Moça", c/ Anselmo Duarte	5	6	COL.
	"O Falhaço", c/ Red Skelton	8	9	METRO
	"Pecado de ser pobre" (Mexicano)-Duplo c/"Discrição Grantida"	12	13	Pelmex
	"México dos Meus Amores" (Tecnicolor), c/Pier Angeli, Ricardo Montalban, Cyd Charisse, Ivone de Carlos e Vitorio Gassman.	15	16	METRO
	"Missão na Coréia", c/Lon Mc Callister e William Bill Phillips	19	20	COL.
Jane	"A Jovem que tinha tudo", c/Elizabeth Taylor e Fernando Lamas	22	23	METRO
	"Pista do Renegado", c/Charles Starret e "Convite da Velha Índia"	26	27	COL.
	"Veleiro da Ventura", c/Spencer Tracy e Gene Tierney	29	30	METRO
<u>MÁIO/1956</u>				
	"Passado Tenebroso", c/ William Holden e Mina Fock	3	4	COL.
	"Travessuras de Cassados", c/Marilyn Monroe, Zsa Zsa Gabor, etc.	6	7	FOX
	"Luz Apagada", (COL.) e "O Amor Nasceu em Paris" (Jeromina)	10	11	-
	"Náufragos do Titanic", c/ Bárbara Stanwick e Clifton Webb	13	14	FOX
	"Rua dos Conflitos", c/ Randolph Scott	17	18	Canira
	"Almas desesperadas", c Richard Widmark e Marilyn Monroe			FOX
	"Amok", c/ Maria Felix			Pelmex
	"Tu és minha paixão" (Tecnicolor), c/Mario Lanza			Metro

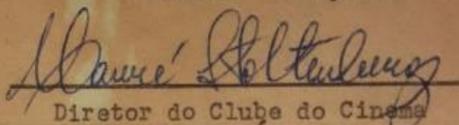
18 de julho de 1955 .-

- 2 -

Solicito a V.S. a fineza de tomar providências no sentido de organizar a escrita do Clube do Cinema em apreço, efetuando a cobrança das mensalidades pela forma acima indicada.

Peço ainda a V.S. o obséquio de, mensalmente, efetuar o pagamento ao Clube do Cinema da Jeromina dos alugueis dos filmes que aqui passamos e que provêm daquela Mina. Mensalmente a Jeromina nos mandará a relação dessa despesa que, para os devidos fins, será entregue a V.S., após ser visada pelo signatario desta.-

Cordiais saudações.


Diretor do Clube do Cinema
de Butiá.

de
vinte e
dois
10/9/56
Buckner

CLUBE DE CINEMA DE BUIÁ
AO
CLUBE DE CINEMA DE APOIO DOS RATOS

DEVE

.....Cr\$ 1.027,00
correspondente ao programa do mês de AGOSTO de 1956.-

Relação dos filmes:

"O felizardo" e complemento	Cr\$ 210,00-
"A jovem de branco" e complemento ...	" 210,00-
"A mulher absoluta"	rr. " 210,00-
"Mogambo"-Technicolor-	" 600,00-
	Cr\$ 1.230,00- 2/3 = Cr\$ 820,00-

Extras:

"Quero um milionario" e compl.	Cr\$ 270,00.
"A Bela e o renegado"	" 350,00.
	Cr\$ 620,00- 1/3 = Cr\$ 207,00.
	Total....Cr\$1.027,00.

Buckner

Leucadio
10/9/56

- R\$ 180,00 -

Vale a quantia de R\$ 180,00 (cento e oitenta cruzeiros), correspondente a serviços prestados ao Clube do Cinema, em A G Ô S T O p.p..

Minas de Butiá, 3 de setembro de 1956 .-

Idélcio Batista Souza

Idélcio Baptista Souza

~~Idélcio Batista Souza
p/ Engenheiro-Chefe~~

Lausado em
3/9/56
JL

CLUBE DO CINEMA

Mensalidades correspondentes a FEVEREIRO de o/ano

8	Dr. Maure Stoltenberg	Cr\$	120,00
7	Dr. Ney W. Araujo	"	100,00
15	Cesar Carlos Ramazzini	"	60,00
16	Dr. Raul Aronovich	"	80,00
17	Carlos Pinto Chaves	"	60,00
25	Antônio Gomes Araujo	"	60,00
26	Cirleco Souza	"	60,00
35	Ilo J. S. Baptista	"	60,00
37	Jose Cunha	"	60,00
48	Jobo Demmsen Pw	"	60,00
52	Dr. Jose P. Leindecker	"	60,00
241	Antônio M. Silva	"	60,00
247	Antônio Jose Padilha	"	60,00
256	Frederico Rochter Weiss	"	60,00
293	Antonio Ogendo Rodrigues	"	60,00
312	Aliprando Canter	"	60,00
395	Weiter Cabeda	"	60,00
415	Severino Lopes da Silva	"	60,00
987	Jose Pedro Medeiros	"	60,00
1.009	Hilton Job Thome	"	60,00
1.204	Leonardo Miss	"	60,00
1.750	Romeu Valle	"	60,00
3.046	Luterio R. Silva	"	60,00
3.103	Mario Melero	"	60,00
3.173	Ubirajal Domingos da Silva	"	60,00
3.825	Adão Silva	"	60,00
	Dr. Carlos C. Rodrigues	"	60,00
	Francisco Salles	"	60,00
	Josquim Santiago Perez	"	60,00
	Johan Otto Ulrich	"	60,00
	Jose Perez Rodrigues	"	60,00
	Rene Lombard	"	60,00
			<u>Cr\$ 2.040,00</u>

RECEBI Minas de Butia, Fevereiro/1958.

de Data 6/2 de 3 de 58

FOTOS



Fig. 11- Cine Butiá
Fonte: Associação Cultural Butiaense – ACUB





CINE CINE-TEATRO BUTIÁ TEATRO



O prédio do novo cine-teatro foi contruído pelo CADEM na década de 1940, equipado para ser um moderno cinema e teatro. Realizavam-se também formaturas, apresentações de música e até mesmo movimentos políticos e cívicos.



REALIZAÇÃO:

BUTIÁ PRO cultura

GOV RS
NOVAS FAÇANHAS
NA CULTURA

INAUGURADO O CINE-TEATRO BUTIÁ

"Cine Teatro Butiá para a população e a mais expedita por via. Realizou-se. Das coisas para se a...



Uma vista do magnifico prédio onde foi instalado o moderno cinema BUTIÁ.

Ainda como parte do moderníssimas não des- a casa dos vasto programa de as- xam, absolutamente, Cr\$ 165.000,00. Suas instalações ao mineiros nada a desejar. acomodações compor e suas famílias o "C." As características, por tam, facilmente, 800 A. D. E. M." inaugurou, si mesmas, falam bem pessoas, podendo acor- recentemente, um ma- alto de sua grandexa, modar até 1.000, guifios cinema nas Mi- O prédio custou O serviço de renova- nas de Butiá, cuja cons- Cr\$ 300.000,00 e sua ção de ar é perfeita e no- trução e aparelhagem instalações alcançaram processo naturalmente.

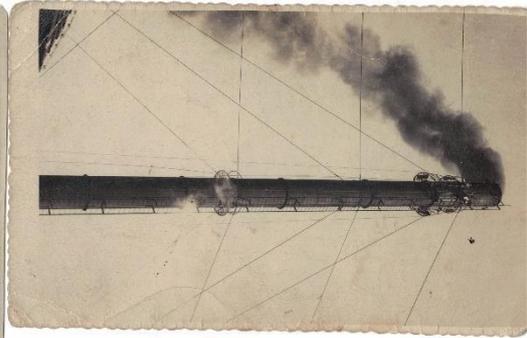
através da aparelh- cética, eficiente e mo- mento especial e mo- derníssimo, proporcio- Coube à firma Ely, com a mundo, de nando uma temperati- ções à Cia. de São Paulo, mantido atra ra agradável aos fru- Paulo, fornecer o que- quantadores. Não se reflicente idêntico, das portantes temeritas poderia desejar para o melhoria e mais mo- strarem alguns ston- hor dominação. Ela é O real significado do...



No ato inaugural do novo cinema, se observou das coisas e sua famílias, com os...



Um aspecto interno da grandiosa sala de projeção do cinema recentemente inaugurado.





VÍDEO – PROJETO MEMÓRIA



Projeto Memória - EP6 - Rádio Sobral

Link: https://youtu.be/xVcUo_wIBvw

ANEXO I – AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA VENCESLAU BRÁS PARA EXECUÇÃO E PUBLICAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA, CONTIDO NESTA DISSERTAÇÃO



ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL VENCESLAU BRÁS
Travessa Marechal Deodoro da Fonseca, nº 60 - Vila Julieta - Butiá/RS
Telefone: (51) 3652-2400

E-mail: venceslaubras12cre@educacao.rs.gov.br

CNPJ Nº 92.941.681/0001-00

AUTORIZAÇÃO

Eu, Cristina de Almeida Ferreira, diretora da Escola Estadual de Ensino Fundamental Venceslau Brás de Butiá-RS, autorizo, Alan Nunes Bica, professor de história nesta instituição, matrícula funcional de nº 3870901, CPF 013993340-93, RG 8089252236, residente na Rua Marechal Floriano, nº 272, bairro Bela Vista, Butiá-RS, a utilizar as informações obtidas através da execução do projeto **“Sociedade Carbonífera, ensino de história e educação patrimonial: memória e esquecimento na compreensão das relações de classe, gênero e raça na cidade de Butiá-RS, no período entre 1936 a 1964 através da construção de maquetes por alunos do 6º e 7º anos do ensino fundamental”**, realizado ao longo do ano de 2021 com os alunos desta escola, para fins de usufruto em dissertação de mestrado, de mesmo nome, Mestrado profissional em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Não está incluída nesta autorização, a permissão para a divulgação de nomes de alunos e/ou professores colaboradores, familiares e/ou responsáveis.



DIRETORA

Cristina de Almeida Ferreira
Diretora
Id. Func. 2754452/01